Collecção Antonio Maria Pereira
CAIEL
RETALHOS DE VERDADE

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O juden.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — THEATRO: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — THEATRO: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — THEATRO: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — THEATRO: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — THEATRO: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas á margem em varios livros da sua biblioteca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reproducção zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reproducção como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Esgotado.
6 — Esgotado.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — sEgotado.
16 — Esgotado
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Esgotado
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pier reLoti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet.

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 65.º Volume

RETALHOS DE VERDADE

COMPOSTO E IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA
DA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta — 44 a 54

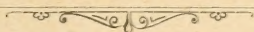
LISBOA

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

Pestana, Alice

CAÏEL; pseud.

RETALHOS

DE

VERDADE

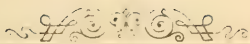
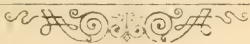
1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria Editora e Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a electricidade
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

Ao

Dr. Bernardino Machado

Tributo do mais entranhado affecto

CAÏEL.

A Vida por um Prejuiso

I

O pae entrara novo na diplomacia. Já viuvo occupara postos de importancia representando Portugal no estrangeiro.

Ella era filha unica. Os annos viçosos tinham-lhe corrido entre os sorrisos leves com que na sociedade elegante se preenchem ocios seculares.

O pae tinha-lhe mais que amor, adoração fanatica. Era até um quasi nada ridiculo descrevendo a toda a gente o conjuncto de perfeições que era a sua Chica. Bastante conservador no intimo, estimava-lhe todavia certo arranque que ella sempre tivera para ideas novas, independentes, cousa rara para o sexo, para o meio e mais ainda para o paiz. Vira até sem desgosto lá por fóra, o interesse com que ella se approxímara de certas mulheres notaveis do feminis-

mo, francezas, inglezas e americanas. Attribuía a taes relações muito d'aquelle ar nobre, varonil, que a extremava singularmente entre as senhoras da sua roda.

De muito longe viera sonhando para aquella filha um marido extraordinario, sangue real talvez, algum que ella emfim escolhesse e premiasse, muito por cima do grupo de adoradores banaes, mais ou menos pobretões, que a rodeavam nas festas das embaixadas. A circumstancia de ser pobre não lhe entibiava os vôos. Na sociedade cosmopolita em que viviam passavam homens de riqueza solida que podiam satisfazer o capricho de obedecer a meros impulsos sentimentaes. Era um d'esses que elle esperava com fé inconcussa ainda no anno memoravel em que a Chica completou vinte e cinco annos.

Occupava por esse tempo uma legação na Europa central. Foram passar a epoca balnear a Cascaes. Quando lá viu a Chica acolher com certa condescendencia a côrte que lhe fazia impetuosamente o Antonio Pinheiro, um *sportman* que tinham conhecido em casa das primas Noronhas, franziu o sobrolho, impacientado. Mas não deu uma grande importancia ao successo. O rapaz dava na vista no meiosinho cascaense.

Vestia á ingleza, tinha um ar muito *smart*, e só deixara o monoculo no dia em que ouvira dizer á Chica, com um tom entre grave e escarninho não poder tomar a serio pessoa munida de semelhante adminiculo. Era natural que o pretendente quizesse ser tomada a serio. Mas o provavel era que ella se divertisse.

Quando o nosso hirto e engravatado diplomata, do alto do seu collarinho inflexivel, começou a perceber que o caso não era tão simples, entrou-lhe certa inquietação e mau humor. Mas não podia render-se á evidencia, acreditar que aquelle vulgarissimo episodio da sua vida veraneante, cultivado no *Sporting* e na Boca do Inferno, seria cousa que viesse a tomar corpo e forma social. Nem n'isso queria pensar.

Um dia, talvez por algum sonho inquietador, aquelle homem previdente levantou-se da cama com umas grandes fumaças de auctoridade paternal. N'uma grave entrevista com a Chica antes da hora do banho, interpoz o seu *veto*. E julgou que ia ter um ataque fulminante quando a filha, entre lagrimas de uma sentimentalidade romantica, feminina, muito á antiga, lhe declarou firmemente que ou casaria com o Antonio Pinheiro ou ficaria solteira.

Que fazer? A situação apresentava-se quasi desesperada. Recorreu á medicina mais acreditada em taes casos: uma viagem longa. Com as suas economias na algibeira, o grave diplomata dispoz-se logo a jogar essa ultima cartada. Ia animado. Tinha em pouca conta a firmeza das mulheres. Em qualquer estação, suissa, italiana, ou allemã, esperava sempre ver surgir o seu principe encantado.

Ao cabo de seis mezes voltou. Parecia-lhe que decentemente não podia estar mais tempo fóra da embaixada. Vinha agora abatido, com o coração retalhado pela mais dura das abdicações.

N'aquella guerra surda triumphara o amanuense de Lisboa. A Chica voltava com alguns kilos menos, um fastic pertinaz, e uma tristeza muda e cavernosa com todas as tendencias para tornar-se chronica.

Consultaram-se medicos. A sciencia poz os oculos, auscultou, e não encontrou lesão organica. Depois de matutar recolhidamente, aconselhou ares patrios. A sciencia tambem acerta algumas vezes.

Ora aquelle pae, que era, como todos, *um pobre pae*, transferiu-se logo a Lisboa e tratou de ver como lhe levantariam decentemente na se-

cretaria o ordenado d'aquelle presumptivo genro que lhe caia do Inferno, arrasando as melhores esperanças de toda a sua vida.

Revolvendo meio mundo, conseguiu elevar aquella mesquinha quantia a uns quarenta mil réis sem descontos. E simultaneamente resolvia apartar cada mez dos seus ordenados uma quantia de alguma importancia que engrossasse e dignificasse aquella.

Quando o casamento se effectuou em Lisboa já o genro tinha logrado insinuar-se completamente no animo do sogro. Os amigos portuguezes, quando o viram partir quasi alegre para o seu posto diplomatico, entenderam-no conformado. Elle effectivamente ia na idea de que a sua Chica encontrara o marido que a Providencia lhe tinha destinado. Os paes, quando vêem que certas cousas não tem remedio, assacam toda a responsabilidade á Providencia e bandeiam-se com ella.

As luas de mel são em geral deliciosas. Aquella tambem o foi. Havia amor e dinheiro em abundancia. Figurava ainda um resto das economias paternas, sobrante d'aquella inutil viagem de resistencia.

O Antonio tambem trouxera a sua percentagem. Possuia, como unico patrimonio, uma

inscripção de um conto de réis. Vendeu a sem vacillar. Aquillo, como capital, não valia nada. Reduzida a dinheiro corrente, dava-lhe certo ar de noivo endinheirado. Queria comprar flores caras e metter se n'uma carruagem sempre que lhe apetecesse, á hora de andarem os amigos pelas ruas. Gosava muito acenando-lhes então n'uma atitude de saboreada commodidade.

Depois, tivera tambem a feliz idea de ir até ao Minho, participar á tia Amalinha o projectado enlace, empregando pacientemente a corneta acustica. E trouxera de lá outra inscripção, outro conto, logo reduzido a metal sonante, para pôr com certos toques de luxo a casa, e offerecer á noiva uma joia com muitas pedras, que o *Illustrado* descreveu minuciosamente.

Não queria que o casamento rebaixasse a sua mulher aos olhos meticulosos dos amigos aristocratas. Quiz a ceremonia nupcial com muito estadão. Houve muitos convites, muitas carruagens de libré, e muitos doces complicados, servidos pelo Ferrari.

A noiva desapprovava alguns gastos; mas o Antonio dirigia tudo, com um autonomismo que não parecia propenso a concessões. Queria que n'aquellas cousas apparecessem como quem eram — dizia.

Passaram a lua de mel em Cintra, no Nunes. Depois estabeleceram-se n'uma boa casa que tinham alugado na rua Ivens, muito alindada com os primores do *corbeille*. Tinham cozinheira, criada de fóra de touquinha e avental branco, e um gato preto, roliço, com coleira encarnada de guiso. Animavam diariamente a sala flores frescas dispostas com graça, e variedade de jornaes estrangeiros, entre os quaes *La Fronde* e *Le Journal des Femmes*.

Elle, para estar em tudo á moda, era um pouco jornalista tambem. Andava muito mettido pelas redacções. Publicara alguns artigos, assignando-os com o engenhoso pseudonymo *Toniopi*, ultimas syllabas do seu nome e primeira do appellido. E pensara já varias vezes em *emprehender* uma revista que levasse á frente, não o pseudonymo, mas o verdadeirissimo *Antonio Pinheiro* sem subterfugios. Entre republicanos mostrava-se republicano tambem. Tinha o defeito ou a virtude de contemporisar com as opiniões ambientes. Não desgostava de comicios e outras reuniões onde oradores fluentes falavam muito de liberdade com gestos amplissimamente convincentes.

II

Um dia... Ha dias funestos, com influencia decisiva na vida de certas familias.

Um dia o nosso bom diplomata influiu cruel e inesperadamente nos destinos d'esta.

De repente cessou a providencial mezada, justamente no mez em que o Antonio tinha mandado fazer um sobretudo forrado de seda, e a cozinheira pedira augmento de soldada, alegando a sua comprovada pericia em massas e dôces delicados.

A noticia da morte subita do dignissimo diplomata caíu como um raio na casa da rua Ivens. A' pobre Chica não lhe occorreu, em taes momentos, deitar contas ao dinheiro; não pensou na mesada. O que logo viu, com uma dôr immensa, em que talvez havia parcella de remorso, foi que acabava de perder o melhor amigo que nunca tivera.

Para maior desconsolo, o Antonio muito preoccupado com os gravissimos problemas que aquelle subito successo lhe acarretava, nem um só dia deu áquella immensa angustia filial a solicita attenção que ella merecia.

Não seriam justas e devidas taes lagrimas? Pois até parecia que o impacientavam. Demorava-se então em casa o menos possivel. E pouco tinha de carinhoso o tom em que elle emittia frios raciocinios philosophicos: Eram cousas duras, mas naturaes; não havia mais mais sem remedio que curvar a cabeça.

E a Chica ia curvando a sua, immersa n'aquella magoa, cada dia mais insupportavel, remedio.

Vieram distrahil-a forçosamente preoccupações materiaes.

O Antonio, por muito favor, ganhava quarenta mil réis na secretaria. Do sogro recebia mensalmente sessenta.

Com a administração zelosa e intelligente da Chica, tinham vivido confortavelmente. A falta da mesada paterna não podia deixar de ter ali o valor de um phenomenal cataclismo.

Atrás de pequenas difficuldades, depressa surgiram as grandes. A passos agigantados a situação tornou-se gravissima.

Como sustentar duas criadas? A cozinheira foi despedida. Subido um pouco o ordenado, a criada de fóra consentiu em fazer tambem a comida, sob condição de que se sugeitassem os *menus* a uma exemplar singeleza. Esta condição era tambem reclamada pelas circumstancias economicas da casa.

A Chica arranjou o vestido do lucto n'uma modista barata. Fez ella propria o chapeu de escomilha. Toda a sua preoccupação agora era gastar pouco. Calculou supprimir durante muito tempo a conta do sapateiro, não saindo. De comida, cortava para si todas as cousas caras, pretextando, para não ouvir os commentarios inuteis do Antonio, que essas cousas lhe faziam mal. Não punha em si cousas que tivessem de ir á engommadeira. Reduziu o numero de bicos de gaz accesos toda a noute. Deixou completamente de comprar flores.

E, com todas estas medidas e outras da mesma indole, não conseguia vencer o terrivel deficit, nunca inferior a vinte mil réis mensaes na conta corrente.

O Antonio commentava a seu modo os gástos, mas contribuia pouco para o equilibrio orçamental. Estava muito longe de poder chamar-se em nenhum sentido uma pessoa de boa boca.

A' mesa era impertinente e queixoso. Reclamava contra o azeite e a manteiga, se não eram de primeira qualidade. Tinha o mau sestro de cheirar a comida antes de a provar. Queria queijos finos e gostava de doce á sobremesa, uns dias por outros, já que não sempre. Só bebia vinho puro. Era apuradissimo no chá e no café. Punha camisa limpa todos os dias, engommada a polimento. Impacientava-se porque a criada, que era ao mesmo tempo cozinheira, servia á mesa peior do que antes; e protestava o proposito de tomar um criadito para a ajudar. Resmungava, se via o gato tristonho porque lhe não tinham comprado peixe. E era de tal calibre o *Seraphim* que, á falta de carapau, havia que comprar-lhe linguado ou pescadinha.

O cruel problema financeiro, sempre pendente, punha no ar um constrangimento plumbeo. Raras palavras trocavam os dois, que se não referissem ao mesmo thema, irritante, insoluvel.

O Antonio considerava a mulher uma pessima administradora. E dizia-lh'o sem hesitação. Punha-lhe exemplos para convencel-a. Um alferes ganhava menos que elle. E essas familias viviam. Parecia até que logravam certo desafogo. Viam-se aos domingos na Avenida, e aos

dias de semana entravam nas confeitarias a tomar pasteis. Lá sabiam arranjar-se. E ainda lhes chegava para irem tomar ar até Algés ou ao Campo Grande. E alguns, em dias assignalados, deitavam a Cintra.

A Chica sustentava que, para taes façanhas, ou havia outros rendimentos ou estava a gente crivada de dividas. Elle encolhia os hombros, sublinhando com um tregeito despresivo dos labios a sua descrença em qualquer dos termos do dilemma.

Acendia-se mais no Antonio a antiga mania jornalistica. Occorria-lhe agora fundar uma revista com o Sequeira. O Sequeira tinha pouca base, mas era homem avançado, sempre disposto á diffusão de idéas; e com dinheiro sempre disponivel, que era o essencial.

Elle poria o trabalho, — tinha muito tempo livre da secretaria —, e o outro poria o resto. Ideava cousa muito pratica, genero *magasine*, armazem que alojasse fazenda para todos os gostos, para todas as necessidades. Havia de metter-lhe muitas secções; variedade, muita variedade: politica, modas, *sport*, chronica religiosa, chronica tauromachica, chronica musical, boletim do estrangeiro, receitas de cozinha, charadas, folhetins espectaculosos, e uma chro-

nica da caridade, invenção sua de que as mulheres de certa ordem haviam de gostar. Tudo estava em começar com algum tacto. Primeiro, certo sacrificio; depois viriam os lucros.

Os commentarios da Chica, inimiga de mais uma revista como tantas, sem ideal, sem objectivo elevado, contribuindo a entreter e fomentar nos espiritos a terrivel insignificancia portugueza, não dissuadiam o Antonio. Retorquia-lhe com muita sufficiencia que o espirito pratico, que ella não tinha, era absolutamente indispensavel na vida. Era movendo bem aquelle negocio da vevista que elle esperava nivelar o seu orçamento desequilibrado por tantas causas a que era estranho. Esperava aliás pagar depressa ao Sequeira — sempre bolsa franca — o que já lhe devia.

Depois, já desafogados. voltariam a viver como antes. Queria que ella saisse, que apparecesse, que tivesse vestidos elegantes. Deviam convidar os amigos para casa. O Sequeira havia de vir jantar pelo menos duas vezes por semana. O Sequeira era muito sensivel a attenções.

Continuava a demorar-se em casa o menos possivel. As expansões carinhosas tinham desapparecido. Pesava sempre nos dois aquella negra obcessão do dinheiro: ella cogitando. sem

encontral-o, o meio de fazer economias novas; elle sustentando que por força havia erro de administração em deficit tão consideravel.

Começou no espirito da Chica a lavrar fundo um fermento de revolta. Devia acceitar aquella situação? Era isso digno? Era sequer logico e coherente? Cruzar os braços, curvando a cabeça a tão humilhante sacrificio, mão estendida para a esmola como mendiga? Solteira, não teria já procurado sair de difficuldades, trabalhando? Não era natural que casada, procurasse contribuir ao equilibrio economico da sua casa? E com que gosto trabalharia para o amado conforto do seu lar!

Um dia em que o Antonio lhe repetia, taciturno, que tinham de supprimir despezas, pagar menos á criada, largar os jornaes que elle leria fóra de casa, fazer emfim qualquer cousa para deitar mão ao implacavel deficit, ella communicou-lhe os seus planos já muito pensados e debatidos em noutes de mau dormir: conhecia bastante o Francez, o Allemão, e o Inglez; pouco lhe faltava para ser uma pianista. Não se lhe impunha que lançasse mão de taes recursos, contribuindo para os gastos da casa com o fructo de algumas lições?

Ao ouvir tal proposta, o Antonio explodiu

na mais violenta objurgatoria. Parecia que a Chica queria expressamente atormental-o. Pelas cinco chagas que não tornasse a falar-lhe em semelhante desproposito. Bem lhe bastavam já tantas apoquentações da sua vida! Não estavam em Inglaterra ou nos Estados Unidos. Viviam em Portugal; tinham que sujeitar-se á sua tradição, aos seus costumes. Não discutia agora se esses costumes eram bons ou maus. Constituiam a lei, que não é afinal o que resam os codigos, senão o que a nação pratica e consente.

— Que diriam os seus amigos, se elle se sujeitasse a semelhante humilhação? Porque era sobre elle que principalmente cairia o odioso. E os parentes d'ella? e as suas relações da alta sociedade? Com que compungidas phrases lamentariam o seu triste destino! O trabalho ainda era considerado em Portugal uma desgraça, uma escravidão. E a mulher escrava perdia todo o prestigio. Com surpreza encontraria na rua conhecidos que voltariam a cara surrateiramente para a não comprimentar. As amigas não tornariam a insistir para leval-a de carruagem á Avenida ou ao Campo Grande, nem lhe dariam lugar no camarote em S. Carlos. Em Portugal ainda a mulher não podia fazer con-

correncia ao homem trabalhando para ganhar a vida. Perdia em consideração o que ganhava n'uns mesquinhos cobres. Ainda a sociedade portugueza não estava preparada para esse estado de cousas.

— Elle tambem era, até certo ponto, feminista. Mas desde que queria viver no seu paiz, tinha que sujeitar-se ás imposições d'esta sociedade. Haveria homens que supportassem o ridiculo; elle, não.

A Chica ouvira impassivel aquella catilinaria com os olhos cravados firmemente no chão. Quando o marido parou para tomar folgo, ella interpoz com decisão — E não seria muito mais indecoroso amontoar dividas sem possibilidade imaginavel de pagal-as? Sempre lhe tinham parecido os maiores responsaveis do atraso de uma sociedade os que por fraqueza se submettiam ao dictame de idéas tão erradas, tão completamente absurdas. Se o ganhar dinheiro era honra e dignidade para o homem, como deixaria de o ser, nas mesmas circumstancias, para a mulher?

O Antonio decretou que a Chica estava dizendo desvarios. Ainda não estava Portugal maduro para philosophias feministas. Tinham que ver o paiz tal como elle estava, não com

lunetas de augmentar. Isso era o que elle chamava pôrem-se na razão das cousas. Se fosse inglez ou norte-americano, obraria sem duvida de maneira muito diversa. Portuguez, não podia prescindir do meio portuguez.

Com desusada firmeza, a Chica sustentou que nunca inglezes nem norte-americanos teriam prosperado nas vias do progresso, sem o arrojo e isenção d'aquelles seus compatriotas que primeiro se puzeram em brecha contra estultos preconceitos e imposições rotineiras e absurdas.

O Antonio impoz-lhe então, auctoritario, que não voltassem áquelle assumpto. A sua opinião firmissima já a sabia; pretender levar por diante semelhante teimosia, seria preparar entre os dois uma situação insupportavel...

E não era já tudo aquillo insupportavel? A Chica não formulou a pergunta; mas isso dizia o olhar firme, impregnado de tristeza e reprovação, que ella cravou no marido sem pestanejar.

Elle então, quiçá no proposito de attenuar um pouco o effeito da rudeza anterior, disse após um suspiro fundo: «Para certas cousas é preciso ser heroe... E eu reconheço que não o sou.» Depois, sem olhar: «Até logo. Tenho

o Sequeira á minha espera... E' verdade...
Ámanhã trago-o cá a jantar. Vê se arranjas qualquer doce para a sobremesa. Isso, e qualquer prato a mais. Não é preciso estar com grandes cousas.»—E saiu.

Ella ficou inerte, na cadeira baixa onde estava sentada, com as mãos apertadas entre os joelhos, pasmada. De repente, rompeu n'um d'estes choros convulsos, desalentados, enormes, em que os grandes, sobretudo as mulheres, tanto se parecem ás vezes com as creanças.

III

Occorreu uma variante em situação de tanto apuro.

Inesperadamente chegou do Minho uma carta de letra bojuda com muito realce de grossos e finos. Era o administrador da tia Amalinha a participar que a santa senhora tivera um ataque e estava em artigos de morte.

O successo vinha importuno porque o Antonio Pinheiro, de camaradagem com o seu *fidus Achates*, o inseparavel Sequeira, tratava por aquelles dias de dar á luz o primeiro numero da *Revista das Familias*, em que elle figurava de redactor principal, e o outro de proprietario.

A indecisão foi breve. Resolveu partir immediatamente. A *Revista* que esperasse. Primeiro estavam os seus deveres de sobrinho unico.

Perdera cedo paes e avós. Pertencia a uma familia extincta. A tia Amalinha, irmã da avó materna, era unica representante da sua ascendencía. A pobre senhora. em tão avançada idade — por volta dos oitenta —, não contava com outro parente proximo.

Costumara passar temporadas com a tia Amalinha na quinta Mas aquella atmosphera de rosarios e ladainhas, sempre obrigada á convivencia das criadas minhotas, não era adequada ao seu temperamento, talhado para exigencias mundanas.

Agora ía, tinha que ir. Não podia deixar de assistir aos ultimos momentos da pobre senhora.

De mais a mais, lá não tinha gasto nenhum. Bastava-lhe pedir mais uns tantos mil reis ao Sequeira. para não ir de todo desprevenido na viagem. Tinha que tomar primeira classe por causa dos conhecidos. Bem sabia que no estrangeiro se viajava em qualquer classe. Mas em Portugal, á gente que se presava, impunha-se a primeira classe. Até os revisores olhavam para as pessoas de outra maneira. Era — vocencia para aqui, vocencia para ali. Reconhecia em tudo que nascera para a vida quintessenciada. Abominava cada dia mais a mo-

notona secretaria. Se ao menos estivesse no ministerio dos Estrangeiros, onde se não trabalhava qüasi nada, e se passava a vida entre gente de luvas, escrupulosamente engravatada! Mas no ministerio da Justiça! Um horror! gente que não lavava os dentes nem limpava as unhas!

Até lhe vinha bem aquella viajata que o livrava das odiosas maçadas da secretaria. Pena que a tia Amalinha se não tivesse disposto a morrer uma semana mais tarde! Teria tido tempo de dar saida ao primeiro numero da *Revista*. Mas o capricho das cousas puxara para outro lado. Só tinha um expediente: conformar se e partir.

Foi o que fez, levando na algibeira alguns mil reis que augmentavam a sua divida ao Sequeira, e em todo o systema nervoso uma excitação inquietante como prurido de brotoeja. E' que n'aquella viagem acelerada vinha elle pensando quasi desde que tinha memoria. Era um acontecimento necessario, esperado com impaciencia através dos annos, desde o seu tempo de estudante. Já n'aquella epoca, sempre que recebia um telegramma, cuidava que era do administrador a participar-lhe a morte ou a doença desesperada da tia Amalinha.

Mas a boa senhora obstinara-se em ir vivendo, vivendo placidamente, entre as orações da manhã e o Rosario que entaramelava ás tardes, rodeada pelas criadas e alguns empregados das fazendas.

Quando o Antonio Pinheiro agora chegou á Quinta dos Suspiros, encontrou assombrada a sciencia minhota d'aquelles contornos. Estava esta ali dignamente representada nas pessoas de tres graves doutores que duas vezes por dia rodeavam o leito da enferma. Contra os tres gravissimos prognosticos, a tia Amalinha ousara melhorar consideravelmente. Recuperara o uso da fala e o pouco que sempre possuira de faculdades intellectuaes. Na face circumspecta da sciencia notava-se muita estranheza e algum despeito.

O Antonio estabeleceu-se no quarto da tia Amalinha como o mais zeloso dos enfermeiros. Dia e noute não lhe abandonava a cabeceira. E a anciã parecia muito sensivel áquelles cuidados. A's vezes estreitava-lhe a mão entre os dedos engelhados e tremulos, e chamava-lhe *o seu Antoninho*. Depois chorava e ria ao mesmo tempo, communicando aos nervos susceptiveis do Antonio um intenso mal-estar.

Vieram novos ataques. Entre melhora e

peiora passaram dois longos mezes, em que o bom sobrinho persistiu, com tenacidade admiravel, no seu posto de infatigavel enfermeiro. As criadas velhas elogiavam muito *o menino*, que bem se via ser o que ellas sempre tinham imaginado — um coração de pomba. O director espiritual da boa senhora, frequentador assiduo da casa, é que não fazia o menor echo a estes gabos. E punha seus reparos.

O mal ia avançando. Por fim a tia Amalinha soffreu longas crises lethargicas, em que parecia que toda a idea de parentesco se lhe tinha varrido. Mas o Antonio não fraquejava. Esperava tranquillo, com paciencia, com fé.

O seu caso não era um d'estes casos melindrosos, bicudos, em que á viva força se pretende extorquir um testamento. Nada d'isto.

Com os seus velhos habitos de inacção provinciana, a tia Amalinha era completamente incapaz de meditar e realisar um testamento. Mas isso, a elle, que podia importar-lhe? A santa senhora não tinha mais herdeiro que o seu Antoninho, herdeiro necessario que saberia galardoar os antigos serviçaes, sem que fosse compellido por disposições testamentarias. Essa confiança decerto lhe estava socegando muito os ultimos momentos, a ella.

O que o Antonio esperava todos os dias era que a tia Amalinha, em algum momento de reviviscencia, lhe fizesse certas recommendações. Havia de querer pelo menos um cento de missas. E talvez lhe occorresse contemplar com um donativo especial o administrador.

Mas a tia Amalinha, quando melhorava e estava lucida, d'aquella luz tibia que fôra o seu modesto quinhão de potencia intellectual durante a vida, como que refugia do tremendo assumpto da morte. O que ella dizia era que ainda esperava pôr-se melhorzinha e ir a Lisboa ver a Chica, aquella sobrinha de quem tanto ouvira falar e que ainda não tinha o gosto de conhecer.

E elle vinha-lhe desembaraçadamente com a mentira que ideara para justificar a ausencia da mulher: um adiantado estado de gravidez que tornava incommoda e até perigosa uma tão longa viagem de caminho de ferro. E, para explorar bem este filão sentimental, já tinha dito á tia que, se o que estava para vir fosse femea, se chamaria Amalia, *como a avósinha.*

A ausencia da Chica no solar da tia Amalinha era intencional e calculada por parte do Antonio. O caracter independente da mulher, absolutamente refractario a curvaturas de espi-

nha, as suas ideas modernas de emancipação feminina, destoando por completo do meio archaico da *Quinta dos Suspiros*, podiam innocente ou conscientemente deitar tudo a perder. Longe estava bem.

O peior era que aquella mentira da gravidez, aparentemente tão simples, já lhe estava dando que fazer. Ao chegar, tinha dito que dentro de um mez, o mais tardar dois, seria pae. E as criadas velhas interessaram-se logo muito, sempre importunando-o com perguntas, querendo saber todos os dias se a senhora já dera á luz. E no oratorio tinham dia e noute uma lamparina á Senhora dos Afflictos, rogando por que a companheira do *menino* tivesse uma hora feliz.

Isto pesava-lhe, impacientava-o. Elle não era um mentiroso inveterado, que folgasse com a mentira. Mentia com desembaraço notavel quando lhe era preciso. Mas sustentar a mentira incommodava-o como cousa plebeia, despresivel. Agora trazer envolvidos no embuste Deus e os santos, isso desagradava-lhe profundamente. Era um pouco supersticioso; aquella graça ia-lhe parecendo já um tanto pesada.

Não tinha remedio. Havia de sustentar o seu papel de presumptivo papá até ao fim. E, para esquivar-se a uma importunação diaria, com-

municou ás criadas que tinha havido engano de um mez.

Calmava o remordimento supersticioso refletindo para os seus botões que qualquer homem no mesmo caso faria cousa igual ou parecida. Elle necessitava absolutamente de estar só em campo para ter o jogo seguro.

Velando as noutes junto á respiração ofegante da pobre senhora, entre o resomnar orchestral das criadas, tinha visões deslumbradoras. Antegosava com exquisito deleite impressões que em breve seriam realidade. Encantava-o já a completa transformação que ia soffrer a sua vida. Tambem a pobre Chica ia reviver, coitada!

Teriam carruagem e camarote em S. Carlos. Ou talvez antes frisa. Preferia as frisas, pela animação da plateia. Marcariam um dia para receber, á noute. A' tarde, á hora do chá, estava ainda na secretaria. Pelo seguro, não queria logo ao principio deixar os quarenta mil reis da negregada secretaria. O que faria era faltar mais alguma vez; isso sim. O chefe era amigo; faria vista grossa, sobretudo desde que o soubesse um homem rico. Logo que tivesse tomado pulso á situação, veria o que podiam todos os annos reservar para viagens. Viajar

era indispensavel. Portugal era uma posilga. Tambem lhe sorria muito ter automovel, d'estes pequeninos, accommodados, urbanos, proprios para fazer mansamente visitas.

Mas não queria metter-se em grandes cavallarias sem apurar ao certo a quanto montavam as rendas da tia Amalinha. Tudo o que sabia era que a bem-governada senhora tinha hectares e hectares de terreno, fertilissimos todos, alguns predios de casas ruraes e urbanos, tudo o quê corria por conta de um administrador de face patibular.

Casa propria em Lisboa, isso sim; isso havia de ser um dos seus primeiros cuidados. Podendo, ninguem devia estar nas garras de senhorios. Melhor ou peor, sempre poderiam ter casa sua.

Outra cousa que não dispensaria era criado de mesa. E podia tel-o de casaca, passando-lhe as suas um pouco usadas. Assombrava-o como alguns companheiros de secretaria, dos que usavam annel de solitario no dedo, podiam aguentar uma criada chinelenta a abrir-lhes a porta. As suas andavam limpamente vestidas, e, ainda assim, detestava-as porque lhe pareciam plebeias.

Outra necessidade urgentissima era fornecer

decentemente o seu guarda-roupa. Adoptaria vestir-se á ingleza. N'este ponto sempre lhe parecera que a Inglaterra andava muito por cima das outras nações.

Provavelmente nem chegaria a collaborar na *Revista das Familias*. O Sequeira, se tinha essa mania, que se arranjasse como quizesse, que procurasse outro redactor. Podia convir-lhe o João Carneiro, por exemplo, que levava um rôr de meses desempregado em busca de pão para sete bocas familiares. Esse, accommodar-se-ia com qualquer cousa, sem grandes exigencias. E talvez até se fizesse por fim um bom jornalista, apesar de nunca ter estudado uma palavra. D'essa massa era que elles se faziam. A necessidade material, agravada por uma requa de filhos, era necessariamente o melhor dos acicates. Agora o seu caso ia ser muito differente. Rico e sem filhos, para que havia de estar com quebradeiras de cabeça? E afinal para quê? Para dar saida a mais um papelucho como tantos. Quem no fim de contas tinha razão era a Chica. Não lhe faltaria em que matar o tempo se quizesse distrahir-se com qualquer trabalhinho.

Todos os seus planos de grandeza eram communicados em longas cartas á Chica. Ella

deixava sem resposta essa parte das cartas; e, sem a menor allusão ao assumpto financeiro, manifestava sempre o seu desejo de que a tia Amalinha ou melhorasse definitivamente ou acabasse depressa o seu martyrio.

N'uma carta tambem ella lhe dizia sentir muito que elle tivesse encarregado o Sequeira de cobrar os ordenados, porque ella o poderia fazer perfeitamente sem incommodar ninguem. Isto a elle parecera-lhe uma ratice. Andar agora uma rapariga de vinte e cinco annos, bonita e elegante, mettida pelos ministerios para cobrar uns reles quarenta mil réis! Mandou dizer á Chica, terminantemente, que não fizesse tal cousa. O Sequeira era um bom amigo e muito amavel. Não fazia o menor sacrificio em prestar-lhes aquelle pequeno serviço. Já lhe deviam tantos! E até podia pedir-lhe emprestado algum dinheiro, se lhe faltasse. Não valia a pena estar agora com economias sujas. Até lhe parecia que ella devia ir tratando do lucto. Que não esquecesse como as modistas enganavam e faziam perder tempo e paciencia. Se não fosse pela prisão do lucto talvez ella até pudesse ir ter com elle ao Minho logo que a tia fechasse os olhos. Havia de distrahil-a conhecer tudo aquillo. E elle ia ter

que demorar-se bastante para tomar posse e organisar as cousas a seu geito. O Sequeira poderia acompanhal-a em parte do caminho, durante a noute por exemplo, que era o mais aborrecido. Elle iria esperal-a á estação que combinassem...

Mas o Antonio, quando acabara de escrever isto, dera de repente um formidavel murro na mesa. Quasi instantaneamente inutilisava a segunda folha de papel que levava escripta, rasgando-a, desfazendo-a com raiva.

Occorrera-lhe o *estado interessante* da mulher. Era forçoso renunciar á viagem por causa das criadas velhas, cuja lamparina piedosa continuava dia e noute alumiando a Senhora dos Afflictos. Maldita idea tivera!

Poderia arranjar tudo dizendo em casa que a mulher tivera um mau successo de que já estava convalescente, e em que não quizera falar-lhe antes para o não desgostar. Mas que cara poria a Chica quando as velhotas, á chegada, cheias de tregeitos compungidos, lhe dessem os sentimentos por aquelle fracasso maternal de que ella não tinha a menor suspeita? Nem pensar em tal!

Contar á Chica o que dera origem áquella farça, que tanto o estava desgostando, não po-

dia. Tinha a peito conservar a estima d'aquella mulherzinha a quem por fim, a seu modo, queria deveras.

E, como todas estas considerações e o ter inutilisado uma folha toda escripta o puzeram de muito mau humor, circumstancia em que estava acostumado a voltar-se sempre contra a mulher, escreveu finalmente uma carta muito nervosa, estranhando, com accentuada amargura, que ella nunca protestasse contra a prolongada ausencia, nem lhe dissesse nunca que estava morta por vel-o em Lisboa. Seria possivel que não tivesse saudades? Teria diminuido o seu amor?...

Um dia, repentinamente, houve um grande sobresalto na velha casa minhota. A tia Amalinha, que até então nunca falara em morte, sentiu de improviso uma angustia enorme e julgou que ia acabar. Com voz entaramelada pediu o confessor, com quem se encerrou durante meia hora para a conveniente limpeza da consciencia.

Depois, quiz todos os criados á roda do leito para despedir-se, em quanto apertava na sua mão engelhada a mão do sobrinho chamando-lhe com voz extincta — o seu Antoninho. N'este momento solemne Antonio Pinheiro estava-lhe

de joelhos á cabeceira, concentrado, como immerso em pensamentos profundos. Estaria acaso pensando de que marca lhe conviria mais o automovel se chegasse a compral-o.

Passada uma hora, a tia Amalinha, com assombro geral, segundo o dizer pinturesco do confessor, *arrebitou* Pediu um caldinho com uns baguinhos de arroz e um *migalho* de peito de gallinha. A cozinheira quando tal ouviu, saiu correndo, a bater palmas de alegria. A sua rica senhora! — Ella bem sabia que a sua senhora sempre dizia que comia um *migalho* de tudo, ainda quando se tratava de saborear duas perdizes ou uma choruda fatia de presunto. Sempre a tia Amalinha fôra senhora de muito alimento e estomago á prova de bomba. Mas sempre vivera convencida de que padecia um fastio mortal, e de que em toda a sua vida não passara de provar as comidas, comer *migalhos* de tudo.

Os creados voltaram, tranquillisados, ás suas respectivas occupações. E a tia Amalinha, acolchetando a dentadura postiça, fez honras ao peito de uma das mais perfeitas gallinhas da sua capoeira, regando o acepipe com uma colher de Madeira velho.

Decorreu uma quinzena, em que aquella

enternecedora scena da despedida se repetiu varias vezes. Por fim, os creados, chamados á pressa, entravam já incredulos no quarto, sorrindo á socapa com uma pontinha de ironia.

Quando a pobre senhora deveras acabou, entregando definitivamente a alma a Deus, ninguem deu credito ao acontecimento. A criadagem preparava-se para sair alegre do quarto quando a tia Amalinha, sentindo no peito uma oppressão maior, exhalou o ultimo alento, sem agonia, sem estertor, como um passarinho.

A surpreza engrandeceu o golpe. Quando se convenceram de que a boa senhora não respirava, espalhou-se por toda a casa um alarido insurdecedor, desconcerto de soluços, de gemidos, de exclamações incoherentes. — Tão boasinha p'rá gente! E temente a Deus! Era uma santa! Está no ceo vestidinha e calçada! Deus lhe perdôe e a livre das penas do Purgatorio! E limpeza! isso não ha segunda! Mais amiguinha dos pobres! Uma dona de casa de mão cheia. E p'ra dar conselhos á gente!...

Era uma verdadeira ladainha, resada em côro entre uma symphonia de choro.

O Antonio, envergonhado da propria placidez em meio do mais estrondoso berreiro a que tinha assistido em dias da sua vida, adoptou

o decoroso expediente de passar varias vezes o lenço nos olhos enxutos.

E a verdade, apesar da ausencia das lagrimas, era que elle se sentia profundamente commovido. Desde aquelle dia tudo ia mudar na sua existencia.

A tia Amalinha rendera a alma a Deus ás 9 horas da manhã. Eram 3 da tarde quando o confessor da defunta, padre Segurado, apresentou a Antonio Pinheiro, como membro da familia, o testamento da tia Amalinha feito seis annos antes, na presença de tabellião, com todas as formalidades da lei.

Legava o total da sua casa a diversas congregações religiosas, com encargo de mandarem dizer mil missas por sua alma. Nomeava testamenteiro o seu administrador Manuel Felizardo, e deixava-lhe como lembrança de amisade uma inscripção de quinhentos mil reis.

Tambem como lembrança deixava outra inscripção do mesmo valor ao seu muito amado sobrinho Antonio Pinheiro; e vinte mil reis, dados por uma só vez, a cada uma das suas criadas e ao caseiro. No dia do seu enterro queria que se abonasse o jornal a todos os trabalhadores das suas terras, não se lhes exigindo n'esse dia nenhum trabalho.

O Antonio ficou varado. Trocou um olhar furibundo com o olhar humilde do sacerdote. Teria talvez desejado fazer ali nas bochechas do padre Segurado um discurso fulminante. Era porém tal aquella desorientação que a palavra lhe faltou por completo.

Emfim, dando uma tremenda patada, cousa algo parecida ás do genero cavallar, atirou ao padre boquiaberto um vocabulo terrivel: «Canalhas!» Feito isto, saiu do quarto bufando, sem a menor consideração pelo cadaver que ali estava perto, sereno, de mãos cruzadas, com a physionomia banhada em suave compostura. Passando ao aposento immediato atirou a porta com estrondo, berrando: «Fortes malandros!»

As criadas velhas que velavam o corpo da senhora persignaram-se assustadas, olhando de revez, com odio, o confessor. Os vinte mil reis estremes deviam ter abalado um tanto a devoção confessional d'aquellas boas almas.

Pouco depois o Antonio expedia á mulher o seguinte telegramma: «Tia enterra-se hoje. Deixa tudo aos padres. Parto amanhã. Não trates nada de lucto.»

IV

Esmeraldo Sequeira era homem passante dos cincoenta annos, apparentando pouco mais de quarenta. Deviam contribuir para este resultado lisongeiro a boa vida que levava e a chimica que lhe reluzia no cabello azevichado.

Não parecia dar-lhe demasiado trabalho a casa de commissões que dirigia. Era homem que nunca tinha pressa. Vivia no Hotel Central, regaladamente, disfructando a maior independencia do celibatario abonado de meios.

Tinha *fauteuil* em *São Carlos* e passava o mez de outubro em Cascaes, tão cortejado pelas mamãs que tinham filhas casadeiras, como pelas proprias filhas, candidatas ao unico destino que lhes apontavam como dignamente possivel — o matrimonio. Ali, em Cascaes precisamente, conhecera o Antonio Pinheiro no anno

em que elle fazia a corte á Francisca de Mello.

Usava todo o anno flor encarnada na botoeira e não tinha partido politico. Trazia sempre varias notas e muita prata na carteira. A finura de maneiras a que tinha não vulgares pretenções nunca deixava de ser n'este homem cousa postiça, a caír por fora, como aliás succede a muito boa gente. Era escrupuloso na camisa alvissima. Reparando de perto, podiam notar-se-lhe as unhas muito menos cuidadas que a camisa. Tambem não havia n'isto cousa extraordinaria. Fumava charutos carissimos de que atirava fóra a ultima metade com ar desdenhoso, a desafiar o melancholico fumador pobretão que chupava o mesquinho cigarro até queimar os dedos.

Tal era o grande amigo intimo de Antonio Pinheiro desde o verão anterior ao casamento. Assistira-lhe á ceremonia nupcial e offerecera como prenda aos noivos um lindo estojo, digno de figurar nas listas das folhas noticiosas, contendo doze talheres de *vermeil* — assim vernaculamente dizia o *Diario Illustrado* — com cabos de madreperola finissima.

No dia seguinte áquelle em que o Antonio Pinheiro partiu para o Minho, o Sequeira foi ao Salitre comprimentar a Chica e pôr-se in-

condicionalmente á sua disposição para tudo em que pudesse servil-a.

Tinham mudado da casa de São Francisco desde a morte do mallogrado diplomata e a consequente suspensão das mezadas. Com só uma criada, tambem convinha casa reduzida onde a limpeza se facilitasse.

A casinha da calçada do Salitre era alegre, com muito sol, e estava graciosamente adornada pela Chica. Das variadissimas prendas da *corbeille* só estavam á vista as pouquissimas que revelavam algum toque de bom gosto, algum fiosinho de arte.

A criada, acostumada á visita familiar do Sequeira, que ía muitas vezes tomar café com o Antonio, mandou-o entrar, sem annuncio previo, para o gabinete das sessões intimas, onde a Chica n'aquelle momento escrevia a primeira carta ao marido depois de casados. Nunca se tinham separado. Tinha os olhos vermelhos e o lenço na mão.

Via-se que estivera chorando. E tambem podia notar-se, muito expressivo, o gesto de contrariedade irreprimivel á chegada da visita.

O Sequeira, como se não tivesse dado fé de semelhantes minuciosidades, entrou com o desembaraço costumado, refestelando-se com ar

satisfeito na cadeira mais commoda, e pediu para conservar o charuto acceso... se não incommodava.

— Que não... Que não incommodava nada. — E, contradizendo o protesto a Chica, talvez intencionalmente, foi abrir uma nesga da vidraça. Elle pedia-lhe que continuasse, que não interrompesse a escripta. — Já sabia que elle não era homem que tivesse pressa.

Ella, porém, deixou falar, e metteu na pasta a carta começada, dispondo-se a receber ceremoniosamente aquella visita que já adivinhara mas que não esperava tão cedo.

Nunca pudera sympathisar com aquelle homem. Limitara-se sempre a ser com elle nimiamente correcta.

Mais de uma vez lhe estranhara o marido aquella frieza. Achava-a caprichosa nos seus affectos. — Era para onde lhe dava. O Sequeira era o melhor dos homens; e prestavel e serviçal como poucos. Provara-lh'o já em mais de uma occasião difficil.

Chegara a convencer-se de que o Antonio devia ter razão, e a propôr-se vencer aquella injustificada antipathia ao Sequeira. Até áquelle dia porém a aversão mantivera-se inabalavel.

Elle explicou ao que ia: pôr o seu limitado

prestimo aos pés da sua amiga. Exigia-lhe que o mandasse chamar immediatamente, fosse a que hora fosse, se occorresse qualquer novidade.

O Antonio encarregara-o de receber o ordenado e entregar-lh'o. Mas ella não necessitava de estar dependente dos tristes quarenta mil réis do Estado. Elle podia não só adiantar-lhe o ordenado mas quanto dinheiro quizesse. Doía-lhe muito vêr um espirito elevado como o d'ella preso nas garras da mais feroz economia. Quem podia consentir n'um desproposito semelhante? Era uma iniquidade; era um crime. A economia, levada a certos extremos, rebaixava, deprimia as pessoas. Um ser como ella viera ao mundo para pairar sobre taes miserias.

— Ninguem melhor do que elle conhecia o Antonio. Fazia-lhe justiça inteira. Era no fundo um excellente rapaz. Mas tambem requintadamente egoista, como todos que topam no mundo com almas excessivamente consagradas, de abnegação exorbitante.

Abstendo-se delicadamente de intervir, elle tinha assistido a varias questões entre os dois sobre economia domestica. E — porque não havia agora de confessal-o francamente á Chi-

ca? — saíra d'ali mais de uma vez, incommodado, profundamente magoado, indignado até. Milagres não se podiam fazer. A vida em Lisboa era medonhamente cara.

— De mais a mais, o Antonio, comsigo, não evitava certos refinamentos escusados. Não tomava um dia ou outro uma corrida de carruagem? E para quê? Não tinha *Americanos* e *Ripperts* para toda a parte?

Ella escutava admirada. Não presumia que o marido tivesse o costume de andar de carruagem.

N'este ponto do monologo o Sequeira parou, chupando nervosamente tres fumaças successivas.

A Chica, pensativa, não dizia palavra. No olhar relampejava-lhe como uma indecisão molesta. Seria acaso generoso impulso de defender o marido ausente? Mas o Sequeira dizia cousas tão verdadeiras! Ia-lhe tanto ao fundo da consciencia revoltada! Sondava com tanta penetração a fonte das suas mais intensas agonias! E ella nunca soubera mentir. Pela primeira vez escutava com algum interesse aquelle homem que era talvez seu amigo sincero.

O Sequeira trocou com ella um olhar profundo que desentranhava com paternal solici-

tude as suas dores mais intimas, e proseguiu o monologo interrompido.

— Elle via ali um caso psycologico digno de estudar-se a sangue frio. Conhecera já varios exemplos analogos: homens vulgares, sem nenhum attributo excepcional, casados com mulheres superiores. O effeito era sempre igual: certa especie de despeito, cousa muito aparentada com a inveja; um como desejo de abater, para levantar-se; um como instincto de oppressão vingativa.

— O que elle mais sentia era não merecer bastante confiança á Chica. Conhecia-o na sua attitude reservada. Quizera inspirar-lhe a confiança que se tem n'um amigo velho — E, ao dizer a ultima palavra, o Sequeira retorcia com certa graça maliciosa o bigode azevichado.

— Queria que ella se resolvesse a dizer-lhe ingenuamente todas as suas penas. Dar-lhe-ia conselhos, alentos, que melhorariam as condições da sua vida. Todo o coração necessita de outro coração para expandir-se, para palpitar em consonancia de idéas e affectos...

Como a Chica n'esta altura levantasse para o Sequeira um olhar altivo cheio de surpreza, elle, sorrindo, accrescentou tranquillamente: «Eu quasi podia ser seu pae, menina. Não es-

tranhe que lhe fale assim. Vejo-a tão criança... e tão infeliz!»

Houve um silencio. Depois o Sequeira, piparotando o charuto para dentro de um pratinho do Japão que servia de cinzeiro, proseguiu, com o mesmo ar tranquillo: «Em geral os maridos preoccupam-se pouco de ser os confidentes e conselheiros das mulheres. O que quasi todos se crèem é no direito de ser os oppressores, os tyrannos. Tomam a casa como mero centro das materialidades da vida. E isto é um erro formidavel. O geral das mulheres submettem-se a essa tyrannia, desistindo, por fraqueza ou por apathia, das mais naturaes aspirações de felicidade. Mas a Chica não pode viver assim. Tem que libertar-se de uma tutela absurda que a opprime, que a tortura, que a não deixa viver...

Talvez porque a Chica fizesse aqui um pronunciado gesto de impaciencia, o Sequeira pozse de pé na intenção aparente de concluir a visita. Durante ella a Chica não falara. Porquê? Seria que a commoção lhe tivesse embargada a voz? Não era estranho que o caso se desse. Toda a mulher tem um quê de criança. E não ha nada para excitar lagrimas infantis como a compaixão por uma dôr que se engran-

deceu com o apoio alheio. O momento era aliás de commoção quando o Sequeira entrara. O manancial das lagrimas estivera aberto antes. A maior lucta seria talvez agora o represal-as. N'este conflicto a voz costuma desaparecer.

Ao passo que abotoava a luva da mão esquerda, o Sequeira disse-lhe com inflexão cariciosa: «Permitta que a venha ver alguma vez, e saber noticias d'aquelle ingrato que decerto me não escreve uma letra.»

Tocando de novo a questão do dinheiro, repetiu calorosamente os anteriores offerecimentos, com um escrupuloso cuidado de tirar toda a importancia ao facto.

— Em seu juizo o dinheiro não passava de um detalhe baixo, secundario, na vida; uma vantagem casual. Era uma materialidade reles que não valia a preoccupação de cabeças formosas, ideaes. A vida para a Chica devia ser tocar piano, lêr romances e revistas, passear, ir á sociedade, n'uma palavra, gosar a sua esplendida mocidade, fóra do alcance de indigestos algarismos. Não lhe faltaria tempo para ser velha e feia, para ter rugas na testa, para se materialisar. Agora, a vida do espirito, a vida do coração. Quizera vel-a gastar á larga, dispôr amplamente de dinheiro, para satisfazer

todos os seus desejos, até todos os seus caprichos...

Aqui, quasi supplicante, buscou convencel-a que lhe permittia ir-lhe fazer um pequeno adiantamento. Até era um beneficio para elle, aliviar-se de umas poucas de notas que casualmente tinha ali e lhe rompiam a carteira.

Mas ella oppoz-se terminantemente, assegurando ao Sequeira que tinha dinheiro de sobra, que não lhe faltava nada. Em caso contrario não duvidaria recorrer á sua amabilidade. A ausencia do marido diminuia muito as despezas.

Aqui o Sequeira teve uma expansão melodramatica, passando a mão nervosamente pelo cabello.

«Valha-me Deus! Valha-me Deus!... A Chica até é capaz de passar necessidades por causa da maldita economia... Que horror! Que atrocidade!»

Ella, ruborisada, afiançou-lhe que não; que não havia tal cousa. Sempre elle tinha idêas!

O Sequeira então lembrou que, tendo em artigos de morte uma parenta proxima do marido, havia de necessitar occupar-se de lucto, tratar com modistas. Mas a Chica pediu-lhe, magoada, que lhe não falasse em tal cousa.

A pobre senhora ainda vivia e podia ser que áquella hora estivesse melhorando.

Elle encolheu os hombros um pouco ironico, n'uma fria sentença de morte em que não havia apellação. E despediu-se com um effusivo e longo aperto de mão — talvez demasiado longo — promettendo voltar breve.

A Chica foi direita á cozinha recomendar á criada que não tornasse a introduzir-lhe qualquer visita no gabinete sem primeiro annunciar. Mandasse sempre entrar para a sala e fosse dar-lhe aviso.

A rapariga, em sua justa defeza, allegava que o sr. Sequeira tinha aquella balda de metter-se pela casa dentro sem esperar uma nem duas. Para a outra vez havia de ensinal-o. Era logo: «Voscellencia tenha a bondade de esperar aqui na sala qu'a senhora não está *vesible*» — E prontava-se-lhe no meio do corredor a tomar-lhe o passo. Sempre queria ver! — E ficava preoccupada, talvez a scismar na maneira de attenuar a dureza d'aquella imposição, attendendo ás liberalissimas gorgetas que o Sequeira dava em dias assignalados. E sabia Deus as que ainda poderia vir a dar-lhe! Notava-lhe sempre um não sei quê na vista quan-

do elle se punha embasbacado para a senhora como quem mirava um painel.

N'aquella tarde um moço do melhor estabelecimento de flores da Baixa levou ao Salitre um bello, fresquissimo ramo de flores. Era tambem portador de um bilhete de visita. Por baixo do nome *Esmeraldo Sequeira*, estava escripto a lapis — *Para suavisar-lhe a solidão.*

V

Apesar do concentrado mau humor com que o Antonio voltava a Lisboa depois de tantas commoções excitantes, acabrunhadoras, não pòde ser insensivel a uma extranha circumstancia, a uma grande surpreza. Aparecia-lhe a Chica como remoçada, com aquelle ar de satisfação que sempre tivera em casa no tempo do inolvidavel diplomata.

Com jubilo, tornava a encontrar, cuidado e graça na mesa, esmero nas flores, uma côr de bem-estar e de civilisado conforto em tudo.

O assumpto *dinheiro* parecia propositalmente banido. A Chica nem por acaso alludia a assumptos financeiros. Falava agora muito de uma *Revista*, mas cousa séria, tendenciosa, em que ambos collaborassem; talvez uma publicação para crianças, talvez uma tentativa de

construcção feminista. Queria porém que prescindissem do dinheiro do Sequeira, que dedicassem á empreza os quinhentos mil réis da tia Amalinha.

E sempre havia um *coitada!*, ou qualquer outra expressão de carinho, dedicada á memoria da boa senhora que não conhecera.

O Antonio entendia que não deviam estar com taes escrupulos com o dinheiro do Sequeira, um intimo, quasi um irmão. Mas não sentia já o antigo desejo de contrariar a mulher, agora que a via activa e alegre, sem aquella insupportavel preoccupação incessante da escassez de recursos materiaes.

Ao chegar, elle quizera logo saber como se portara o Sequeira. — Que bem; que muito amavel. Fizera-lhe os mais rasgados offerecimentos, inclusivamente de dinheiro. Ella porem não tivera occasião de utilisal-os. . .

No dia seguinte ao da chegada, o Antonio apresentou-se na secretaria. Tinha estado ausente tres mezes, fiado em certa condescendencia do chefe e na herança da tia Amalinha. Um herdeiro, ainda que só presumptivo, de algumas centenas de contos póde faltar á secretaria. Mas um herdeiro gorado passa a condições muito differentes. O Antonio já não po-

dia sensatamente renunciar á sua cathegoria de funccionario publico.

De mais a mais não tinha que esperar que lhe aviassem o lucto. Estava resolvido: não poria lucto pela tia Amalinha, uma beata que fôra metter nas algibeiras dos padres um capital que era muito seu. Tivesse elle adivinhado, e não teria aguentado aquella *estopada* de tres mezes, entre ladainhas, rosarios e outras quejandas embustices.

N'esta abstenção de lucto não encontrara opposição na Chica. Ella não dava verdadeira importancia a este uso convencional do fato preto. Parecia-lhe antes uma absurda imposição rotineira com marcada tendencia a acabar, como todos a subversões da liberdade.

Em tudo notava o Antonio a profunda transformação que se operara na Chica durante a sua ausencia. Sob aquella apparencia de alegria, de despreoccupação, surprehendia até traços novos que o inquietavam: frieza que mal se escondia, uma decisão tenaz que o sorriso perenne não dissimulava bastante. Sempre tivera a Chica maneiras graves, distinctas; mas o que agora ressumava, por baixo de uma affabilidade talvez excessiva, era certa rigidez, certa intensão um tanto hirta que o desconcertava.

Sobre a herança da tia Amalinha não tinham chegado a atar conversação seguida. Aos commentarios vulgares, muito materialistas, do Antonio, a Chica respondia evasivamente evitando o assumpto, como espinhoso ou falho de interesse.

Evidentemente tinha havido uma mudança. A condescendencia passiva a humildade, tinham ficado além Agora, presentia-se em todo o ambiente uma força occulta, uma influencia extranha. A Chica estava em tudo, agradavelmente, como nos primeiros tempos de casada. Mas o pensamento divagava por outras partes: o pensamento não estava ali.

Que influencia podia ser essa? Uma tal consideração chegou a sobresaltar intensamente o Antonio.

Seria atraiçoado? Quando isto lhe occorreu pela primeira vez sentiu logo um vivo remorso. Duvidar da Chica era duvidar da propria virtude; negar a existencia de todo o bem. Não, a vida não podia ser um inferno em que só predominasse a traição.

As cousas porém não melhoravam de aspecto. A cada dia que passava accentuavam-se as impressões pessimistas. Resolveu consultar o Sequeira. Não era elle o seu melhor amigo?

Tinha-o quasi como um irmão. Depois, o Sequeira — não sabia bem porquê — exercia um grande ascendente sobre elle. Bem podia ser que, como uma só palavra do amigo, se restabelecesse de subito a calma, a tranquillidade da sua vida.

E foi procurar o Sequeira, como se vae a casa do dentista para arrancar um queixal dorido, quasi certo de que, ao voltar, toda a dôr teria desapparecido.

Mas o Sequeira, depois de o ouvir cabisbaixo, ficou-se a retorcer o bigode pintado e não lhe pespegou, com ademanes dramaticos, a descompostura que elle esperava e desejava. Tinha calculado que o menos que o outro podia fazer era chamar-lhe selvagem, animal, por atrever-se a pòr conceitos de desconfiança n'uma mulher tal como a Chica. O Sequeira porem prolongou cruelmente aquella atitude reservada; e, quando emfim se resolveu a olhar, fel-o com tal ar de commiseração que o Antonio sentiu impulsos de o esbofetear.

Emfim, o amigo falou. E as suas palavras frias, ponderadas, eram settas que se cravavam até ao mais-fundo no coração do Antonio. Mal podia crer o que ouvia. Transtornado, deixou-

se cair no sofá com a cabeça apertada nas mãos.

O Sequeira tambem vinha desde muito sentindo apprehensões; tambem tinha suspeitas. A sua intensão fôra continuar a frequentar a casa do amigo, durante a sua ausencia, como um familiar, como um irmão. Não pudera logral-o, apesar da sua boa vontade e proposito.

Desde o primeiro momento fôra recebido com gelida frieza, a breve trecho transformada em franca hostilidade. N'essas curtas visitas a Chica quasi não descerrava os labios. Recordava com desprazer o constrangimento d'aquelles monologos opprimentes.

Depois a Chica passou a negar-se-lhe com qualquer pretexto; uma dôr de cabeça, arranjos caseiros... Algumas vezes tambem dizia-lhe a criada que a senhora tinha saido.

Começou a estar inquieto sem poder explicar-se porquê. Talvez simples palpite. Elle acreditava em palpites. Por fim viera uma circumstancia fortuita confirmar-lhe a vaga suspeita.

Sabia que estava causando ao Antonio uma dôr intensa. Mas cumpria um dever austero tratando-se de um amigo. Assim quizera que os amigos se portassem com elle em igualdade

de circumstancias. Ia expôr-lhe francamente as cousas, como as observara, incredulo a principio, assombrado depois.

O Rocha, um seu amigo dos tempos de estudante, tivera uma pneumonia que o ia rapando. Fôra vel-o todos os dias durante a semana de perigo.

Morava na rua dos Navegantes. Uma manhã, inesperadamente, viu a Chica entrar para uma casa de bom aspecto, cinco portas adiante da do Rocha, do outro lado. Dias depois, viu-a sair da mesma casa ás 2 da tarde. N'essa occasião viram-se e falaram. Ella ficara extraordinariamente perturbada com o encontro. Explicou-lhe que vinha de visitar uma amiga doente.

Aqui o Sequeira tomou folego, accendeu um charuto e continuou: «Sempre a espionagem me pareceu cousa detestavel. Mas tratava-se de um negocio sério em que eu via compromettida a tua honra. Julguei do meu dever espiar, averiguar. A situação da casa do Rocha, quasi fronteira á outra, facilitava-me as operações. Pude então verificar...»

Um movimento brusco do Antonio, sacudindo violentamente a cabeça, cortara a palavra ao Sequeira.

— «Por Deus, homem, continua» — e o olhar desvairado do Antonio tinha lampejos de loucura. — «Não vês que me estás torturando?»

O Sequeira tirou uma forte chupada ao charuto e disse friamente: «Se te propões entrar pelo melodramatico, calo-me. Detesto os Othelos, como ridiculos, como anachronicos. A verdade, ainda que dura, tem de saber-se, para que o publico, a galeria inepta, se não ria de nós. Mais nada. Tanto direito tem as mulheres a ter amantes como nós. Querer increpar de traidora a mulher que se cançou de ti é simplesmente absurdo. O que o decoro reclama n'esses casos é a separação. Em quanto as sociedades não chegarem ao divorcio com todas as naturaes consequencias não haverá moralidade. O homem quer para si toda a liberdade, e a mulher para sua escrava. E' o ultimo dos absurdos. Não tens filhos. Ha casos muito peiores que o teu. Crês que te faltarão mulheres?...»

— «Mas, afinal, o que é que tu averiguaste?» — bradou o Antonio, com os braços no ar, tão melodramatico como se não tivesse ouvido uma palavra da exhortação modernista do Sequeira. Acaba, por Deus.»

— «Já lá vamos... O que eu averiguei foi simples. Ainda que devo dizer-te que me sur-

prehendeu, porque tivera a ingenuidade de considerar a tua mulher differente de quasi todas as outras. Pude verificar sem a menor difficuldade que a Chica ia com frequencia áquella casa da rua dos Navegantes, demorando-se lá horas successivas, saindo sempre com ar esquivo, receioso, usando um veu espesso que a tornava quasi desconhecida. O Rocha é um solteirão muito original, um tanto ascetico. Tem uma cosinheira de sessenta annos e uma governanta de setenta. Esta é a familia. Lá ninguem sabia quem morava umas portas mais adiante. Não quiz insistir nas perguntas para não levantar suspeitas. Estas minhas pesquizas datam de poucos dias. Ainda não pude avançar mais. E' um edificio de quatro andares, de boa apparencia. Não sei mais nada. Que a tua mulher tem um amante, parece-me claro como agua. Que podes contar comigo absolutamente, para tudo, parece-me inutil dizer-t'o. Agora tenho que advertir-te que me penalizaria muito ver-te mettido estupidamente n'essas trapalhadas de duellos, assassinatos, suicidios e *tuti quanti*, a que arrastou a humanidade, certo embusteiro, certo farçante, de nefanda e ridicula memoria, chamado Alexandre Dumas. Fere sempre o amor proprio do marido que a mu-

lher lhe prefira outro homem. Mas ha muitos remedios energicos e promptos para as feridas do amor proprio. Mais estupido e absurdo do que matar só ha uma cousa: deixar-se matar. Com que direito? O ponto de honra? Tudo isso tende sensatamente a acabar. Não ha nada moral senão a liberdade, o livre arbitrio. Dentro de uns annos, não muitos, havemos de rir-nos dos tribunaes de honra como hoje nos rimos da cabelleira e rabicho dos bisavós. Verás...

A conferencia dos dois amigos prolongou-se até tarde. O Antonio não foi jantar a casa nem se preoccupou de mandar avisar a mulher de que não ia.

VI

Passava muito da hora do jantar, e o Antonio não vinha. Presa de supersticiosa inquietação, a Chica, sem deparar com outro partido, mandou a criada, correndo, a casa do Sequeira perguntar se tinha acontecido alguma cousa.

Veiu a resposta n'um laconico bilhete do Antonio. Dizia que o Sequeira tivera uma syncope que o assustara, e por isso ficara a acompanhal-o. Parecia a final que só se tratava de uma perturbação de estomago, cousa de pouco cuidado. Acrescentava que de manhã, ao sair de casa, encontrara um empregado do telegrapho que lhe entregara um telegramma urgente do administrador da tia Amalinha, reclamando a sua presença na Quinta. Tinha que partir no comboio da noute para o Minho, e pedia á Chica que lhe tivesse preparada a mala. Pouca

roupa porque não estaria ausente mais que meia duzia de dias. A' hora de sair passaria por casa, de carruagem, para levar a mala.

Tudo aquillo pareceu um pouco estranho á Chica. Como era que o marido se não lembrara de mandar-lhe antes recado, sabendo que ella o estaria esperando para jantar?

Preoccupada, não se sentou á mesa. Tomou de pé uma chavena de caldo que a criada insistiu em trazer-lhe.

E poz-se melancholicamente a arrumar a mala.

Melancholicamente, porquê? Dôr da nova separação? Ao contrario; a melancholia vinha agora de fonte mui diversa. Recordava os tempos não longinquos em que uma separação, ainda que só de algumas horas, lhe custava um aperto do coração. E hoje? O que estava sentindo, desde que lera no bilhete do Antonio a inesperada nova, era como uma sensação de allivio, de desoppressão, de resgate.

A ausencia d'elle era o libertar-se da odiosa mentira, da pesada responsabilidade da culpa, o poder levantar o olhar sem receio de trair-se, livre do torturante grilhão do mysterio.

A sua vida ao lado do Antonio era agora um cruciante martyrio. Ella, que sempre odiara

a mentira, obrigada a inventar cada dia uma nova artimanha, um expediente novo, para reter, para conservar a fonte da unica felicidade que lhe seria já possivel.

A presença do marido era-lhe agora uma tacita censura, um espinho doloroso, um torturante remorso.

Havia de arrancar-se áquella situação indecorosa. Mas quando? Quando cobraria animo para contar-lhe tudo, para revelar-lhe o pesado segredo da sua vida, preparada para todas as eventualidades por duras que fossem, disposta a não transigir, a impôr-se, a repellir humilhações, a não deixar nunca mais anullar a sua vontade pelas arbitrarias imposições de outra vontade?...

A' ultima hora, o Antonio entrou de afogadilho em casa, deu um beijo distrahido na mulher, pegou na maleta, e deitou a correr escada abaixo com um laconico Adeus!

Ella, no patamar, pediu-lhe que telegraphasse á chegada. Elle não respondeu nem voltou a cabeça a dizer-lhe outra vez adeus, como costumava.

Que teria? — pensava a Chica quando entrou em casa, passando levemente o lenço nos olhos.

Estaria outra vez absorto n'aquella deprimente idéa do dinheiro da tia Amalinha? Era possivel. Que podia querer-lhe o administrador, quando tudo estava concluido? Teria apparecido algum testamento mais recente? A mera supposição d'esse facto era bastante para transtornar completamente o Antonio. Conhecia-lhe o fraco.

Por tudo isto esperou com redobrada impaciencia noticias do Minho. Não veiu telegramma nem carta.

Aprehensiva, occorreu-lhe mandar saber da saude do Sequeira. Achava estranho que elle agora não desse signal de si na ausencia do marido. As criadas velhas agradeceram muito o cuidado da senhora e mandaram dizer que o senhor não estivera doente. e continuava de perfeita saude.

Não encontrava explicação plausivel a tantas anomalias.

Ao terceiro dia, a Chica vinha de fóra, pouco depois das duas horas, quando á porta de casa ficou varada de surpreza.

Como sempre perguntou á criada se o correio tinha trazido alguma cousa. Atonita, ouviu esta resposta: «Veiu mas foi elle, o se-

nhor... Pr'os modos está como uma bicha... Não abriu a boca p'ra dizer pio...»

A Chica correu ao gabinete, certa de que ia defrontar-se com uma nova desillusão sobre a desgraçada herança da tia Amalinha.

O Antonio estava ali, de pé contra a mesa, pallido, hirto, olhos encovados, o cabello revolto.

— «Que tens?» — exclamou a alvoroçada rapariga, atirando para o sofá o chapeu e as luvas.

Elle olhou-a rancorosamente; e, com gesto furibundo e voz exaltada: «Que tenho! Ainda m'o pergunta! Que tenho!... Despedaça a minha felicidade, o socego da minha vida inteira, e ainda tem a desfaçatez de perguntar-me o que tenho!»

A Chica olhou espavorida em torno, como á busca de um dado que fosse explicação a tão estranha scena. Nada descobriu. Deus! Estaria elle louco? Para que martyrios estava ella ainda guardada?...

O touro pára um momento antes de arremetter com redobrada furia. O Antonio tambem parara; e, emfim, na ultima corda do tom melodramatico: «O cinismo d'esta mulher! o impudor com que entra na sua propria casa

depois de ter passado horas nos braços do amante! O aspecto de dignidade de que sabe revestir-se para encobrir o procedimento mais ignobil, a traição mais infame!»

A Chica caíra sentada no sofá, comprimindo o peito com ambas as mãos, como se a tivessem ferido de morte. De repente, n'um movimento brusco, atirou o rosto livido, transmudado, para as almofadas, ficando ali quasi de bruços, anniquilada, immovel, notando-se-lhe apenas no altear das costas a respiração alta, ofegante.

Elle avançou dois passos e proseguiu em crescente exaltação, rouco de furia: «Vi, vi eu, ninguem m'o disse. Espreitei e vi tudo. Quem me havia de dizer tal cousa! Que havia de ver esta mulher em dias successivos sair de casa do amante, com o ar esquivo de quem tem a consciencia da infamia, mas adquirindo logo a segurança de quem insiste no delicto sem arrependimento! Não quero nem saber o nome do infame. Tambem para esse, se entra a serio na aventura, chegará o momento das desillusões e estarei vingado. Voto esse homem ao maior despreso. A sociedade que julgue como quizer o meu procedimento... Far-se-á sobre isto o menor ruido possivel. Não daremos pas-

to ao escandalo. A senhora entrará n'um recolhimento onde lhe darei uma mezada modesta, dentro dos meus recursos. Já sabe que sou pobre; mas creio que nunca lhe faltou nada. Não foi a necessidade, como a tantas, que a desviou do caminho da honra. Eu parto para o Brazil, a ganhar dinheiro. Se chegar a ser rico, talvez ainda possa atordoar-me na voragem do luxo, já que felicidade de outra ordem não póde existir para os homens honrados...»

O Antonio atalhara-se, talvez pasmado d'aquelle silencio pesado, em meio do qual a sua voz retumbava como um secco estampido de tempestade assoladora. Esperara que a Chica protestasse, que se defendesse, ou que se lhe arrojasse de joelhos pedindo perdão. Tinha então preparada a mais saborosa vingança, arremessando sobre aquella cabeça altiva toda a immensidade do seu desprezo.

Mas ella não se movia, nem parecia disposta a encarar-se com elle, sempre com o rosto mergulhado nas almofadas macias. Devia ser o aniquillamento da vergonha, talvez já um principio de remorso.

E elle, imbecil! Como tinha confiado n'aquella ingrata! Como lhe tinha querido e como lhe queria ainda! E o impossivel entre ambos!

O desmoronar de toda a sua existencia! Porque elle, sem a Chica, o que era? para que queria a vida? Fugido d'ella para sempre, onde iria parar?

Sentiu que lhe vinha um soluço e, impondo-lhe uma vontade de ferro, fel-o retroceder. Queria ao menos esquivar-se a parecer ridiculo.

Era insustentavel aquella situação em que estava soffrendo atrozmente. Até áquelle momento tinha conservado a esperança de que ella se levantasse altiva a desmentil-o. Puerilidade! Não vira elle tudo, mettido dois dias em casa do Rocha? Não a vira entrar receiosa em casa do amante, e sair tres horas depois com o ar timido do delinquente que busca occultar-se? Oh! era horrivel! horrivel! Cria ás vezes estar sonhando. Ella, apparentemente tão boa, tão digna, que até parecera respeitavel ao Sequeira, desilludido de todas as mulheres! E a traidora apartando de casa o amigo, para mais livremente poder entregar-se ao amante! Quem seria o infame? um aristocrata talvez... talvez algum diplomata, antigo adorador. Seguiria o prudente conselho do Sequeira, não procurando nem sequer saber-lhe o nome. Para quê? N'estes casos o unico procedimento ajui-

zado era evitar o escandalo. Se fosse d'esses maridos que tem valor para matar as mulheres, talvez pudesse sentir algum desafogo immediato. Mas o longo colloquio com o Sequeira desviara-o completamente d'esse rumo; paralysara-lhe a vontade para o desforço. Ainda que elle suppunha que nunca poderia ter matado a Chica...

E ella sempre com o rosto escondido entre as almofadas, só mais serena agora, como se tivesse adormecido.

Era indispensavel terminar de qualquer modo aquella scena ridicula, absurda.

Erguendo desmedidamente a voz, para disfarçar a commoção, o Antonio resumiu, violento:

«Quanto mais depressa liquidarmos isto, melhor para ambos. Prepare as suas cousas para entrar ámanhã n'um convento. N'essa situação, em quanto eu viva, póde contar com uma mezada modesta. Não lhe desejo remorsos equivalentes ao mal que me fez. Guardo muito respeito, muita veneração pela memoria de seu pae...»

De repente ella ergueu-se hirta, livida, com o olhar fulminante. Alteando convulsamente os braços n'um gesto imponente: «Oh! não não...

Por piedade!... Por Deus!... Não pronuncie esse nome sagrado... Não consinto que envolva em tamanha ignominia o nome de meu pae...» — e, apertando os ouvidos entre as duas mãos abertas, saiu da sala correndo, tropeçando nas cadeiras...

Elle ficou estatico, atonito. E, não sabendo que outro partido tomar, pôz o chapeu, atirou com a porta e foi para casa do Sequeira desabafar, contar o succedido.

VII

Quando, na manhã seguinte, o Antonio voltou a casa intimamente sobresaltado com a idéa de encontrar-se cara a cara com a mulher, aguardavam-no ali impressões inesperadas.

A criada, com os olhos vermelhos, lacrimo sos, estava só.— A senhora tinha saido na vespera de tarde, levando uma mala de roupa e não voltára.

«Bruto! Animal!» —vociferou o Antonio, aos murros ao peito que parecia desassisado — «Claro! Deixei a livre, fugiu com o amante... Já não podiam enganar-me!... Mas hei-de agarral-os! Olá!... Mato-os... Mato-os... E depois que me venha o Sequeira cantar philosophias!» — e sentando-se desesperado, aniquilado — «Ora isto, isto!... O que é a vida

de um homem nas mãos de uma mulher sem miolos!»—e voltando-se subitamente contra a criada, em crescente exaltação: «Mas ella, essa canalha, nem sequer me deixou um recado, nada?!... Fale, mulher. Não vê como estou? Diga tudo o que souber, ande...»

A rapariga enxugou as lagrimas ao avental. Depois, n'um trabalhoso esforço para serenar-se, para emittir claras as palavras: «A senhora, coitadinha, andou ahi toda a tarde que mettia mesmo dó. De comer, nada. Nem á mesa se sentou. O que fez foi andar a arrumar tudo. O fato do senhor *antão* foi todo dobradinho nas gavetas, todo posto por ordem... E lagrimas como punhos. Nem quando foi da morte do paesinho... Aquillo era uma pena mais grande! Uma angustia!... Eu, á hora que me pareceu, fiz-lhe chá e *prantei-lh'o* com umas bolachinhas ahi no gabinete. Nas bolachas quem diz lá que tocou! Mas *ó despois*, quando eu entrei, disse-me assim p'ra mim, com aquella vosinha de santa: O chá fez-me bem, Flora. Muito obrigada.—Eu larguei a chorar como uma cascata. Coitadinha! Era a ultima coisa que tomava na sua casa. Sempre tão amiguinha do chá!... E vae ella *antão* volta-se p'ra mim e diz: Vamos, Flora... São coisas que tem de

acontecer... A gente no mundo nunca sabe para o que está. Tenho de me ir embora de casa. — E afogou-se com os soluços, que nem já podia falar... Eu puz-me a modo tonta da cabeça. *Prantou-se-me* aqui um nó» — e indicava o gorgomilo. — «Eramos ahi duas Manganelas... Ella *despois* inda me disse assim: Se vocemecê ficar com o senhor, trate-lhe bem de tudo: já sabe os costumes. — Mas isso lá, falo franca, Deus me livrasse! Ficar em casa, sem a minha senhora... Antes a morte!... Subiu-me cá de dentro não sei quê, e agarrei-me a ella a querer-lhe beijar a mão... Foi *antão* quando aquella santinha me abraçou e beijou na cara. E eu desato a dizer-lhe: E a minha senhora para *donde* é que se vae? — E ella *antão* responde-me por estas palavras: Eu vou d'aqui para muito longe, Flora — e correu para o quarto, que parecia que estalava. E já a gente, a bem dizer, não tornou a falar senão quando foi por via de metter o *Saraphim* no saco e eu descer com elle á carruagem...»

— «Ella então levou o gato?» — perguntou o Antonio assombrado.

— «Diz que o queria porque o seu paesinho era muito amigo de gatos e sempre fazia muitas festas a este... Tambem levou o retrato

grande do paesinho que estava dependurado na sala... Foram as duas cousas, tirante a roupa do corpo...»

O Antonio quedou-se um momento olhando a criada attonito. Depois, n'um impeto: «Você já devia ter percebido que a senhora me atraiçoava, que tinha um amante... Vocês são todas boas!...»

A rapariga enxugou as lagrimas ao avental com arremesso, com raiva. «Eh, senhor! calese lá. Isso até é offender a Deus... Ella coitadinha, que não tinha mais pensamento que era para o seu marido... Quando o senhor esteve na provincia, dia que lhe faltasse carta, logo se lhe conhecia na cara... O outro bem se atirava, lá isso!... A gente faz-se tansa, mas inda não é cega de todo. Mais derretido!... Mas ella, coitadinha, umas trombas! E é que não descançou em quanto não pregou com elle de casa p'ra fóra...»

— «Você de quem está ahi a falar, mulher? Você endoideceu?... Quem diabo vem a ser esse outro?»

— «Com o que elle agora vem! Não querem lá ver! Como se aqui entrasse mais homem que aquelle!... Pois está de ver... O senhor Sequeira... essa boa firma...»

— «Você perdeu a cabeça, mulher; você perdeu o juizo.»

— «Diga-lhe que sim e deixe... Que, assim como assim, agora já não tem que guardar...»

— «Oh! mulher do diabo... Cale-se... Isso é a maior das calumnias... Um disparate sem pés nem cabeça... Oh! senhores! Isto é para endoidecer... Essa patifaria inventaram-na para me desorientar, para occultar melhor a verdade. Vê-se que está bem ensinada, você... Sua... Você não sabia que a senhora saía todos os dias e estava fóra de casa um rôr de horas? Você não sabia isto?... E porque me não avisou, sua desavergonhada?»

A Florencia levara como uma estocada. Tinha os olhos cravados testamente no chão. Os braços hirtos completavam a attitude do espasmo.

— «Ahi está! Ahi está!» — bradou o Antonio, lançando-se a ella e sacudindo-lhe brutalmente um braço. — «Quanto lhe pagaram, sua alcoviteira sem vergonha, para que você se calasse?»

A rapariga era possante. O Antonio, ainda bem não pronunciara as ultimas palavras, tinha ido parar a tres metros de distancia com o re-

pellão decidido que ella lhe deu, rosto irado, olhos deitando chispas.

— «Arreda! Nada de pôr mão no pulpito, eh?» — e logo, mais fera: «Ah! elle é isso? Pois espera, que eu te conto... O segredo d'ella *havera* eu de o guardar até que ella me soltasse a lingua, que assim lh'o tinha promettido. Mas ha casos que podem mais que as leis... E, já agora, que importa estar com aquellas? Agora já tudo se tem que saber... A minha senhora, se saia todos os dias, não era p'ra nenhuma vergonha. Ia a casa de uma senhora que lhe chamam a viuva Cunha, ali ao cabo da rua dos Navegantes... Se o senhor quizer, tambem lhe ensino a casa... Tinha tres horas de lição a quatro meninas... Mais lindas e mais bem educadas! Só a amizade com que tratavam cá a senhora! Queriam-lhe mais!... E ella, coitadinha!... desde que ganhava os trinta mil réis parecia outra. Já as contas da casa andavam em ordem e como devia ser. Acabou-se aquella ralação de virem as contas á porta, e ella de mil côres, sem saber aonde havia de o ir buscar... O senhor era tudo andar por fóra, não dava fé de nada .. Com tanto que aqui encontrasse boa mesa e boa cama... Andava mais *estifeita!* Até a mim me augmentou

dois *mel* réis na soldada, sem lh'o eu pedir. Eu, Deus me livre! E já me tinha promettido um vestido preto para a Semana Santa...»

A esta recordação economico-piedosa, as lagrimas outra vez affluiram abundantes aos olhos da Florencia — Este era o verdadeiro nome de baptismo —. Tapou a cara com o avental e rompeu em soluços.

Toda esta scena decorria n'um vestibulo de modestas dimensões, á entrada.

O Antonio tinha-se sentado. Parecia idiotisado. Olhava n'um espasmo para aquelle pranto da criada. Os braços pendiam-lhe aos dois lados da cadeira, com leve tremor nas mãos estendidas.

Expandida a sensibilidade, a rapariga, quando enxugou os olhos e os abriu á realidade, percebeu que a situação tinha mudado de cabo a cabo. A fera, em lethargo, jazia subjugada. A força estava agora toda do lado d'ella.

Seria logico que se abrigasse em Flora um animo incapaz de abusar da força? O que ella fez, com o olho a luzir no secreto goso da vingança, foi atirar-se com unhas e dentes ao inimigo prostrado.

—«A final de contas, a culpa de tudo quem a tem é o senhor» — e as palavras vinham-lhe

soltas, aceradas, mortificantes. — «Claro! Com esse geniaço que ninguem lhe póde ir á mão! Ella, coitadinha, se andava com estes esconderijos — e bastante lhe custavam! — era para ver se *prantava* as coisas a direito, sem o senhor ir ás do cabo... Elle bem claro estava... Em que cabeça cabe que se viva como se vivia n'esta casa só com o que o senhor ganha? Bons vão os tempos para esses milagres! Tudo cada vez mais caro! Os impossiveis ninguem os póde fazer. Ella bem se consumia, a ver que o rol não subisse. Mas qual! Depois, se não lhe punha as comidas finas e variadas, era logo o senhor a queixar-se. E, p'ra mais ajuda, o outro sempre aqui *prantado* a comer do bom e do melhor... Está visto!... para aquella prenda!... Olhe, pois o que lhe afianço é que, se a minha senhora tivesse querido, lh'a tinham pregado os dois, ao senhor, que era um regalo...»

N'um violento estremeção o Antonio levantou-se. Tinha-se mal nas pernas. Cambaleava como ebrio.

— «Oh! mulher, pelo amor de Deus, suma-se d'aqui... Parece que gosa em me atormentar. Maldita, maldita creatura!» — e entrou arrebatadamente no gabinete, fechando a porta com estrondo.

Ali deu-lhe logo na vista uma carta deixada, sem companhia de nenhum outro objecto, sobre a mesinha em que os dois tantas vezes tinham tomado chá juntos. Era dirigida a *Antonio Pinheiro*. A letra era a letra da Chica, bastante alterada.

Com a carta na mão, receioso de abril-a, o Antonio caiu no sofá, exactamente no mesmo lugar em que ella estivera na vespera soffrendo o ataque brutal que lhe dirigira. E o que devia ter soffrido então!

Emfim, rasgou o sobrescripto e leu mentalmente:

«Antonio:

Realisou-se em circumstancias que eu nunca podia ter previsto o desenlace que eu via imminente, desde a morte do meu pobre pae. Não podiamos entender-nos: era uma triste verdade cada vez mais clara.

Por mim, procurei sempre a tua felicidade sem a conseguir. Era uma lucta ingrata. Mas a propria lucta se tornou agora impossivel desde que deixámos de respeitar-nos mutuamente. Póde ainda viver-se em commum, quando faltou o carinho, quando desappareceu o amor; não quando se extinguiu o respeito.

A essa desgraça não é applicavel o remedio da paciencia. Acabaram-se então todos os recursos. Não ha nada a que apellar.

Escrevo-te serena, resignada com a minha vida. Não aceito a mezada que me offereces porque quero d'aqui em diante viver exclusivamente do meu trabalho, crendo que honro assim a memoria de meu pae, cujo nome continuarei a usar. E' uma resolução inabalavel. Nunca poderei desistir d'uma independencia que me custou tão cara e que deve ser d'aqui em diante o maior apoio da minha vontade.

E' lamentavel a desordem em que se encontra o teu espirito. Se esse estado é devido á influencia de amigos intimos, aparta-te d'elles. Demais, o mundo encerra tanta traição!

O plano de uma viagem parece-me excellente no teu caso. Outros objectos virão substituir os tão desagradaveis que tens agora no pensamento. Deves aceitar esse recurso com a fortaleza com que se aceita o inevitavel.

Francisca de Mello.

Anhelante, sem saber o que buscava, o Antonio passou ao quarto de cama, todo cheio de memorias d'ella. Era aquillo possivel! Não vol-

taria! Ausente para sempre! E elle como iria viver agora?

Estrebuchando n'uma violenta crise nervosa, atirou-se de bruços sobre a cama d'ella, soluçando desapoderamente, beijando com frenesi a almofada.

Tudo acabado!

Conhecia-a bastante para saber que tinha diante de si o irreparavel.

Aquillo fôra o desabar completo do seu mundo.

SERRANO

I

A patrôa puzera-lhe a alcunha muito antes de elle chegar.

Vinha da Serra da Estrella, das bandas de Manteigas, e trazia um São Pedro de nome que nem pelos diachos. *Jaliberto,* ou lá o que era... A D. Placida não podia com certos nomes. E logo declarou á tia do rapaz, a Benta Fornalha, que com'assim pegara a chamar-lhe *Serrano* e já não adregava a chamar-lhe de outra maneira.

E a Benta logo — que sim, que lhe chamasse como quizesse. Que tinha isso que ver? Se aquillo, a bem dizer, nem gente era.

E uma e outra vez repetia a historia d'aquelle sobrinho que nunca vira, informando compridamente como se o conhecesse por dentro e por fóra.

— Desde que viera para Lisboa servir, não voltara mais á terra. Para quê? Para lá ir largar o pouco que ia juntando? Figas! Não lhe custava pouco! Bem nova tinha principiado! Nunca tinha pesado á familia. Que se amanhassem como pudessem!... Mas lá da irmã viuva tinha dó. Uma recua de petizada! Nem lhe sabia a conta. Algumas sete bocarras abertas... E pensar que aos ricos era que Nosso Senhor!... Emfim, calava-se para não peccar. Por lastima era que puxava o rapaz para Lisboa... Sempre era afilhado... Muita pensão, bem sabia... Mas com as cabras a monte não era que elle havia de se fazer gente e ajudar a mãe a manter aquella matulla. Certo como chamar-se Benta Fornalha que tudo aquillo o fazia ella por simples descargo de consciencia. Que o agradecimento, esse já o esperava. Algum coice! Quando ouvira que a D. Placida andava em cata de marçano, mais se tinha animado áquelle acto de caridade que o Senhor lhe havia de tomar em conta dos seus peccados. Só em casa capaz e de muita sujeição. Queria-o aperreado. Lisboa era a perdição dos rapazes. O seu Gilberto só tinha onze annos; mas era gallo de campo que não havia de querer capoeira. Era sopeal-o com mão de ferro.

De principio era que as cousas se levavam. A sua missinha ao domingo e casa. E, quando levasse as compras aos freguezes, tempo marcadinho pelo relogio e puxões de orelhas á volta quando tardasse algum minuto. E nada de mandrüce, que era o que deitava a perder a gente môça. Pelo que lhe constava o rapaz tinha bom costado para o trabalho. Creara-se ao sol e á chuva, duro como as cabras e os rafeiros. Nada lhe havia de quebrar osso. . .

Estas e muitas outras cousas dissera a sr.ª Benta, do mesmo teor e orientação philosophica.

O Gilberto chegou a Santa Apolonia n'uma manhã de janeiro frigidissima. Trazia calça e jaqueta de briche e chapeu desabado. Ao hombro um potente cajado. Pendente d'este, um saquito de ramagens. Era portador de dois grandes olhos negros, arregalados para tudo. Movia-se difficilmente. Parecia estonteado na confusão da gente.

Abeirou-se-lhe uma mulher de chale e lenço e perguntou: «Tu é que és o Gilberto?

O rapaz acenou que sim com a cabeça. E concentrou n'aquella creatura agreste a attenção antes distribuida allucinadamente por todos os recantos da estação.

— «Crédo, rapaz! Que maneira mais pasmada de olhar p'ra uma pessoa! Parece que nunca me vistes!»

— «Eu inda nunca a vi a vossemecê» — articulou o pequeno, bravio, com firmeza.

— «Que nunca viste gente, digo... Eu sou a madrinha... a tua tia Benta... Pede-me sequer a *bençoa*... Bem podia a tua mãe ter-te dado ao menos essa criação...»

O rapaz obedeceu machinalmente. Os dedos da sr.ª Benta roçaram-lhe asperos pelo nariz.

O da serra não revelou a menor commoção ao ser-lhe notificado que tinha diante dos olhos a tia Benta, em cujo labio superior avultava um consideravel bigode grisalho.

— «P'ros modos, de *bagage*, nicles?»

— «*Bagage?*»

— «Pois se quer ó menos uma brôa de milho, bem podia a tua mãe alembrar-se de mandal-a... Estás a modo com cara de frio, rapaz... Queres um decilitro? Entramos ahi n'uma taverna... Queres?»

— «Um decilitro?» — indagou o pequeno, cada vez mais pasmado.

— «Uma pinga de vinho, home... P'ra tomares calor... Pareces parvo.»

— «Tenho mas é sede.»

— «Pois isso... p'ra matares a sede.»

— «Vinho nan mata... Leite é que sim... inda que venha quente e co'a escuma...»

— «Olha o asno!... P'ra isso bebes agua... Ah! rapaz, anda: mexe-me esses pés.»

Sairam da estacão. A dois passos tiritava uma velha diante de um taboleiro, onde branquejavam especiones sediços.

— «Come» — ordenou com magnanima omnipotencia a sr.ª Benta Fornalha.

O pequeno comeu avidamente dois bolos, com os olhos cravados alem, no rio, onde apparecia uma caprichosa floresta de vellas e mastros.

— «Tem só este?» — perguntou, por falar, a do taboleiro.

— «E' uma recua d'elles!» — informou a sr.ª Benta com ademanes de tedio — «Mas são sobrinhos.»

— «Tirado por feições, cuidei que era filho.»

— «Credo, santinha! Deus lhe perdôe! Inté ó dia de hoje inda lá nan fui... Que a gente nan pode dizer nada... Mas sempre uma pessoa assim está melhor... Poderá ser, poderá ser... Inda nan estou nenhuma velha... Que hoje, inda nan tem os dentes todos e já pensam em casar... Dá vontade de gomitar...

Ha mais que tempos podia eu estar casada. Era só querer... Esperem lá vocês!... Elle o mafarrico do rapaz para donde se me pirou? Nan querem lá ver! Ora os meus peccados! Aqui n'esta Babylonia, se se me perde, quem é capaz de topar co'elle? Com cedo deita os bracinhos de fóra! Ora o traste!»

— «Está ali, senhora... Alem, entretido a ver os barcos... Crienças!»

— «O que eu lh'havia de fazer agora era puxar-lhe as orelhas inté ó nariz.» — Atravessando a rua, esbaforida, a Benta Fornalha descarregou uma valente palmada no hombro do sobrinho — «Hades fazer favor de nan sair da minha beira. Isto aqui nan é guardar cabras, Passa-te um carro nas pernas e morres... ó t'aleijas p'ros dias da vida.»

A ameaça devia commover seu tanto o mocinho. Em tom humilde, explicou se: «Foi p'r'amor de ver os vapores.»

A sr.ª Benta fez-se escarlate.

— «Ah! tambem és dos que mentem? Pois hades perder essa balda... Por aqui nan passam vapores nenhuns... O que elle foi inventar!»

O rapazinho arregalou mais os olhos, e, ao passo pesado das suas botas ferradas, lá foi

indo atrás da tia Benta, sem desprender os olhos dos humildes barcos a que a sua ingenuidade, pura de todo o proposito de mentir, chamava pomposamente vapôres.

Passou um *americano* que lhe desviou a attenção para as cousas da terra.

— «Safa!» — bradou, enthusiasmado — «Que raio de *diligencia!* E' quasi tão grande como o curral do tio Dyonisio. . . Eia!»

A tia Benta adoptou o expediente logico de tomal-o pela mão, rebocando-o. Senão, quando chegariam á rua dos Fanqueiros?

Ao mesmo tempo, ia-lhe pespegando o seu sermão — «E' tratar de fazer as vontades, ovistes? Ser humilde e nan fugir ó trabalho. Uma pessoa n'um momento deita a mão a tudo. P'ra te fazeres estimado. . . Vens a aprender... a fazer te homem. . . a fazer-te gente.»

E' possivel que o pequeno lhe não ouvisse o martelar da voz aspera, de pasmado que ia para tudo: casas, lojas que abriam, carroças, vendedeiras d'isto e d'aquillo, fios electricos...

Estacando, perguntou inesperadamente: — «Quantas ruas ha em Lisboa?»

A tia Benta casquinou uma gargalhada de mofa.

— «Nan querem lá ver o asno! Julgas tu

que isto aqui assim, que é como Manteigas!»

— «Bem sei» — acudiu elle com certo ar de sufficiencia digna — «Aqui inda é mais grande que Gouveia...»

— «Upa! Upa!» — encareceu eruditamente a sr.ª Benta.

— «Mas a Serra inda é mais grande» — tornou o pequeno com orgulho.

— «Olha a comparação! Forte palerma! Misturas alhos com bugalhos, rapaz!... Mas tu, mexe-me esses trambolhos d'esses pés, que vamos a chegar á noite... E vae ouvindo: muito juizinho, respeito aos patrões, nada de responder, boca calada. E no serviço hades ter o pé mais leve, senão... não te queria estar na pelle. Quem dá o pão dá o ensino... Porque paras? que foi?»

Passara uma bicicleta como uma setta. Os olhos de Gilberto fuzilavam.

— «Eia! Co'os diachos! Vae mais ligeiro qu'ó camboio!»

— «Pois não fostes! Não sejas parvo, rapaz. Mais ligeiro qu'ó camboio nan ha nada.»

— «E antão as aguias?» — perguntou elle triumphante — «Inda trás d'antehonte ia um bando d'ellas p'r'as bandas do Poio Negro, qu'aquillo...!»

— «Deixa-te agora de historias, pequeno; e mexe-me esses pés» — e apertava-lhe mais a mão como se d'ella quizesse espremer velocidade. — «E vae lá óvindo... Tu nan me tenhas a balda de pregar mentiras, que a D. Placida é bem capaz de te arrancar a lingua ou de te encher a boca de pimenta. Na tenda ha bastante. Nan tem que a ir mercar. E a D. Placida nan é p'ra brincadeiras nem nunca ó foi.»

— «Quem é a D. Placida?» — perguntou o pequeno com regular interesse, sem vislumbre de sympathia.

— «A patrôa, home: a patrôa. Pois quem havera de ser!... Mas tu agora p'ra donde te espantas que nan andas para diente? Já inté me doe o braço. Ora o castigo!»

— «Elle que vae a gritar?» — indagou o Gilberto, indicando um minusclo vendedor de jornaes, que corria apregoando com uma voz usada que quasi deixara já de ser infantil.

— «Elle quem? Forte pasmaceira de rapaz!»

— «Aquelle cachopo...»

— «São os jornaes, home... Sabes tu o que é um jornal?»

— «Sim senhora... Era assim como o pae ganhava quando andava a trabalhar na do tio Roque.»

— «Não, pateta. Qual historia! Jornaes ca'em Lisboa são uns papeis para se lerem, onde vem posto tudo dos roubos, e das facadas, e da gente que morre... Inté os retratos dos ladrões lá vem... Que alguns não parecem senão uns senhores... E negar! isso é inté ó fim...»

— «Com'ó afilhado da mulher do filho do Athanasio... aquelle que tinha fugido p'rá Covilhan quando furtou a *Esmeralda* de casa do tio Lopes...»

— «Qual tio Lopes? o da Brigida?»

— «Esse.»

— «Bem me fio eu! Oh! rapaz. Nan me venhas com lampanas. Cada carapetão! Boas joias havia de ter em casa o pobre do tio Lopes! Elles nan tem p'ra pão, como iam a ter p'ra esmeraldas.»?

— «Vomecê nan acradita? Pois ficaram sem ella. Era a chiba mais linda qu'a gente trazia no rebanho...»

— «Ai, sim. Já nan digo nada. Uma cabra.»

— «Criam-se ali... A mim conhecia-me mais bem! Era eu gritar-lhe Chibinha! Chibinha!... Vinha logo a saltar por aquellas penhas... De raiva, inté chorei...»

— «Bem empregadas lagrimas... E, se te morresse um parente, que fazias?»

Elle não soube responder. Concretisando, se morresse a tia Benta, é de suppor que elle não fizesse nada.

— «Ai! Senhora do Carmo! E a gente aqui postos á conversa... Anda, pequeno, desapega!» — e ferrava-lhe uma sacudidela de encommenda.

— «Elle em Lisboa tamem ha-de haver cadeia?» — insistiu o Gilberto, como obedendo a uma idea fixa.

— «E bem boa enxóvia! Que tambem, p'ra quem lá vae!... Tu toma mas é sentido no que te digo. Deixa o mais que nan é da tua conta. Vens aqui é p'ra te fazeres homem... Hades ter pé leve e cabeça fresca. Vaes óvindo? Senão, já te aviso... Temos o caldo entornado... A' primeira que me chegue ós óvidos vaes logo recambiado p'rá terra... P'ra isso inda me chegam as posses, louvado Deus!»

— «Tomara eu!» — Havia tanto calor na voz, até ali apagada, que a sr.ª Benta estacou, varada de espanto. O rosto queimado da criança despedia fulgurações selvagens.

— «Esta agora! Cá vou vendo!... Lingua nan te falta... Nascestes para cabra, nascestes para animal... Tens as inscripções tiradas... Mas antão, meu lôrpa, que vens tu cá fazer?»

— «Eu nan queria... A mãe é que quiz.»

— «Tu antão, p'ró teu gosto era só serra e cabras, hein?»

— «Aquillo p'r'ali é mais bonito» — declarou elle com o olhar incendido — «Inté o ceo é mais grande.»

— «Que besta! Como se o ceo nan fosse todo um!... Nan me sejas bruto!»

Seguiu-se um silencio pesado e hostil. Decorreram alguns minutos e tinham chegado.

II

A mercearia de Matheus Gonçalves & Irmão ficava a meio da rua dos Fanqueiros. Porta de avantajadas dimensões e vitrina adequada. Encimando ambas uma vistosa taboleta de grandes letras negras: *Matheus Gonçalves & Irmão. Generos alimentieios.*

O emblema, como lhe chamavam os proprietarios, tocava quasi nas janellas de cima, na sobreloja, residencia da familia Gonçalves.

A senhora Benta Fornalha, quando chegou á tenda, afogueada como o seu apellido, encontrou um momento de grande asafama. Descarregavam fardos de bacalhau. A carroça monumental gemia. O cavallo, esquelectico, almoçava pacientemente de uma alcôfa que lhe pendia ao pescôço.

— «Ora aqui lh'o trago» — annunciou, expan-

siva, ainda na rua, a senhora Benta.—«Muito bons dias, senhor Matheus... Já vê, corpo tem elle... O' rapaz, vê lá se entras com o pé dereito... Eu, por mim, o que queria era que elle nunca mais de cá saisse.»

O homem a quem a senhora Benta se dirigia era baixo, roliço e vermelho. Não usava gravata. Trazia fato de panno grosso, nacional, cuberto de nodoas tambem muito nacionaes. Um par de chinelas de ourêlo, esbeiçadas, punha o sello definitivo em tão typico exemplar do merceeiro lisboeta popular, por aquelles tempos.

De caderno e lapis em punho, o senhor Matheus apontava os fardos arremessados da carroça.

Interrompeu-se um momento com amabilidade.

—«Ora viva a minha flor!... Este então é o Serrano?... Tostado do sol vem elle!... O' rapaz, parece que te metteram no fôrno a assar...»—e aqui gargalhada estrepitosa.

—«As côres, logo as perde»—prometteu, conciliadora, a senhora Benta—«Posto aqui á sombra...»

—«Claro!»—conveiu o outro fungando com força e passando as costas da mão no nariz em

guisa de lenço.—«Anda rapaz. chegas mesmo na conta... Larga ahi a traparia e põe-te a trabalhar... Esses fardos ahi arrimados a eito por essa parede arriba.»

Logo que deu militarmente esta ordem, o senhor Matheus voltou á faina de contar o bacalhou.—«Doze... trese...»

O rapazinho decerto entendeu por *traparia* o saquito, o chapeo e o cajado.

Largou tudo aquillo no chão e poz-se, com certo ar displicente, a carregar fardos de bacalhau para o fundo da loja. Seguia-o, inflexivel, o olhar escrutador da tia Benta, empenhado em decifrar desde o primeiro momento, se o marçano era burro capaz de dar carreira direita. Notou-lhe o franzido do apparelho olfactivo e agourou mal. Não descontava que o fartum do bacalhau devia repugnar a narinas avesadas ao aroma agreste das féteiras do Alva, do abitoiro, do sargaço, dos cachos vermelhos das tramaseiras silvestres. O contraste era brutal e não podia deixar de ser em desfavor do bacalhau.

O senhor Matheus, em quanto o carroceiro ageitava um cigarro, disse, com magestade cathedratica: «Fique descançada, senhora Benta. Hade-se-lhe fazer d'aqui um homem, quer elle

queira, quer não. Entre as mãos cá da patrôa e as do mano Domingos, o rapaz pôe-se logo um velludo.»

—«E' vradade»—exclamou, excitada, a senhora Benta.—«Elle, o mano Domingos, por donde se metteu? Inda le nan puz a vista.»

—«Esta p'r'á alfandiga... Hoje juntou-se tudo... Deixe que o rapaz para lidar chega em bom dia. Até a Praxedes faltou! Calcule o que vae lá por cima! Não lhe hão de morder as pulgas, não. Tambem, assim é melhor...»

—«Tá visto... O trabalho nan mata... O que mata são outras coisas»—e tossia com intenção.

—«Justo, senhora Benta; justo... Elle que sabe fazer?»

A boa da mulher engalfinhou as duas mãos, agitando-as verticalmente, n'um expressivo gesto de angustia supina.

—Que não sabia nada, ao que ella colligia. Aquillo fôra nascer e atirarem logo com elle para a serra a lidar com as bestas. Assim se tinha posto de rijo e de forte. Mas sabidoria nenhuma. Se aquillo nem era, a bem dizer, gente!

Circumvagando um olhar, a senhora Benta teve a profunda impressão de descobrir o sobrinho em flagrante delicto. O Serrano, appa-

rentemente esquecido de que no mundo havia obrigações e tia Benta, passava a mão com enlevo pelo dorso magrinho de um gato preto, encarrapitado n'um dos fardos, a sorver com delicia o aroma que elle exhalava. Os dois pareciam contentes e unidos de mutua sympathia.

Estoirou uma explosão indignada.

—«O estafermo do rapaz! Nan querem lá ver! Maldito seja o diabo!... Assim é que tu fazes a óbrigação, grandecissimo malandro!... Pois lá p'rá me envergonhares a cara, isso é que não!»—e para o Matheus—«O senhor não lh'as perdôe... Lá por eu estar presente!... Quem dá o pão dá o resto. Logo que as mereça é atiçar-lhe a pavana»—e fazia o gesto, meneando no ar a mão direita, estendida verticalmente.—«Em ultimo caso está a casa da Correcção.»

—«Já não topava arriba» – explicou frouxamente o mocinho, á laia de desculpa.

—«Arrimas a escada... Olha a difficuldade!»—interveiu, com certo ar digno, de ferrabrás, o senhor Matheus.—«Mas primeiro enxota para cá o bicho... Eh! che! *Malandro!* E bem malandro que elle é! Se te pesca ahi a patrôa, vaes zenindo para o fundo do Tejo com uma pedra ao pescôço...»

O Serrano pegou delicadamento no *Malandro* e pôl-o no chão. Depois, apoiou a escada e subiu tres degraus com um fardo ao hombro. Levantava o pé para uma quarta ascenção quando aquillo oscillou tudo ameaçadoramente. Elle então tomou uma resolução energica. Abondou a carga ao seu peso natural e abraçou-se á escada com quanta força tinha nas unhas.

A tia Benta, já receiosa de que lhe expulsassem o rapaz, adoptou nova tactica.

— «São as botas» — desculpou — «As tachas para a serra é o que se quer, agora para aqui. . O' rapaz, vê lá se partes as trombas.»

Estavam em risco effectivamente.

O senhor Matheus apiedou-se. — «Deixa isso, asno . . . Logo o mano Domingos dá-te ahi uma mão. Pega·n'essa vassoura e varre d'aqui este esterco.»

Este homem tinha o sestro de empregar termos hyperbolicos, em completa opposição com o seu temperamento moderado, pachorrento. O que elle agora chamara euphaticamente *esterco* era a palha, muito limpa, de umas garrafas que antes estivera desencaixotando.

O Gilberto, com muito cuidado, pé de chum-

bo, desceu. E foi canhestramente pegar na vassoura.

—«Tu sabes varrer?»—perguntou desconfiadamente o senhor Matheus.

O mocinho meneou a cabeça n'um aceno negativo. Depois, encolhendo os hombros: «Isso é p'r'ás mulheres.»

A tia Benta deitou-lhe um par de olhos de fulminar.

—«Não me dirá a senhora Benta o que esta azemola cá vem fazer?»—perguntou entre faceto e formalisado o tendeiro.

—«Credo! homem de Deus... As coisas tamem nan se levam assim. Dê tempo ó tempo.»

—«Vem direitinho da Lourinhã... Mais bronco!»

—«Tamem vocemecê o que cuidava?... Se elle viesse ensinado, já lhe haviam de dar soldada... Que mais nan fosse, p'ra botas... Cada um segundo a criação... Ponha-lhe vocemecê um cajado nas unhas e um rebanho de cabras á frente e verá se nan é outro cantar...»

—«Oh! senhora, mas se eu aqui não tenho cabras nenhumas! E' boa!»

—«Bem se cá sabe que as nan tem... O que eu venho a dizer na minha... sim... já se deixa ver... é que o rapaz tem de ser en-

sinado... E, se vamos a contas, mais vale isso... Vae tudo de seu principio... O ponto é elle querer e cá vocemecês armarem-se de paciencia... Dá cá essa vassoura, rapaz... Vês? Assim... ó direito das tabuas... Nan vae na força. Geito, geito é que se quer. A patrôa despois logo te ensina mais a preceito... A coisa é tu puxares por ti.»

Passou a vassoura ao pequeno com um olhar fito que o atravessava. Depois, voltou-se, conciliadora, para o sr. Matheus: «Mê'migo, d'esta massa é que elles se fazem... Se elle inté os alimaes querem ensino! Ha coisa mais ruda que é uma cavalgadura? E o que aprendem em se lidando co'ellas!... A proposito, que é da D. Placida? Inda por 'qui nan appareceu hoje...»

—«Anda lá por cima a trasfegar co'almoço... Não lhe digo que hoje, p'ra sair tudo torto, até faltou a Praxedes? Deu-lhe hoje para ir ao Campo Grande, ao asylo... E já vão sendo horas da paparoca...»

Dizia as ultimas palavras tateando o ventre com as duas mãos carinhosamente. E, apontando o ouvido: «Lá está elle a chamar.»

A sr.ª Benta espanejando-se alegre. «Quem? o mano Domingos?»

—«Não, mulher; o relogio. Está dando as nove.»

—«Ih! Jasus... Deixa-me ir correndo que tenho o amo á espera do almôço... A petiza varre as casas, accende o lume, e disse... E tudo mal e porcamente... E vinha aquillo p'ra me dar descanço! P'ra me ralar inda mais... Vocemecês é que nan sei como nan tomam antes criada afectivel... Sempre é outro arranjo... Isto de mulheres a dias...»

—«Cante lá isso á minha senhora, se a quer ouvir... E' falar-lhe em gente de portas a dentro... O mesmo que se despejasse a lata do petroleo em cima do lume... Olhe, vocemecê, chegue lá a cima a levar-lhe o pequeno... Até lhe pode ajudar, e vae aprendendo a lidar co'a loiça... Ella lá anda a assar sardinhas, que o cheirete já cá está... Cousa rica!» — e dava um estalo gastronomico com a lingua — «O peior é a pitada... Leve-lhe o Serrano, leve... E é que lhe fica o nome ao rapaz...»

—«Isso tanto monta... O nome é o menos... Oiça lá, ó sr. Matheus... Uma coisa lhe queria eu pedir... Elle ha por ahi umas escolas de ensinar a ler á noite... Lembrava-me a mim... já se sabe... despois do serviço acabado, que o pequeno lá chegasse assim

coisa de uma meia hora... Elle sempre uma pessoa... saber assentar o seu nome que mais nan seja...»

O sr. Matheus, testa franzida, meditou ensimesmado. Emfim, n'uma atitude importante, pollegares mettidos nas cavas do collete: «A sr.ª Benta quer que lh'eu diga, francamente, cartas na mesa, a minha ópinião a esse respeito» — e meneiava a cabeça sentenciosamente.

Ella esperou.

—«Pois isso de leituras ao rapaz não lhe tira nem põe... Para o que elle aqui tem que fazer...» — uma contracção dos labios significativa de supina incredulidade cerrou a phrase.

—«Isso lá, meu rico sr. Matheus» — protestou vivamente a sr.ª Benta — «ha de perdoar, mas hoje está aqui, amanhã pode estar acolá. E sempre se acostuma a dizer que o saber nan óccupa lugar. O senhor, se tivesse filhos...»

Elle apressou-se a atalhar.

—«Pois não sei, sr.ª Benta... olhe que não sei... Mas lá por isso não seja a duvida. Ahi bem perto ha agora aula nocturna da Cambra... E' de borla... Alguma noite que a gente o puder dispensar... Sempre não digo, que o serviço é muito...

—«Pois, claro... Primeiro está a óbrigação... Quando puder ser... Isso lhe agradeço eu, que sempre o saber... Anda, rapaz, vem d'ahi p'r'amor de veres a patrôa...»

—«Levo aquillo?»—indagou com voz cavernosa o Gilberto, indicando o total dos seus haveres: chapeo, cajado, saco de chita.

—«Deixa, deixa isso»—opinou o patrão—«Dormes cá em baixo, já te fica ahi tudo.»

O pequeno espargiu em torno um olhar saturno e mergulhou no fundo sombrio da loja, levado a reboque pela tia Benta. Esta parou um momento no sopé da lobrega escadinha por onde descia um acre fartum a sardinha assada, para dizer cauta e sentenciosamente: «Muito cuidadinho, hein? Não esquecer que tens que dar o dom á patrôa. Entendes?»—e como elle não desse o menor signal de intelligencia—«O' rapaz, tu és mouco?»

—«Eu nan tenho nada p'ra dar á patrôa»—declarou o Gilberto, indifferente, encolhendo os hombros.

—«Ai, que castigo!»—Aqui a sr.ª Benta ia a recorrer ao estimulante do puxão de orelhas. Mas o mocinho, levantando o cotovêlo, n'um repelão decidido, baldou-lhe o movimento. Ella desistiu por causa do escandalo e, com a

voz um pouco tartamuda de raiva, explicou: «Venho eu a dizer que sempre á patrôa lhe hades chamar *senhora D. Placida...*» Senão, é ella muito competente p'ra te arrancar as orelhas...»

—«E ó patrão?—indagou o pequeno.

Seria ingenuidade ou rônha?

—«Não, home, não... Forte bruto! Como ós fidalgos de Manteigas! O *dom*, tirante os fidaldos, é só p'r'as senhoras... Que a tua patrôa p'ra senhora inda lhe falta um bocado... Mas isso nan é da tua conta... Puxa-me esse cabello p'ra trás. . Nan me pareces senão um cão d'agua... Bem podia a mãe, ó menos, mandar-te tosquiar essas grenhas...»

E lá foram escada acima.

Um quarto de hora depois, a sr.ª Benta descia.

—«Lá ficou a abanar o lume... Aquillo vem-se a acostumar... Tudo quer ensino.»

—«A minha senhora logo o põe direito» — prometteu, confiante, o sr. Matheus—«O homem nasce bruto de condição... Digo, o homem e a mulher. A criação é o que doma os instinctos.»

A sr.. Benta aprovou com um profundo meneio de cabeça aquella sentença.—«E adeusi-

nho.» — disse — «que tenho muita pressa... E' vradade... já me esquecia... Os senhores agora um dia vão-me deixar levar o rapaz, assim obra de umas duas horas... E' só p'ra lh'eu amostrar o mais importante de Lisboa... p'r'amor de lhe explicar certas coisas... Por via da gente lá da terra... E certas coisas deve de vel-as com pessoa de respeito e de tino... A Praça da Figueira, o mercado do peixe, as igrejas mais principaes, o jardim ziologico...»

— «Isso agora de saidas, sr.ª Benta... N'um Natal, n'uma Paschoa, não digo... Agora assim, sem mais quê nem p'ra quê!...»

— «Dizia eu n'um domingo... Só agora p'ra isso de lhe dar umas luzes... P'ra nan entrarem a ralhar lá na terra... Obra de duas horas n'um domingo.»

— «E ella a dar-lhe com o domingo! Valha-a Deus, santinha! Ao domingo, a bem dizer, é quando o rapaz cá faz mais falta... Bem sei que anda por ahi uma certa malandragem com essa leria de fechar ao domingo. Bom cacete! Fechar ao domingo para rebentar de trabalho á segunda feira! Cá em casa o costume, ha muito anno, é sair cada domingo um de nós dois, ou eu ou o mano Domingos.

Espairecer um bocado... Que eu, se quer que lhe fale franco, por mim, nunca saio d'aqui. Mas cá a patrôa, em passando os quinze dias, já parece que estala se não a levo até á Avenida. Aquillo, lá isso é uma vista respeitavel. Estou que não ha cousa melhor por essas capitaes do mundo. Em certos dias é imponente. Cá a minha senhora pella se. E então o que ella é escripta e escarrada para aquelles quindins... Que d'este lado é da moda, que d'aquelle não é da moda. Tudo tem sem preceito e sua pilheria. Cá por mim, com tanto que oiça a musica, tanto se me dá d'aqui como d'ali... Já vocemecê vê, essa do pequeno é uma dos diachos...»

— «Bem, bem... Eu o que quero é que vocemecês estejam contentes e que elle se conserva cá muitos annos... Só o descanço!...»

— «E vae o mano Domingos tem lá aquelle genio pela calada! No domingo que lhe toque ficar, se lhe solto o marçano, fica ahi toda a semana com umas trombas!...»

— «Antão, sr. Matheus! isso lá são genios» — defendeu, melindrada, a sr.ª Benta — «Aquillo não é por mal... Vae dos nervos... Cada qual é como é...»

— Pois, claro.. mas sempre a gente tem de contar com isso.»

— «Pois isto do pequeno lá uma vez na vida... algum domingo que lhe toque vocemecê ficar. Estando a D. Placida já são dois...»

— «Sim, cá a minha senhora não sae só... Com tanto bregeiro por essas ruas ...»

— «Diz bem... Eu cá saio só, por triste remedio. nanja por gosto... Até m'alembra uma coisa... Se o mano Domingos estivesse de maré, ia co'a gente, e melhor abria elle os olhos ó rapaz... Eu p'ra desmamar crienças já me falta a paciencia... Vocemecê diga-lhe cá isso da minha parte, faz favor.»

— «Lá por dizer, digo... Mas bate a boa porta! Elle sempre com uma rolha na boca e vocemecê a querel-o para explicador!»

— «Vocemecê dê-lhe cá o recado da minha parte e deixe... Se a casa nan fosse em cascos de rolhas, inda esperava... Mas d'aqui ás Amoreiras inda é um estirão.»

— «Vá de americano, santinha.»

— «Bom avio p'ra pressas!»

— «Bem, da saida do rapaz, vocemecê trate lá isso com a minha serva de Deus. O que ella disser está dito...»

—«Já agora lá em cima lhe dei uns longes da coisa.»

—«E então?»

—«Torceu as ventas... Emfim, eu no domingo sempre por cá dou uma saltada. Tamem por via da roupa e alguma coisa que seja precisa. Bem, adeusinho... Recados cá ó mano Domingos... E o recado que nan esqueça... Com o rapaz redea tesa»—e fechou o punho expressivamente — «Vocemecê bem me entende.»

Despedindo um cordial ponta-pé ao focinho do *Malandro* que lhe investigava minuciosamente a roda da saia, a sr.ª Benta saiu porta fóra toda apressada.

Ainda olhou duas vezes para trás, talvez a pensar no regresso eventual do mano Domingos.

O sr. Matheus assomara-se á porta para espreguiçar-se á vontade sorvendo um trago do ar de fóra.

Ella ainda lhe perguntou de longe: «E' vradade... elle este domingo a quem toca sair?»

Elle, ou não ouviu, ou, possuido da sua especial condição de mercador, houve por bem fazer ouvidos do dito.

III

A divisa *Matheus Gonçalves & Irmão* sobrescriptava uma familia digna de alguma attenção. A trindade que a compunha merecia um lance de olhos escrutador.

Matheus Gonçalves, o irmão mais velho, tinha representação um tanto honoraria de chefe. Por indole bonacheirona era pouco apto para o mando. O abdomen crescia-lhe na proporção da invejavel paz de espirito. Sempre fôra homem para comer muito, rir muito, e mandar pouco.

Vivia satisfeito, completamente dominado pela vontade rija da companheira, a omnipotente D. Placida, estranho composto de toucinho, polvora e dinamite.

Ao sr. Matheus não lhe faltava nada para ser completamente feliz. Aquelle constante ex-

plosivo conjugal, que lhe estrondeava ao lado, em nada interrompia o seu imperturbavel bem-estar. Aquella serenidade não o abandonava jámais. De resto, os negocios marchavam. A tenda estava bem afreguezada. No joguinho nocturno com o visinho Remigio, a vintem a partida, tambem ganhava quasi sempre, mercê das distracções do outro, grande discursador em materias de socialismo. Que mais queria elle para achar a vida encantadora?

Podia a boa da D. Placida esbofar-se a chamar-lhe *Não te rales*, *Paz d'alma*, *Papa-moscas*, *D. Pachorra*, *Aqui me planto*, e outros apellidos que ella inventava consoantes ao caso. Aquillo para elle era chuva de maio. O homem não saia por cousa nenhuma da sua usual placidez.

D. Placida Porciuncula Gonçalves era de uma psychologia muito mais complicada. Notavam-se-lhe contrastes interessantes. Dotada de nutrição excessiva e de uma saude á prova de fogo, tinha todavia a irascibilidade doentia dos magros, dos seccos, dos biliosos. Loquaz por sete cotovelos, não podia soffrer gente faladora.

Era avarenta por indole tacanha e por calculo. E, não obstante, cada estação havia de

estrear vestido novo, sugeito com rigor ás ordenanças dos figurinos.

A economia era sobretudo para a administração interna da casa. Inventava pratos estramboticos com o olho na reducção dos orçamentos.

O solido e complacente estomago do sr. Matheus estava por tudo. Não já assim o mano Domingos, achacado de figado e intestinos, e temeroso de mixordias de ignota origem, por mais que a cunhada lhe pregasse que do que se comia com gosto nada era contrario á saude.

Tinha outra pecha caracteristica a espôsa recebida do sr. Matheus Gonçalves. Era o typo genuino do verdadeiro *desmancha-prazeres*. Nada por ella tão saboreado como derramar um bom cantaro de agua fria sobre o fôgo lampejante de qualquer enthusiasmo. Aquella ponderosa campanula de carne humana espreitava com avidez o momento de baixar sobre qualquer alegria, apagando-a. Era como uma fuligem a cair sempre sobre as cousas claras, encarvoando-as.

Os momentos de bom humor eram n'aquella mulher como luz fugitiva de relampago, seguida de feroz rugido de tormenta.

Alegrava-se quando chegava uma carta que a tratava de *excellencia*. E intencionalmente deixava por alli o sobrescripto a ventilar-lhe aquella honraria. Na inversa, quando algum freguez de *Matheus Gonçalves* & *Irmão,* entrando na tenda, lhe chamava abreviadamente sr.ª Placida, dava meia volta, subia a escada batendo muito o chinelo, e ia desabafar lá em cima, descompondo a Praxedes aos gritos que repercutiam pela visinhança.

Descia muitas vezes á loja para ver gente, para espairecer — dizia. Trajava saia e roupão, á vontade, de chita ou lã, conforme a estação. Tinha boas cousas — explicava ás vezes aos freguezes — mas queria andar á larga.

Nos *seus* domingos é que era vêl-a, pimpona, na Avenida, matrimonialmente pendurada do braço de Matheus Gonçalves.

Retratados os dois assim juntos, dariam um excellente cartaz annunciativo de qualquer farinha nutritiva.

Então saiam todos os adminiculos da sua feminilidade corpulenta: os tules, os velludos de algodão, o pó de arroz, os passarolas de grandes asas, a sombrinha vistosa, o regalo, o saquinho de seda, o veu, o relogio, as pulseiras, os brilhantes falsos. Assim, tambem ella

de quinze em quinze dias, era quasi completamente feliz.

O *quasi* vae em homenagem estricta á verdade. Estava sempre latente, a impedir o mais breve momento de desassombrada dita, o profundo desgosto da sua vida: nunca ter conseguido exasperar o marido, por mais artes que empregasse na sua já larga vida conjugal. Vinte annos de esforços completamente estereis traziam-lhe o sangue requeimado.

Valia-lhe, como derivativo, o cunhado. Com esse, apesar das poucas falas do adversario, tinha travada uma lucta permanente que era o seu desafogo. Arrojava-lhe discursos; o outro esgrimia monosylabos. Mas a colera era evidente de parte a parte. Era um combate decente, em igualdade de circumstancias.

Domingos Gonçalves, irmão e associado do sr. Matheus, era a quasi todos os respeitos a sua cabal antithese. Secco de carnes e de genio, irascivel, mettido em si, permanentemente casmurro e mal-humorado.

Havia um ponto unico de inalteravel harmonia entre cunhado e cunhada: indole avarenta; escandaloso corte no peso dos generos; falsificação dos mesmos tanto quanto cabia na ingenua confiança dos freguezes.

O mano Domingos era uma natureza esquinada. O supremo goso d'aquella vida era ir aos touros e beber café muito forte sem assucar. Duas das suas mortaes antipathias: animaes e crianças. Aos animaes chamava sempre *bichos*, desdenhosamente. De ordinarios substituia a palavra criança por *garoto*.

A *Sociedade protectora dos bichos* era objecto dos seus mais acres motejos.

Tinha um vicio — o das loterias. Contemplado varias vezes com o *mesmo dinheiro*, sonhava permanentemente com a sorte grande.

De quando em quando assomava-lhe brevemente ao rosto a nota caracteristica do seu temperamento moral—o riso satanico. O riso é a expressão definitiva do caracter. Quem ria d'aquella maneira tinha que ser um aleijado de alma.

Na linguagem resumida do mano Domingos havia um bordão pessimista:

«Pfe! lampanas!» Estava ali impressa a desconfiança que lhe inspiravam homens e cousas.

Em corpulencia já sabemos que era a completa antithese do mano Matheus. O trage semanal approximava-os. Andavam á porfia em competencia de nodoas gordurosas.

O mano Domingos era um pouco mais novo.

Andava então á volta dos quarenta e oito annos. Um calculo feito *á priori* podia attribuir-lhe sessenta. O homem vivia minado pelas exigencias morbidas do figado.

O misogynismo chronico de que padecia ainda não lograra acalmar uma das ralações, tambem chronicas, que mortificavam a previdente D. Placida: o temor de que o mano Domingos algum dia viesse a tomar estado.

Essa hypothese avolumava no seu espirito, arithmetico e comesinho, com as proporções de insanavel catastrophe commercial. Fôra-lhe um susto permanente em toda a sua vida de casada. O casamento do mano Domingos seria a ruina, o descalabro da casa.

Via com pavida agonia o dilemma: ou o seu D. Pachorra, livre da mão de ferro do mano usurario, desbarataria a fazenda até que ficassem a pedir esmola; ou teria ella que admittir de portas a dentro a nova consorte, outra auctoridade feminina, por certo com pretenções a diminuir a sua. Nos dois casos um cataclismo irreparavel.

Por isso, quando ouvia o mano Domingos apreciar as beldades femininas, que entravam na tenda, com o seu usual Pfe! lampanas! toda ella se regosijava.

Pensava então em dar-lhe o café mais forte para tel-o contente, para premial-o.

A separação do mano Domingos, alem dos inconvenientes financeiros, tinha outros. Se elle saisse de casa, com quem amanharia as suas divergencias? Com aquelle paz d'alma de marido que, as mais das vezes, nem resposta lhe dava, pondo-a ás portas de uma apoplexia? Ficava-lhe como unico recurso discutir com a estupida da Praxedes.

A Praxedes, ou, por extenso, a sr.ª Maxima Praxedes levava já alguns annos sendo uma especie de fac-totum em casa da firma Matheus Gonçalves e Irmão. Fóra de portas comprava todos os dias zelosamente a carne, o leite, a hortaliça, furtando o que podia em genero ou em dinheiro. De portas a dentro varria, esfregava, fazia a comida, servia á mesa, lavava a louça e tratava do gato.

A Praxedes tambem tinha, como toda a gente, uma idea-mestra encasquetada na cabeça: metter-se no solar de Matheus Gonçalves & Irmão, como parte integrante, como cousa de dentro, de casa e pucarinho. Assim — queixava-se — nem era nem deixava de ser.

Mas esbarravam ferreamente aquellas accommettidas na tenaz opposição da D. Placida.

— Tivesse santa paciencia, mas gente de fóra, de noute, na sua casa, isso nunca! Era contra o seu feitio. Bastava o marçano. E esse, bem entendido, ficava fechado na loja.

A Praxedes não se escandalisava. Tinha tomado a discreta e previdente resolução de não escandalisar-se nunca.

A sua politica, eminentemente pratica, consistia em não impugnar opiniões de ninguem. A sua era moldavel como a cera.

— Sim, senhora. Lá isso! Ella bem o entendia... Cada um com as suas idéas! Apezar de que já se conheciam bastante, e bem sabia a D. Placida como ella sempre puxava para a casa... Emfim, systemas! Não falaria mais n'isso. — E, na seguinte occasião propicia, voltava á carga com incansavel sangue frio.

IV

O dia em que o Serrano viu pela primeira vez a rua dos Fanqueiros e penetrou assombrado em *Matheus Gonçalves & Irmão*, era um dia excepcional na casa.

O mano Domingos na alfandega toda a manhã; o mano Matheus sosinho na loja, tomando nota do bacalhau recem-chegado e attendendo simultaneamente aos freguezes; a D. Placida, arremangada e bufando, presa á cozinha, preparando o almoço e dando ao diabo a ternura maternal da Praxedes, que a abandonava n'aquelles transes.

Quando a Benta Fornalha chegara lá a cima com o pequeno, a recepção fôra expansiva.

— «Ora, até que emfim! Custou a chegar o tal Serrano! Deus te ponha a virtude, rapaz!»

— «Sempre a mãe teria que arranjar-lhe uns

trapinhos» — desculpou a Benta. — «Ora aqui o tem, D. Placida...»

— «Gente que não tem consideração, é o que é... E eu aqui á espera ha mais que janeiros!... Chega-te cá, rapaz; deixa ver essas trombas...»

O Serrano avançou dois passos na atmosphera ensardinhada e adoptou o expediente de coçar a cabeça.

— «Bem, pois a trabalhar, que as coisas cá por casa estão hoje muito más... E tu não me tenhas essa balda de coçar na cabeça, que isso cá p'ra mim... E toma conta, que não se te digam as cousas duas vezes... Vocemecê sr.ª Benta, não quer ver esta da Praxedes?... Abala-me para o Campo Grande muito descançada... e eu aqui n'estes avios!»

— «Iria p'r'amor de ver a filha...»

— «Isso diz ella... A gente sabe lá!... Diz que mudaram a visita para a segunda quinta-feira de cada mez... Vá lá saber!»

— «Lá isso... Coitada da mulher!»

— «Lá vem vocemecê tambem... Está como o meu *Não te rales*... Coitada! coitada! mas o dinheiro que eu lhe dou para me fazer o serviço tambem é bom. E hoje então com sardi-

nhas! Põem-se as mãos que é uma vergonha...
Nem me cabem os anneis depois...»

A D. Placida olhou por um momento as mãos displicentemente. Depois, caindo de repente na realidade pratica das cousas:

— «Anda, rapaz. Que esperas? Põe-te a ajudar. Para isso é para o que tu vens... Põe a aquecer essa açôrda e dá-lhe volta sem a esbandalhares, emquanto eu estendo a toalha. Agora toma sentido. As coisas fazem-se com geito... A sr.ª Benta ha de desculpar que eu não esteja agora para conversas. O meu *Paz d'alma* já ha de estar deserto pelo almoço...»

— Está, está... Já m'o disse... Eu, se pudesse, ficava-me aqui a ajudal-a, mas tenho lá a petiza só, e, já sei, o primeiro em chegando a casa é dar-lhe uma tunda... Nan faz senão parvoices... Até me prantava lá em baixo á espera do mano Domingos por via de o seu home almoçar mais descançado.»

A D. Placida saltou como uma pella.

— «O mano Domingos! Esse hoje não vem cá tão cedo. Antes d'essas tres horas da tarde... Olhe lá, e o rapaz que edade tem?»

— «Vae nos 14... Nan é assim, rapaz?»

Elle assentiu machinalmente com a cabeça,

sem despregar os olhos do tacho, talvez com a vaga impressão de que aquillo não ia bem.

— «Bem... Adeusinho!... E tu, rapaz... juizo e cabeça fresca... E' fazer por agradar ós patrões... Trata de aprender... Oh! rapaz!» — e a sr.ª Benta correu para a chaminé, arredando o tacho do lume — «Tu estás a guardar cabras?... Nan vês que se te esturra a açôrda? Quer-se mais lume no olho...»

Elle, effectivamente, ouvindo falar em cabras, tivera como um lampejo na vista.

— «Ai, sr.ª Benta!» — suspirou a D. Placida melodramaticamente com os olhos em alvo — «Parece-me que o rapaz... Outro officio... Lá para a cozinha!...»

— «Credo! Senhora!... Isto tamem nan vae á esparafita!... Boa vontadinha p'ra fazer as coisas tem elle! Se o óvisse pelo caminho! Tudo era dizer-me que nan queria senão parar muitos annos n'esta casa...»

— «Pois para isso, ha de puxar por si» — acudiu, em tom de ameaça, a D. Placida.

— «Ai, puxa, puxa» — prometteu, confiante, a tia Benta. — «Inda agora elle chegou... Isto a pratica é o que o ha de desenvolver... E a senhora nan lh'as perdôe... Ninguem nasce

ensinado... O' despois é quando elle ha de dar o agradecimento...»

— «Isso de agradecimentos já não é a filha de minha mãe que conta com elles... Veja os outros que ahi tenho tido! Corja de ingratos.. O que vale é pensar a gente que sempre faz uma caridade... Vocemecê, faz favor, diz ahi ao meu homem que se vá preparando p'ra vir almoçar?»

— «Sim, senhora... Escute cá, ó D. Placida» — e a tia Benta chegou-se á outra, falando-lhe ao ouvido com muitos tregeitos.

A D. Placida, na expressão da physionomia, desmentia o nome. Da côr da cereja de saco ia passando á do pimentão.

— «Isso agora, sr.ª Benta» — explodiu por fim — «Ainda agora elle entra, já havemos de estar com isso!»

— «Lá por causa dos falatorios na terra, nanja por outra coisa... Emfim, eu no domingo sempre por cá dou uma saltada... Inté por via d'isso da roupa... Adeus, rapaz... nan vens a pedir-me a bençoa?... Vá, calaceiro... O ensino vae em tudo» — e, indo ella onde estava o sobrinho, já que elle se não mexia, passou-lhe os dedos no nariz em guisa de espanador que não era positivamente de plu-

mas. E lá se foi correndo escada abaixo, dizendo ainda: — «Adeusinho, adeusinho.»

— «Tu que fazes ahi espantado?» — increpava ao mesmo tempo a D. Placida, dando vasão ás sobras do mau humor — «Põe me essa chaleira ao lume... Não vês que se estão a perder essas brasas? Ai, que palonso!»

O Serrano obedeceu com ar soturno.

— «Vê se tem agua bastante. Acostuma-te a reparar para as coisas.»

Elle fez um movimento como de espreitar pelo bico, a distancia conveniente, talvez com certo medo de queimar o nariz. E declarou fleugmatico:

— «Nan se vê.»

— «Destapa, bruto, destapa!» — rugiu, convulsa, a D. Placida — «Ora os meus peccados! Estou servida! Não querem lá ver o lôrpa!»

O Serrano destapou, com movimentos receiosos de gato escaldado, e informou laconico:

— «Está no fundo.»

— «Ih! Jesus. Que mostrengo de rapaz! Muito compridas te vou eu pôr as orelhas!» — e a D. Placida, fazendo pelo caminho um vigoroso gesto de murro fechado, correu a salvar o objecto dos seus cuidados, ameaçando

rotundamente : — «Voltas para a terra, tão certo...!»

— «Tomara eu!» — acudiu o mocinho, com uma vivacidade que levou a D. Placida ao setimo ceo do assombro.

— Ainda por cima respondão! Temol-a travada! Pois cá comigo, já sabes... Levas dois murros pelas ventas que te ficam a escorrer sangue.»

O rapaz, através da pelle tostada, não mostrou commoção. Ou era idiota ou andava com o pensamento em excursão longinqua.

A D. Placida continuou, muito arrenegada :

«Agora vaes para baixo e dizes ao patrão que venha almoçar. Está aqui está a dar meiodia...»

— «Aqui nan se conhece a hora» — observou o pequeno, enviando ao tecto, muito pintado de moscas, um olhar que tinha còr de desespero.

— «Não digas bestialidades» — aconselhou, sem mudar de tom, a patrôa — «Ficas tu lá em baixo. Se vier algum freguez, chamas ahi á escada.»

O Serrano desceu um pouco mais depressa do que era de esperar. Seria afan de livrar-se de uma companhia odiada?

Quando realmente deu meio-dia, já elle tinha devorado com ancia um quarto de pão duro e duas sardinhas, e trazia nos pés uns sapatos de ourelo encarnados, grandes como barcaças.

A's quatro horas da tarde já tinha levado dois formidaveis puxões de orelhas do mano Domingos, para quem não se atrevia a olhar direito, e ouvira dos labios contrahidos da patrôa os seguintes qualificativos: atrevido, lambisgoia, estupido, descarado, estátula, estafermo, azemola, mosquinha morta, saramantiga, pantesma. Aquillo era toada incessante de que talvez elle nem dava tento.

Em conhecimentos e habilidades tinha já progredido muito. Lavara os vidros do mostrador com relativa mestria, apesar do qualificativo de *mal e porcamente* que a D. Placida applicara ao acto.

Aprendera o logar de alguns generos mais triviaes na tenda. Em cima, na sobreloja, exercitara-se a accender o lume, a lavar a louça, a esfregar a cozinha e a arranjar o quarto do mano Domingos, tudo sob a inspecção minuciosa e severa da D. Placida.

Em guisa de jantar tivera uma sopeira a transbordar de caldo chilro com sobras de hor-

taliça e um quarto de pão de pataco, um pouco mais duro que o do almoço, porque era da mesma data: dois dias.

Ao serão o mano Matheus jogava a invariavel partida de assalto com o visinho Remigio, dono da colchoaria defronte. O mano Domingos fazia contas e despachava de má sombra os freguezes tardios. A D. Placida, depois de discutir com a Praxedes as compras do dia seguinte, viera para a tenda escabecear e dar fé do que se dizia.

O Serrano, cambaleante, ebrio de somno, dobrava e empilhava as serapilheiras em que viera enfardelado o bacalhau. Tinham-lhe imposto a obrigação de contal-as. Isto era de certo o peor, porque o somno e a contabilidade são elementos oppostos. A intelligencia, ainda que fosse muita, devia estar-lhe n'aquelle momento embaciada.

O medo do mano Domingos espertava-o, impedindo-o de estatelar-se ali a roncar. Era um milagre de terror.

O mano Matheus levava cinco partidas ganhas. Estava radiante. O colchoeiro era philosopho. Perdia, pela distracção da conversa; mas ia sempre conversando. Não queria ser escravo de nada... dizia. Nem do jogo.

Este *Remigio dos gatos*, como na rua lhe chamavam, tinha suas fumaças de espirito superior, adiantado. Solteiro, consagrava o melhor dos seus affectos aos dois maltezes, o *Galhardo* e o *Marechal*. Viviam como principes, na macieza dos colchões, aquelles bons amigos. Como nota caracteristica d'este Remigio Palhares, sei que o homem tinha, por condição natural, um grande desprezo ao dinheiro. Ora isto foi sempre raro em todas as epochas, e em todas as classes, sem excluir a dos colchoeiros.

—«Pois senhores» — disse o Remigio, ao mesmo tempo que meditava uma ousada accommettida dos seus soldados — «parece que isso de fechar ao domingo, d'esta feita vae ávante» — e esfregava as mãos contente de embirrar ao mesmo tempo com o mano Domingos e com a D. Placida.

Ella saltou como uma pella.

—«Que ha-de ir ávante! Sempre o senhor anda com isso! Havia elle de ter mercearia, a ver se lhe quadrava...»

—«O mesmo, visinha... Aguentava-me.»

—«Não diga despauterios, creatura... Ao domingo é quando mais se vende.»

—«Que comprassem ao sabbado... Em se acostumando...»

—«Não diga disparates, homem... Essa tolice, por mais que andem, não a conseguem...»

—«Olhe que assim mato tres»—avisou, generoso, o mano Matheus.—«Você joga ou dá á lingua?»

—«Espere, homem de Deus, espere. Isto não vae a matar.»

—«Obrigarem cada um a perder os seus interesses!»—bufou a D. Placida supinamente indignada.

O mano Domingos tinha interrompido a operação algarismica.

—«Pfe! larnpanas!»—disse—«Adiante d'essas modernices está o interesse do publico. Levantava-se ahi a cidade.»

—«E os caixeiros, ó seu Domingos? os caixeiros não hão de descançar? não são de carne e osso? não...?»

Uma carantonha terrivel da D. Placida, acompanhada de gestos cabalisticos, cortou-lhe a phrase na garganta.

Aquella senhora considerava altamente desmoralisador e anti-educativo aos ouvidos do marçano aquelle postulado de que os caixeiros fossem de carne e osso.

Como de tacito acôrdo os olhos de todos tinham-se dirigido ao Serrano.

O pequeno, estendido no sobrado, tinha adormecido. O *Malandro* tinha-se-lhe enroscado entre as pernas, avido do contacto d'aquelle corpo em que havia algum calôr.

— «Olha o estafermo!» — vociferou a D. Placida com um brusco movimento de indignação. — «Quem lhe assentasse um ponta-pé no rabo! Anda, que a Benta sempre nos pregou uma!»

— «Aquillo é hoje» — defendeu o mano Matheus, guardando gulosamente o quinto vintem que ganhara. — «E' moideira da viagem.»

— «O pequeno, d'onde vem?» — quiz saber o Remigio dos Gatos.

— «Da Serra da Estrella, ainda para cima de Manteigas. Pfe!»

Este pfe! do mano Domingos vinha a dizer que o rapaz, com aquella procedencia, tinha que ser o mais bruto que cabe na bruteza humana.

— «E, que tal?» — indagou o visinho, olhando com certo interesse para o grupo da criança profundamente adormecida e do gato que agora tinha por almofada uma das chinelas de ourêlo do companheiro.

— «Um alarve. Um animal» — informou, convicta, a D. Placida. — «Quem faz nada d'aquillo? Se a gente nem acredita que esteja ali uma alma christã!»

— «Quebrado tivesse eu o braço» — praguejou, sanhudo, o mano Domingos — «quando escrevi a carta para o mandar vir! A mana não se convence que de garotos pequenos ninguem faz nada de geito! Tudo uma malta!»

— «Quem sabe!» — quiz apaziguar o mano Matheus, com um bocejo chronometrico, indicativo das nove horas e meia. — «A's vezes donde não se espera...»

— «Pfe! lampanas!»

— «Lá com o meu D. Pachorra tudo são desculpas... E' quem os deita a perder... Que frenesi de homem! Sobe-me cá uma córrela!» E, esbofando-se de ira recrudescida: «Olhem, duas prendas de recommendação já eu sei que elle tem... Ralaço e respondão... Mas as bofetadas tambem as tem certas, olá!»

O tom indicava certa tendencia a generalizar bofetadas. O senhor Matheus costumava fazer-se desentendido. Foi o que agora fez, accendendo um cigarro, cousa que sempre elevava ao cubo a indignação da irritavel D. Placida. Aquelle gasto inutil, que empestava tudo, tinha

a sua mais inconciliavel reprovação. Mas em certos momentos um cigarro na mão do marido tomava proporções de offensa grave. Estavam n'um d'esses momentos, em que ella confessava á Praxedes que de boa vontade atiraria á cara lustrosa do sr. Matheus um pucaro de agua fria para apagar-lhe o cigarro.

— «Se o pequeno é da serra, creado ao tempo» — reflectiu o visinho Remigio, abanando a cabeça sentenciosamente — «hum! não aguenta... Gallinha de campo não quer capoeira...»

— «Que remedio terá elle!» — commentou surdamente o mano Domingos.

A cunhada obtemperou.

— «Pudera! E que mais quer isso? Muito favor lhe fazemos! Para seu bem é. Mas o pago já eu sei qual ha-de ser. Com estas bestas, quanto mais a gente faz, peor. E então este lapuz! Olhem vocês p'r'aquillo! Ronca que nem uma alimaria... Não sei se me chegará a paciencia para lhe aparar os coices.»

— «Pois sim, mulher, pois sim» — ponderou o mano Matheus, sorvendo uma fumaça. — «Tambem não lhe pagas soldada... Tudo tem seus prós e seus contras.»

— «Lá vens tu! Pois ainda em cima lhe haviamos de pagar, homem? Não se trata de um

marçano. Ttrata-se mas é de uma besta que vem aqui para se fazer gente... O caso é ter a redea bem tesa desde o primeiro dia. A este já lhe conheci a casta...»

—«A's vezes, quanto mais se aperrêa, peior, visinha» — ousou ponderar o senhor Remigio, espreguiçando-se e pondo-se de pé para sair. —«Tambem, maus tratos...»

—«Pfe! Lampanas!» — discordou, n'um sussurro, o mano Domingos.

—«Ninguem fala em tratar mal, homem de Deus» — compôz com dignidade a D. Placida. —«O senhor bem sabe. Aqui não se consente que elles tenham fome, nem frio. Mas o ensino ha-de-se-lhe dar. Elles é que são uma corja! Ingratos, todos. O senhor lembra-se do Valentim? Até piolhos. Limpou-se na casa... E depois? Pernas para que te quero... Lembra-se do Chico da Torta? Esse até trocista! Mais descarado! Uma pessoa a desancal-o e elle á gargalhada! E então o Agostinho! Não se lembra, visinho?»—e aqui a D. Placida, accommettida repentinamente de um accesso de humorismo, dava palmadinhas risonhas no hombro do senhor Remigio dos gatos—«aquelle que o mano Domingos um dia ia matando com a tranca da porta...»

—«Matando! Pfe!»—interpôz, desdenhoso, o presumptivo auctor do attentado.

—«Sim, senhor... matando, matando»—carregou, com desengano a cunhada.—«Mas deixe lá que era bem morto... Um descarado... Um alma do diabo! Não se perdia nada... Um inferno, isto dos marçanos!»

—«Todos temos que soffrer, visinha... A senhora aqui com os marçanos... eu ali com a minha velhota... E' ir levando a cruz com paciencia...»

—«Boa comparação! A sua Thareza, homem, é o seu descanço...»

—«Cale-se lá, visinha... Uma enxovalhada... E, p'ra mais, aquillo do rapé! Sabe porque a aturo? Por causa dos gatos... N'esse ponto, sim, tenho descanço... Capaz é ella de o tirar da bocca para o dar aos meninos... Põe-se á coca do carapau e, emquanto lhe não deita o gadanho, não ha Thereza para mais coisissima nenhuma.»

O mano Domingos arreganhou o seu riso, o riso satanico. E entre dentes, com a consciencia de uma forte superioridade, deixou passar desprezivamente o monosyllabo *Pfe!*

—«Bem se vê que têm vagar!»—casquinou, ironica, a D. Placida.—«Queria-os mas

era na lida d'esta casa... Bem me importa a mim o que come aquelle!»—Aqui, um tregeito dos labios indicava com rancor o esqualido *Malandro*.

—«Assim está elle como está, visinha. Pelle e osso.»

—«Ratos não lhe faltam para caçar»—ponderou com severidade o mano Domingos.

—«E, se não é para os ratos, para que serve ter aquillo?—perguntou, impando de apojadura financeira, a D. Placida—«Animaes de estadão! Isso é lá bom para o senhor... A gente cá não póde ter esses luxos...»

—«Só a companhia que elles fazem, senhora. Os animaes, sem offensa, ainda ás vezes parece que tem mais entendimento que certas pessoas... Quer saber o que ainda hontem me passou com o *Galhardo*?

—«Pois cá o de casa»—insistiu a D. Placida—«é estupido como uma porta.»

—«Pois, vá ouvindo... Hontem estava eu...»

—«O' visinho, olhe que estão para dar as dez... E a gente cá tem que madrugar... Se lhe parece, deixe a historia para ámanhã.»

—«Bem, bem. Por isso não seja a duvida. Fiquem-se em paz e até amanhã.»

O colchoeiro transpunha a porta quando de dentro vieram as tres despedidas que a delicadeza pedia.

—«Boas noites.»

—«Adeus, visinho. Muito obrigado pelos seus cobres. Já tenho para os cigarros de amanhã.»

—«Saúdinha. Recados aos dois meninos.»

Elle, ao cruzar a rua, ainda disse: «Está friinho. E ha muita humidade. Já o diziam os meus calos.»

E logo o mano Domingos, com uma dura imprecação contra a relaxação dos costumes em geral e a mandriice dos marçanos em particular, se pôz a trancar a porta, fazendo dez vezes mais ruido do que era necessario.

—«O mano é que tem a culpa»—apostrophou, indignada, a D. Placida—«Isso é que os deita a perder... Comecem desde o primeiro dia e depois queixem-se»—n'este plurar ia incluinda a critica ás condescendencias do mano Matheus.—«O mano não seja tolo. Acorde-o. Dê-lhe um ponta-pé no rabo e verá como esperta...»

Eu creio que a sentença estava a ponto de ser executada com presteza e afan quando o

mano Matheus lançou no espaço um alvitre que fez sensação.

— Elle não achava indispensavel que o rapaz se mettesse na cama. Optava por que o deixassem dormir ali até pela manhã. O cançaso, nas crianças, era como uma bebedeira... A'quelle, mais falta lhe fazia o somno que a ceia.

Aquella idéa de economisar a ceia que o mocinho havia de comer pareceu inspirada aos dois cunhados.

Movidos por tacito accôrdo, fecharam tudo, apagaram tudo, e subiram immediatamente a ceiar.

Quando a mão dura do mano Domingos, lá em cima, deu volta á chave, o pequeno, sonhando, dizia, com particular acento de ternura: «Eh! *Castanha.*»

V

O Serrano acordou altas horas da noute. Escutou o mordiscar dos ratos e teve medo. Elle que nunca temera os lobos da Serra! Soaram quatro badaladas n'uma torre proxima. Som desconhecido! Recordou onde estava.

Doia-lhe muito uma orelha que tivera apertada contra uma costura das serapilheiras, feita a cordel.

De repente passou-lhe na cara, á laia de espanador, um objecto brando e pelludo. Estremecendo, deitou-lhe a mão com ancia. Um profundo mi-au esclareceu o episodio. Rondava por ali o *Malandro*. Aquella companhia animou-o um tanto. Aquelle contacto trouxera-o brutalmente á realidade.

Revia com desesperadora evidencia as aborrecidas figuras dos tres: *ella*, sem o largar um momento, sempre a ralhar e a chamar nomes;

o *gordo*, com aquella tosse que o rebentava, sempre a cuspir no sobrado; o *magro*, sempre de olho atravessado, prompto a deitar-lhe a mão ás orelhas. E com que força puxava, o bruto! Quem pudesse açular-lhe, atirar-lhe ás canelas o *Piloto!* — E, a pensar no mastim estendeu o braço n'um affago ao *Malandro* que o não largava.

Raio de gente aquella! Viverem ali entaipados entre cousas que cheiravam mal! Sem sol de dia, sem estrellas á noite! Peior que a cadeia!

Fixou mais a attenção no olor ambiente: mescla enjoativa denunciando substancias comestiveis; e deu-lhe o estomago uns rebates formidaveis. Comprehendeu que tinha fome.

A escuridão era completa. Com um esforço da faculdade retentiva recordou o sitio de algumas cousas. Cauto, ás apalpadelas, dirigiu-se a um angulo da prateleira onde lhe dissera o *magro* que estavam os fosforos. Apalpou. Lá estavam.

Accendeu.

— Má raios! Como tudo aquillo era feio! E nem uma fisga por onde entrasse ar de fóra! As cadeias dos presos haviam de ser assim. Coitados!

Co'a breca! Safa! — tinha queimado os dedos, e atirou violentamente o morrão. Extinguira-se o pavio, em quanto elle, a seu modo, philosophava, sem ter idêa de que havia no mundo philosophia.

Accendeu outro fosforo. Perto, enfileirados como carneiros, estavam os pacotes de velas. Havia um aberto, de onde *ella* vendera de tarde uma vela, por algumas moedas de cobre, a uma mulher que chorava, dizendo que era para alumiar um doente.

Accendeu uma, sorrindo triumphante quando lhe contemplou a luz indecisa.

Lástima que aquillo se não tivesse em pé! Houve um brevissimo instante de indecisão.

O mocinho, pelos modos, não era tão estupido como o fantasiava a hostil perspicacia da patrôa. Entalar a vela entre um boião de banha e outro de calda de tomate foi obra de um momento.

Sacudiu os braços, contente, quando se viu livre d'aquella responsabilidade. E agora? Tratar do estomago.

Passeiou a vista em redor a ver o que lhe convinha. Prenderam-lhe a attenção com certa sympathia as dependuras de chouriços e os molhos de cebolas. Indecisão não a houve aqui.

Arrimou a escada, subiu, tirou da algibeira uma navalha de respeito e zás!—abaixo o chouriço mais reluzente e mais gordo. Depois, cresta ás cebolas.

Não parecia o mesmo. Agil, foi-se ao canto onde tinha o saco e trouxe de lá um pedaço de brôa, resto do farnel.

Aquillo sim, era pão — pensava, sentando-se perto da vela, no balcão que agora lhe servia de mesa. Só o cheiro!

Raio de fedores os d'aquella casa. Trazia mais castigado o nariz!

Não tardou que o *Malandro* se lhe associasse ao banquete. Foi uma orgia. Os dois comeram como ogros. Para que estar com reparos? Havia ali muito chouriço. Durante um bom quarto de hora as quatro maxillas trabalharam com energia certeira e firme.

Satisfeito o appetite, o *Serrano* olhou para o outro benignamente, um pouco como quem olha para um cumplice. Era sensivel n'aquelle momento a uma vaga impressão de delicto. E logo lhe veiu o instincto de esconder, de disfarçar; não fossem o *magro* ou *ella* capazes de lhe dar uma tunda a elle ou matar o outro. N'esta altura o *Malandro* lambia-se deleitosa-

mente, sem tomar a si a menor parte de tão alentada responsabilidade.

O Serrano não perdeu tempo.

As pelles de chouriço e as cascas de cebola entraram-lhe para um dos bolsos das calças. No outro entrou um resto de chouriço compromettedor.

Apagada a vela, escondeu-a atrás do caixote dos ovos. Mas, arrependendo-se, tornou a accendel-a e foi examinar com minuciosidade a porta.

Raio de muralha aquella! Varios ferrolhos a uma grossa tranca. Para levantar tudo aquillo fazia-se uma bulha de mil demonios.

Que inferno! Faltava-lhe o ar. Ai! o ar livre da sua serra!

Apagou outra vez a luz, e estendeu-se de costas ao pé da porta. Creria assim estar mais perto do ar livre e do ceo? As mãos cruzadas por baixo da cabeça serviam-lhe de almofada.

Olhos arregalados na escuridão, estaria pensando o mocinho? Ou seria supôr digestivo? Bem podia ser que pensasse! Fóra das presunções da D. Placida e do mano Domingos, podia notar-se no olhar do pequeno uma luz intensa que denunciava um cerebro.

Ali encurralado, devia estar recordando as

madrugadas tão lindas no alto do Poio Negro. Mal luzia o sol, manta ao hombro, cajado na mão, lá ia por essas penhas arriba com as cabras do tio Roque. O *Piloto*, de grande coleira de bicos, sempre á frente. E o sol a subir, a subir... Tudo tão alegre! Quem amanharia agora as cabras ao tio Roque? O *Piloto*, afinal, era quem mais valia. Olho mais vivo!

Com que gosto comia a sua tigela de sopas de leite com a *cucharra* de madeira talhada á navalha! Não tornara a ver leite. Que sêde se passava em Lisboa! Porcaria de terra!

Que era grande — diziam. Grande era a altura dos dois *Cantaros*, o *Cantaro Gordo* e o *Cantaro Magro*.

Bonitas vistas! — gabava a tia Benta. Que haviam de ser bonitas! Tudo atulhado de casas. Comparar isso com a garganta de Loriga!

O ceo! um migalho de ceo!

Nem o mar era o que lhe tinham dito; immenso, como o ceo de lá, sem fim. O mar que elle queria era o outro, esse de que lhe falava o tio Custodio, que tinha um irmão no Brasil. Um mar onde os vapores andavam dias e dias sem ver mais que agua, uma immensidade de agua, e o ceo sem fim, todo carregado de estrellas á noite. Que lindo devia ser!

Raio de gente aquella! Nem um buraco, nem uma janella que deixasse ver para fóra!

Apesar do frio, quanto daria para estar agora estendido de costas nas alturas do *Fragão do Corvo*, da *Cabeça do Preto* ou da *Carvalheira*, com os olhos nas estrellas! Frio por frio, tambem n'aquelle raio de caverna se tiritava. E tudo calafetado como se tivessem medo aos lobos e ás aves de rapina! Pois que os comessem a todos tres e não se perdia nada!

As lindas madrugadas na Serra! Tudo a clarear de um lado, e as estrellas ainda a tremerem do outro! Um ar mais bom! mais vivo! Abria-se a boca e ficava-se lavado por dentro.

Quem o dera lá na Serra, com um cacho de tramaseira no chapeo, das tramaseiras do *Covão do Jorge*, atrás das suas cabras, ao lado do *Piloto*, a assobiar as modas que tinha ouvido ao pastor dos fidalgos de Manteigas, o João da Ucha!

Raio de gente! Trocava aquelle abafamento ainda que fosse pelas tempestades de lá, por uma *travessia* de levar coiro e cabello. Tudo estava em abrigar-se com o gado ao pé de alguma rocha e esperar que aquillo passasse.

O que elle ria no meio da ventania diabo-

lica! E a fileira das aguias, lá muito em cima... res... com o ceo todo por seu!

Que lindo ver as nuvens em baixo, brancas ou cinzentas, enchendo os vales; e lá em cima o ceo azul, muito limpo, muito brilhante!

Quanta belleza! quanta amplidão! quanta liberdade!...

Estes poderiam ser pouco mais ou menos os pensamentos do Serrano quando uns pés muito pesados que desciam a escada o trouxeram pavidamente ás realidades tristes da sua vida.

VI

No domingo a tia Benta não faltou.

A D. Placida tinha um rôr de queixas contra o pequeno, que lhe pespegou logo em tom esbraseado.

— Estava farta até aos olhos. Tinha entendido, e mais que entendido, que d'ali não se fazia nada. Era malhar em ferro frio. Tinha visto brutos, mas d'aquella casta, nenhum. E, pela calada, fazendo sempre a sua. O que sabia era metter-se no que não estava da sua conta. Se até ás escondidas dava de comer ao gato! Depois, calaceiro até ali. Se ia a um mandado, lá ficava. Já, por duas vezes, o mano Domingos, á volta da alfandega, fôra dar com elle no Terreiro do Paço, espantalhado para o rio. E tanto fazia dar-lhe como não lhe dar. Parecia de borracha, o demonio. A unica cousa

que tinha era não ser ladrão. Entregava até o ultimo cinco reis... Mas era a unica cousa. Quem estava encantado com elle era a Praxedes. Pudera! O bandalho, em lugar de fazer o serviço, punha-se a contar-lhe mentirolas lá da Serra, combates de cães e lobos; e a tansa engulia tudo e, estava nas suas sete quintas. Ella que o que queria era ter com quem dar á taramela!

A tia Benta, ouvindo aquelles alardes de testa muito franzida, embatucava. E embatucava em attenção ao mano Domingos que lhe declarara á entrada da porta, com a mão no peito, onde talvez suppunha que devia morar a consciencia, que o garoto era uma besta de marca. Ella bem sabia que a D. Placida, com o geniaço que tinha, havia de pôr as cousas peiores do que ellas eram. O seu gosto era pôr-lhe tambem ella os pontos nos i i; dizer lhe que para acolher marçano feito e formado havia de pagar-lhe soldada.

Mas os planos matrimoniaes aconselhavam-lhe prudencia. Resolveu conter-se, ainda que sem mostrar demasiada humildade. Sabia que a humildade é, em certos casos, contraproducente.

A sr.ª Benta ignorava decerto a palavra;

mas devia ter noção intima do conceito. Empregou alguns logares communs, affirmou eruditamente que Roma e Pavia não se fizeram n'um dia, ferrou os pés á parede em como o rapaz havia de tomar caminho, recommendou paciencia e confiança no tempo, e acabou pedindo com desenfado que lhe deixassem levar o sobrinho de passeio. Pretendia — explicou — aproveitar o ensejo para pregar-lhe um bom foguete a sós com elle. E, contradizendo-se sem dar por isso, pedia logo ao mano Domingos que se unisse ao grupo indo passeiar com elles.

Logo que a D. Placida percebeu que lhe estavam *desinquietando* o cunhado, apressou-se a dar a licença ao marçano. Queria evitar a todo o transe um passeio dos dois sem o pequeno de permeio. Entendia, lá de si para si, que a companhia de um terceiro podia ser salvadora n'aquelles lances de desenfreada provocação. O diabo da velha!

— Que sim, que sim; que levasse o pequeno a dar uma volta — e a D. Placida affectava um expansivo ar magnanimo.

O mano Domingos ouvira as calorosas solicitações da implacavel adoradora no meio de uma indifferença calada e sombria. Por fim declarou que farto do garoto andava elle toda a

semana! para ainda o levar de passeio ao domingo! Nada! Ia aos touros.

E quando a sr.ª Benta, n'uns anciados assomos de viuvez dolorida, lhe recordou que a tourada era um divertimento perigoso pelo pouco resguardo das trincheiras, elle, cruel, despresivo, como costumam ser os homens muito amados, franziu o rir satanico, e atirou-lhe o mais frio e ingrato: Pfe! lampanas!

Era perto do meio-dia quando tia e sobrinho principiaram a calcorrear pelas ruas de Lisboa.

Primeiro que tudo, ella levou-o á missa a S. Domingos. Queria que beijasse o pé ao Senhor dos Passos, e, posto de joelhos em frente da imagem, pedisse humildemente perdão pelo mal que estava pagando os beneficios recebidos.

Aquelle espectaculo realista do Senhor dos Passos de corpo inteiro, com a ampla tunica rôxa, os cabellos estendidos, a cruz ás costas, a cara surcada por grossas lagrimas, impressionou quiça profundamente o rapazinho. Colhendo, muito apertada, a mão da tia Benta, notou com voz apagada: «Elle parece que abre e fecha os olhos».

A tia Benta então, matreira ou fanatica, explicou: «Tá visto... Faz assim quando tem

diante algum grande peccador, quando está zangado».

Decorridos breves momentos, o Serrano, sem levantar os olhos e com a voz sumida, perguntou: «A gente nan nos vamos?»

A tia orou um pouco mais com os olhos em alvo, persignou-se, beijou o chão, levantou-se, fez uma profunda reverencia e, tomando o Serrano pela mão, saiu solemnemente da igreja. Ia convencida de que lhe dera uma formidavel lição.

Foram d'ali á Praça da Figueira, onde a sr.ª Benta adquiriu a triste certeza de que o sobrinho era asno confirmado. Nada do que viu parecia interessal-o: nem as carnes chorudas, nem os peixes de guelra vermelha, tão variados, nem os enchidos, nem a louça de barro, nem a fructa, nem a criação, nem as hortaliças, nada.

Foi só quando chegou ás flores que o pequeno pareceu despertar d'aquella dormencia, que, no conceito circumspecto da sr. Benta, estava a pedir bofetadas. Então, de olhos esbugalhados, chegou a parecer um tanto louco.

—«Eia! co'os diachos! — e, com o braço estendido, a apontar as mais formosas, encare-

cia, nervoso, extasiado: «E aquella!... E aquella ali!... E a outra encarnada!»

Era um deslumbramento!

A tia Benta teve bom trabalho para o arrancar d'ali. O rapaz parece que tinha telha. Era para onde lhe dava. Era a modo um pouco maluco. — Isto, lia-se pelo olhar da sr.ª Benta que era então a materia dos seus pensamentos.

— «São caras; senão comprava-te um ramo» — disse ella n'um tom que vacilava entre a solicitude e a zombaria.

O assombro pintado na ingenua physionomia do Serrano era colossal.

— Caras! Pois compravam-se flores, como quem compra uma navalha ou um par de safões! Sempre tinha visto que as flores eram de todos, e cada um apanhava as que queria. O mesmo que a agua: quem queria beber, bebia.

Mas logo a tia Benta saiu com o competente quinau. Pois nan senhor: em Lisboa tamém a agua se vendia, tamém tinha o seu preço.

O Serrano, aqui, arregalou os grandes olhos de cão fiel, e sorriu incredulamente. O sorriso queria dizer pouco mais ou menos: «Pois sim. Não é com essas!

A tia estava empenhada em que fossem ao

Passeio da Estrella ver os cysnes. Apesar de que essas *avens* brancas, de enorme pescoço, como as descrevia a tia Benta, despertavam certa curiosidade no Serrano. elle pediu que deixassem essa expedição para depois, e fossem primeiro ao Terreiro do Paço ver o *mar*.

A tia sacudiu o chale n'um meneio de impaciencia — Que mania de rapaz! Para onde lhe havia de dar!

Mas, emfim! Estava cançada, e não deixavam de sorrir-lhe os bancos de pedra, soalheiros, que olham o rio. Foram.

A sr.ª Benta julgou dever aproveitar o ensejo para uma lição de historia. Mandou-lhe levantar a cabeça. Disse-lhe que não andasse sempre como os animaes com os olhos no chão, se queria aprender alguma cousa. Que reparasse n'aquelle rei, que estava no meio da Praça.

Elle reparou e perguntou se era o rei que governava agora.

A tia informou que era um que já tinha morrido e que não era do seu tempo, porque quando viera ao mundo já elle ali estava empoleirado.

O Serrano continuou a olhar com attenção pasmada e perguntou, muito grave: «Era preto?»

— «Ai, que tanso! Antão nan querem lá

ver!... Ah! rapaz... Isso é a côr da... do... d'isso de que o fizeram».

—«E isso que é?»—indagou o Serrano com certo ar desconfiado.

—«Deixa ver... Nan m'alembro agora... E' do que se fazem as estatulas... De que querias tu que o fizessem, palerma?»

Podia estranhar a rapidez com que veiu a resposta: «Podiam-no ter feito como o Senhor dos Passos que é da côr da gente... Já nan parecia preto...»

A tia achou talvez que elle tinha alguma razão e não retorquiu. Foram sentar-se nos bancos de pedra a olhar para o rio. Chegava um vapor do Barreiro.

O Serrano demorou-se em estatica contemplação. Depois, n'um repente, apontando o vapor: «Tamém se paga para ir ali?»

—«Nada, não! Tens cada prégunta, rapaz, que parece um esquecimento...»

—«N'este vapor até donde se vae?»

—«A um sitio que se chama o Barreiro».

—«Muito longe?»

A tia Benta, a dizer a verdade, não sabia onde ficava o Barreiro. Saiu, todavia, da difficuldade com o aprumo de certos cathedraticos

um tanto falhos de sciencia: «Inda fica longe, rapaz!»

—«Cuantos dias se leva para lá deitar?» — insistiu o pequeno, com uma curiosidade luminosa que vinha de dentro.

—«Dias, rapaz!... Quaes dias!... Nim um... Nim meio...»

—«Isso antão nan presta»— declarou o Serrano com a rasoira de certos criticos que só ajuisam por alqueires — «Vomecê já fez uma viage grande?»

—«Ah rapaz! secas uma pessoa com préguntas!... As viages san grandes ó piquenas conforme está o mar... E a ti que te importa? Vê mas é se deixas de ser abelhudo... Os patrões bem se queixam!...»

—«Raio de gente!» — exclamou vivamente o Serrano, como para si, sem desfitar os olhos do vapor atracado.

A tia Benta, ou não o ouviu, ou teve por bem fazer ouvidos de mercador.

Deixou passar uns minutos e disse:

—«Escuta cá. Os patrões, a ti, como te tratam? Que tal te vaes tu dando co'elles?»

O Serrano, sempre de cara voltada para o vapor, respondeu sem vacillar, como se já tivesse de antemão preparada a resposta:

— «Aquillo nan san patrões, san bestas.»

— «Ah! rapaz... Besta és tu e de marca. Nan querem lá ver o descarado! San modos de falar dos patrões! Grandecissimo ingrato. Inda em cima de puxarem por elle! de o quererem fazer gente! O sr. Domingos antão! uma pessoa de tanto respeito...!»

— «Esse é o peior... Má raios o partam!»

Havia extranho contraste entre a vehemencia do conceito e certo ar de tranquillidade com que o pequeno o expressava. Maneira de falar de quem crystalisou n'uma convicção.

A tia levantou-se, travou-lhe do braço direito, sacudiu-o brutalmente e disse, irada:

— «Você sabe donde vae a parar e nan ha de faltar munto?» — e, depois da pausa emphatica, respondeu ella mesma com solemnidade tetrica: — «À Casa da Correcção... Ás Monicas...»

— «E isso que é?» — perguntou o Serrano inexpressivamente.

— «E' uma especia de prisão p'r'ós rapazes piquenos... p'r'ós descarados com'a ti... Lá logo os endireitam» — e fazia uma mimica elucidativa, meneiando a mão direita ameaçadoradamente.

O Serrano continuava a olhar fixamente para

o Tejo. Resposta não pareceu que pensasse em dar nenhuma.

Mediou largo silencio.

Pelo que depois succedeu, eu creio que a tia Benta, reflexionando profundamente, veiu a concluir que o rapaz era duro, e que duro com duro não faziam bom muro. Importava mudar de tactica.

Tossiu dignamente, acepilhou a garganta, assoou-se, tornou a dobrar symetricamente o lenço que levava na mão, compoz com certo preceito a roda da saia, e principiou em tom moderado, conciliador:

— «Da tua parte é que está tudo... Tens que domar os instinctos para te fazeres estimado .. Hades ser humilde, fazer por agradar, sugeitar-te á vontade dos patrões... P'rateu bem é que é tudo... E nan responderes nim uma nim duas... Falar pouco... Menos tagarelice e mais trabalho... E lá co'a Praxedes nim pio, qu'a patrôa embirra co'isso... Abaixares essas grimpas é que e preciso... Tratar co'as cabras nan é o mesmo que tratarcom gente.»

Durante esta homilia em que, pelo tom da voz, parecia haver certa intenção de doçura, o pequeno, sempre olhos no rio, não dera signal de si. Ouviria?

De repente, voltando-se, n'um movimento espontaneo, de intensa vibração:

— «Tia, vomecê já viu o mar verdadeiro?»

O primeiro impeto da sr.ª Benta foi dar-lhe uma bofetada que o fizesse ver, não o mar, mas as estrellas. O descarado! Reconsiderou, porem.

De si para com sigo ia entendendo que o rapaz não era *certo da bola,* não tinha o juizo de meio a meio. E d'isso não tinha elle a culpa. A mal não era que lhe haviam de metter mais siso na cabeça. E lá d'essa desgraça tinha muito dó. Nem ella nem ninguem estava livre de vir um dia a dar na maluqueira.

Desde aquelle momento pensou que sempre lhe notara certo extravio nos olhos, sobretudo quando fazia certas perguntas. E lembrou-lhe consultar um amigo do patrão que era medico. Mas essas cousas não as podia dizer na rua dos Fanqueiros, que logo lh'o plantariam na rua. Os seus peccados d'ella!

— «Tu que dianho queres dizer co'isso de mar verdadeiro, rapaz! Que me melem, se eu t'intendo.»

— «Eu cá digo o mar donde nan ha mais que agua e ceo» — volveu o pequeno com o tal olhar suspeito á tia Benta. — «O mar muito grande, muito grande, sem se ver nim pitada

de terra... e o ceo grande, grande como o da Serra... Assim é como conta lá o tio Custodio...»

— «Está um bom trapalhão o tio Custodio! Tu, antão, engoles tudo... Sem ver terra podia lá ser! Nim os barcos sabiam por donde iam.»

— «E antão as estrellas, tia Benta? A gente na Serra tamém, vá p'ra donde fôr, sabe donde está o norte.»

— «Falas como um livro, rapaz. Aqui tens quem tem andado muito sobre as aguas do mar sem ver nesga de terra.»

A tia Benta desconhecia aquella voz. Voltou-se assustada para traz, e viu um homem de meia idade, forte e vermelho, com boné de pelles e cachimbo ao canto da boca.

— «É filho?» — perguntou o lobo do mar, que evidentemente o era.

— «Nan senhor» — apressou-se a negar a tia Benta, sacudindo-se pudibundamente, como se, sobre a sua pureza tivesse caido uma chaminé de fuligem. — «E' sobrinho... Veiu inda ha poucos dias da Serra. Por isso está assim pelludo. De tudo faz um espanto.»

O Serrano já estava junto do desconhecido, metralhando-o de perguntas. As respostas vinham promptas e benevolas.

— Era piloto de um vapor mercante. Pouco passava em terra. A estreiteza das ruas opprimia-o. Queria-se com a immensidade, seu costume. Queria muito espaço para respirar. Depois, a monotonia de terra matava-o. Nunca uma tempestade formidavel! nunca a anciedade dos perigos! Na tolda, um copo de aguardente por noute gelada sabia-lhe a gloria. Em Lisboa, mettido n'uma taverna, abafava, faltava-lhe o ar.

— «E que idade tinha vomecê quando foi p'r'ó mar?» — perguntou o pequeno, excitado.

O marinheiro mediu o Serrano de alto a baixo:

— «Pois olha, havia de ser assim um cotomiço como tu.»

— «E nan lhe batiam?»

— «Bater! Isso mais devagar!... O ponto era andar direito... O commandante, Deus lhe fale n'alma, sempre foi bom para mim...»

A voz d'aquelle homem queimado velara-se um pouco. O Serrano olhava de fito para elle, esperando sem duvida que seguisse contando-lhe cousas da sua infancia. Como o outro se conservasse calado, o pequeno, a querer puxar-lhe pela lingua, tornou:

— «Vomecê agora está em terra...»

— «Bastante me pesa, rapaz! Mas já faltam poucos dias... Para a semana já embarcamos para Inglaterra e de lá para a America.»

Houve um silencio.

— «O mar da America é muito grande, pois nan é?» — indagou o Serrano, com os olhos a fusilarem.

— «Ah! rapaz!» — interveiu a tia Benta — Nan incommodes a quem está... A ti que mais te dá? que te importam essas cousas?»

— «Importam, se senhor» — protestou o mocinho vivamente.

— «Sim reposta é que elle nan fica!» — e a tia Benta associava ao dito um estalo reprovativo da lingua.

— «Deixe-o, senhora» — pediu o marinheiro. E punha paternalmente a mão no hombro do Serrano — «Se eu até lhe acho graça ao pequeno».

— «Pois dê-lhe confiença e está aviado... P'ra préguntar inda nan vi outro. Secca uma alma christã».

O Serrano, como se quisesse confirmar a fama de perguntão, saiu-se logo com esta: «Os vapores tamém tem nome com'á gente; nan tem?»

— «Claro».

—«E o seu como se chama?»

—«*Vigilante*».

—«Adonde está elle?»

—«Está defronte de Belem. D'aqui não se vê.

—«Anda, rapaz, anda»—disse, de repente, a tia Benta, levantando-se n'um repelão e agarrando com força a mão do Serrano, como se pretendesse salval-o de um perigo—«Vamos, que se faz tarde, e inda quero ver se deitamos a Valle de Pereiro a casa de uma amiga que ali tenho»—e, seccamente, para o marinheiro: «Muito boas tardes».

O homem levou os dedos ao boné e disse para o pequeno, encarando-o com sympathia:

—«Tu como te chamas?»

—«Eu cá sou Gilberto. E vomecê?»

—«João Honorato, piloto do *Vigilante*».

Ficaram por aqui as despedidas, porque a sr.ª Benta sacudia o braço ao pequeno a mais não poder.

—«Anda, rapaz... Que castigo! Mexe-me esses trambolhos d'esses pés... Jasus! Credo!... Nan sei donde agarrastes esta balda de falar, falar... Co'as cabras supponho que nan falavas tu...»

—«A gente lá tamém fala co'ellas»—asseverou o Serrano com aquella tranquilidade

firme, que tinha seu quê de imponente. E olhava para trás, ou a despedir-se do seu grande fascinador, o *mar*, ou a ver outra vez o João Honorato que, mãos nos bolsos do casaco hermeticamente assertoado, cachimbo ao canto da boca, ainda seguiu os dois com a vista.

A tia Benta corrigiu-lhe o movimento com um potente safanão e disse: «Se vaes a andar e a olhar para trás, esmurraças as ventas n'algum candieiro».

Andaram toda a rua Augusta, atravessaram o Rocio e o Passeio Publico e metteram pela calçada do Salitre. A excursão á Estrella ficava para outro dia. A sr.ª Benta queria chegar a casa da sua amiga Joaquina Morena, que lhe devia cinco tostões. Era caso urgente. Não estava inteiramente resolvida a pedir-lhe o dinheiro; mas queria fazer-se lembrada.

Por todo o caminho ia prégando; ia dando conselhos. Thema e variação, tudo tinha a mesma monotonia soporifera. — Queria que elle se convencesse de que estavam todos trabalhando para o seu bem, para fazel-o gente. Havia de pôr elle, da sua parte, tambem. Tinha que ser humilde, amiguinho de trabalhar e de fazer vontades.

Se visse que elle tomava caminho, pensa-

va dar-lhe um fato, á moda de Lisboa, no S. João. Mão na lingua, pé leve, cabeça fresca, muito cuidado nas contas, e tratar de criar amor aos patrões. Quanto mais fizesse por agradar, mais depressa começaria a ganhar, para mandar alguma cousa á mãe...

Na parte mais ingreme da calçada do Salitre, a tia Benta intervalava mais os periodos. Soltara a mão do pequeno para evitar tropeções, levantando a saia.

Elle ia calado. Na ingenuidade commum a muitos oradores suporiferos, ella julgava ter-lhe feito impressão.

De repente o Serrano estacou. A' queima roupa, com esse quê de impetuosidade selvagem com que sempre fazia as *suas* perguntas, disse: «Tia Benta, que quer dizer piloto?» — Era a primeira vez que descerrava os labios desde que, ao sair do Terreiro do Paço, participara á tia, com certa solemnidade, que os pastores na Serra tambem falavam com as cabras.

A tia Benta era o typo genuino d'estas pessoas moderadas e amodorradas que andam no mundo por ver andar as mais. Toda a sua curiosidade, que era muita, se dilluia nos acontecimentos, nos episodios de enredo vulgar.

Nunca na sua vida lhe occorrera fazer uma pergunta, no intuito de apurar um conhecimento objectivo. Representava assim esta mulher uma somma de ignorancia pouco commum nos seus annos.

— «As coisas que te vem á alembrança, rapaz!... a ti que te importa!... Piloto... é d'isto de coisa de navios... Vem a querer dizer o marinheiro mais velho... que manda nos mais... Jasus! Por este andar a que hora lá dêtamos!»

Mettiam já pela azinhaga de Valle de Pereiro, entre piteiras e outras plantas bravias. De repente o Serrano estacou firme. fitando a orelha como cão de caça. Foi meio minuto. Dando um balanço ao corpo, deitou a correr, azinhaga fóra, com toda a força dos seus pulmões e toda a agilidade das suas pernas esguias.

A tia Benta ficou para vida não ter.

— «Valha-me Nossa senhora! Nan querem lá ver! O demonio do rapaz é doido varrido! O' piqueno, p'ra donde vaes tu, nan me dirás?... Que te perdes... Antão aqui n'este descampado!... Tan depressa nan torna a sair comigo... Nada!... p'ra coidados...»

N'um recanto da azinhaga perdeu-o de vista. E, offegante, apressou mais o passo.

—«Ora a minha vida!... Nada, nan tem que duvidar... o rapaz tem aduela de menos. Lá que elle nan e certo da bola, isso nan é... Estou que foi ataque que le deu pola cabeça... E o peior inda é ter que dar contas d'elle á mãe... Sempre isto, isto!»

E cada vez mais correr.

Quando chegou ao cotovelo onde o perdera de vista foi-se-lhe a ultima esperança. A azinhaga seguia tortuosa e estreita, e do Serrano não havia vestigio.

Parou para respirar. O coração dava-lhe baques impetuosos. O suor luzia-lhe no nariz e na raiz do cabello. Escancarou a boca e chamou, com quanta força tinha: «O' rapaz do diabo! O' rapaz do di-á-á-á-bo!»

Resposta, nenhuma.

Offegante, emprehendeu de novo a marcha. Quando emfim chegou ao extremo onde a azinhaga desembocava n'um campo aberto, teve de apoiar-se ao frade de pedra para não cair redonda. Lateiavam-lhe as fontes e tinha um torvelino na cabeça.

Logo que tomou folgo, passeiou em torno um olhar investigador. O que então viu pareceu-lhe espantoso, inacreditavel.

Um rebanho de umas vinte e tantas cabras,

com os sêus chocalhos tilintando, andava além, pastando.

Por meio d'ellas, o Serrano não parava. Afagava esta, agarrava os paus áquella, abraçava aquella outra, colhia nos braços a mais pequena... O pastor velho, junto á sua gamelinha de lata, repousava ao lado de um cão pequeno que dormia.

A tia Benta, em quanto descançava, compondo o lenço e o chale, desmantelados na carreira, laborava n'este dilemma excitante: ou escavacar o sobrinho ali mesmo, ou recambial-o immediatamente para a terra.

A' medida que foi serenando, viu, claros, os inconvenientes de qualquer d'aquellas soluções. Para dar cumprimento á primeira faltava-lhe a fôrça physica: para a segunda teria de metter mãos á bolsa, facto tão doloroso como uma operação dentaria.

Acolheu-se á calmante reflexão de que o rapaz era doido. E julgou prudencial leval-o por bons modos. Chegou á conclusão de que o melhor que tinha a fazer era consultar aquelle senhor medico, muito entendido, amigo do patrão, e que decerto lhe não levaria nada pela consulta.

O pequeno afinal talvez fosse mais doente

que mao. Agora lhe estava elle de lá acenando com o chapeo. Aquillo, se não era troça, bem podia ser simplicidade de maluco.

—«Boa carreira me fizestes dar! Que bicho te mordeu, rapaz?... Anda, já nan quero saber de visitas... Vamos mas é p'ra casa e nan t'arredes mais da minha beira.»

Isto dizia a tia Benta em tom azedo, chegando a poucos metros do sobrinho.

Elle, sem se alterar, com muita naturalidade, como se não tivesse acontecido nada, perguntou, erguendo um olhar feliz: «O' tia Benta, vomecê dá-me um vintem?»

—«Um vintem? P'ra que quer você um vintem? Os vintens estão muito caros.»

—«Era p'ra beber uma pinga de leite... Aqui tudo se vende...»—e o pequeno sorria com uma expressão que em creatura civilisada poderia chamar-se ironia, e que n'elle não era facil classificar.

A tia Benta ainda vacillou. Depois n'um rasgo: «Pois lá por isso nan seja a duveda... Ahi está o vintem»—e atirou-lh'o magnanimamente, commentando entre dentes: «Doido varrido!»

Elle foi onde estava o pastor. Os dois travaram conversa. Depois a tia Benta viu que o ve-

lho se levantava, mungia um pouco de leite n'um caneco de folha e o dava ao pequeno.

O Serrano bebeu de um trago e quedou-se um momento a olhar para o fundo do caneco antes de devolvel-o.

Depois. voltou para a tia, afagando as cabras que encontrava no caminho.

—«Aqui está»—disse; e apresentava o vintem na palma da mão estendida.

—«Nan pagastes!... Ah! rapaz, nan me sejas ladrão!»

—«Nan me levou nada.»

—«Pois anda! Tivestes sorte»—e a tia Benta, arreganhando um sorriso desdentado, apressou-se a recolher o vintem.

Com um movimento de hombros elle explicou com certo entono: «Disse-lhe que tamem era cabreiro...»

Até casa não trocaram mais palavra. Ao chegarem, a D. Placida chamou de parte a tia Benta. Queria saber que tal se tinha portado o *mostrengo* no passeio.

A outra respondeu sem vacillar.

—Que muito bem. Muito sujeito, muito humilde. Sempre pela mão d'ella. Ia-lhe descobrindo bons sentimentos. Não queria senão conservar-se na casa para não andar conhe-

cendo caras novas. Tinha promettido fazer-se em postas para agradar aos patrões.

A sr.ª Benta, com um descaramento que tocava quasi no sublime, augurou a *Matheus Gonçalves & Irmão* que tinham marçano para largos annos.

VII

Quando a Sr.ª Benta na quinta feira immediata recebeu uma carta com letra do mano Domingos, o coração deu-lhe um pulo formidavel.

Ella não sabia escrever, mas conhecia as *letras;* sobretudo a do mano Domingos, com umas maiusculas retorcidas, floreadas, cheias de arabescos. Conhecia-a da conta dos generos de mercearia que todos os mezes apresentava ao patrão, banhada n'um doce enleio amoroso.

B, a sua letra de Benta, tão caprichosamente lavrada, era a mesma que ella contemplava, no principio de cada mez, com visagens devotas, na palavra Bacalhau.

A letra era d'elle. Não havia que duvidar. Por fim o mano Domingos saira da atitude reservada; mandava-lhe uma proposta em for-

ma. Já era tempo. A idade de ambos não estava para esperas.

Nunca como n'aquella manhã sentira a Sr.ª Benta a desdita do analphabetismo. O assumpto pedia recato e discreção. Como se atrevereria a pedir ao patrão que lhe lesse aquella carta?

O tabelião, Sr. Ramiro Viegas, cuja casa a Sr.ª Benta Fornalha administrava internamente ia em bons onze annos, era um convicto solteirão, abominando tudo o que cheirasse a matrimonio.

Se no decurso d'aquelles esperançados onze annos se lhe tivesse deparado á Sr.ª Benta qualquer partido, teria occultado ao patrão o caso sensacional até ao ultimo momento. A prudencia agora não lhe aconselhava outra cousa.

Sabendo-a compromettida n'um plano de casamento, o sr. Viegas era muito capaz de a despedir. E depois?

Devia arriscar-se a perder aquella casa, onde era ama e senhora, tendo ás suas ordens a pequena Carolina, de cujos trese annos, rotos e desgrenhados, ella tirava uma somma de trabalho brutal, com fins pedagogicos — dizia?

Nada. Ao sr. Viegas não ia ella com a carta. Tinha que considerar que até á porta da igreja

se podiam desmanchar os casamentos. Quantos projectos d'aquelles não ficavam em agua de bacalhau! Comprehendia que a idade do mano Domingos, quando elle chegara a dar aquelle passo, era para inspirar confiança. Mas, nunca fiando.

A sr.ª Benta tinha em geral muito má idéa dos homens. E pelas cousas que dizia, não é prudente julgar que a tivesse muito melhor das mulheres.

Assim, mil idéas contradictorias lhe revoluteavam na cabeça em quanto preparava o almoço, com os olhos da mais severa pedagogia frequentemente dirigidos á Carolina, que lhe areava as facas.

O melhor que tinha a fazer era esperar que o patrão almoçasse e saisse. Depois arranjava-se, como pudesse, com a pequena. A Carolina pouco sabia; mas ella pelos domingos tiraria os dias-santos.

Já tinha ouvido ao sr. Viegas que a letra do mano Domingos era muito clara.

Se aquillo era um homem para tudo! Era elle quem tinha a mercearia em pé.

Que lá o paz d'alma do Matheus e a presumida da mulher... Aquelle, sim, era pau para toda a obra. Tanto montava com a penna na

mão como a dirigir o negocio. Olha lá não deixasse ir a fazenda pela agua abaixo! Isso deixava elle! Nem a familia lhe sabia dar o verdadeiro valor. Sabiam lá!

Pôr a Carolina a soletrar a carta antes que o patrão saisse, n'essa não caia ella!

Se a rapariga levava um anno para juntar uma palavra! Nada mais facil que entrar o sr. Viegas de repente na cozinha a pedir fosforos, a falar com o papagaio ou a dar qualquer recado. Melhor faria esperando, tendo mão na impaciencia, ainda que cada minuto fosse uma tortura.

Coração que ama sempre tem que penar. Mas aqui o amor era de tendencia marcadamente optimista.

A sr.ª Benta, em quanto batia a *omelette* para o sr. Viegas, ia fazendo castellos no ar, tão castellos e tanto no ar como se tivesse dezeseis annos.

Via-se a passear na Avenida pelo braço idolatrado do mano Domingos, de regalo, luvas e chapeu de plumas. E tinha a certeza de parecer melhor que a outra.

Aquelle corpanzil! Um odre! Ella ao menos tinha cintura.

E a ver se não haviam os freguezes de do-

brar a lingua e acostumar-se tambem a chamar-lhe D. Benta! Menos que a outra, isso é que ella não havia de ser. D'ahi em diante as cousas mudariam muito de figura. Não havia de ser ella que envergonhasse o apellido de Gonçalves...

Quando a sr.ª Benta n'aquelle dia sentiu o estoiro da porta, indicativo de que o sr. Viegas tinha partido para o cartorio, absteve-se de pronunciar o costumado: Arre bruto!, substituindo-o por um manso e regosijado: Ora graças a Deus!

Levantou as cousas do almoço sem dar tempo á Carolina de satisfazer cabalmente o apetite, e limpou a mesa meticulosamente. Depois, com solemnidade, tirou a carta da algibeira, rasgou-lhe o sobrescripto, verificou que constava de pagina e meia e, indicando a assignatura, ordenou á pequena em tom marcial: «Vê que põe ahi.»

A Carolina, com um dedo estendido para cada syllaba, foi-as juntando com esforço: «Do...mingos, Domingos, Gon...çal...»

— «Gonçalves, mulher, Gonçalves... Se está mesmo a dizer!... Todas as noites na escola, nan sei qu'aprendes.»

— E' qu'a gente lá nan lê letra de penna...»

— «Isso vem a dar na mesma... Bem, agora vê se lês esta carta como Deus manda... Anda, rapariga, despacha...»

A Carolina soletrou para si, no proposito racional de evitar os acerbos commentarios da outra. E conseguiu por fim ler de enfiada:

«Sinhora benta não si ademir do que lhe vou a dizer.»

Aqui a leitora parou para tomar folego. Não estava menos anhelante a sr.ª Benta. A commoção agita e fatiga como larga caminhada ou fragosos trabalhos.

— «Anda, filha, anda p'ra diente» — pediu ella, sem brutalidade, abstenção que muito devia surprehender a Carolina.

Concentrou-se a pequena nos intimos arcanos da soletração e leu em voz alta, sem tropeçar: «A' coisas que se tem que falare tarde ó sedo,» — e parou de novo para entregar-se outra vez á concentração mental que as difficuldades do caso exigiam.

Com a respiração cortada, a sr.ª Benta passava a mão febrilmente na testa.

— «Anda, mulher... im nome de Deus e dos santos lê...»

— «Espere, senhora, já vae» — e, com muitas visagens, como quando carregava com o

cesto das compras pela escada acima, a pequena leu aos tropeções: «Tal... vez... talvez... que vose... mesê... vosemesê... esteja Pre... pre... preparada.»

Como a pequena parasse a decifrar mentalmente o que seguia, a sr.ª Benta levantou-se agitada, foi ao pote, encheu um pucaro de agua e bebeu-o com ancia.

Tinha zumbidos nos ouvidos como quando das sezões, á força de quinino. E levantara-se-lhe o estomago. Sentia engulhos.

Fazendo um esforço para serenar, veiu sentar-se outra vez junto da pequena e disse: «Anda p'ra diente, criatura... Vae ajuntando as palavras e nan prestes attenção ó que lês, qu'isso qu'ahi está posto nan são coisas da tua conta... Que mais põe?»

A pequena laboriosamente repetiu duas linhas: «Talvez que vose... vosemecê es... te... ja pre... pa... ra... preparada.»

— «Isso já tu dissestes, parva... E despois?»

A pequena continuou: «Mais sempre lhi ade fazer im... pre... im... pre...»

— «Impressão, mulher, impressão... Se está mesmo a dizer!...» — E, com os seus botões murmurava em extase a sr.ª Benta: «Pudera nan fazer!»

Tinha-se posto de pé, na anciedade de chegar ao ponto culminante da carta.

Com as mãos fortemente apoiadas nos hombros da Carolina, tinha os olhos avidamente fincados no papel. «Anda, anda p'ra diente» — e sacudia os hombros ponteagudos da pequena, cuja cabeça desgrenhada oscilava n'um comico movimento affirmativo.

— «Agora aqui ha uma palavra que nan sei o que diz... ma...lan... malandro» — e a leitora olhou de revés para a sr.ª Benta, sem duvida esperando algum bofetão.

— «Malandro, sim, Malandro... Isso é o gato... Mas tu por fôrça saltastes ahi alguma regra... Antes d'isso do gato, que é que está?»

— «Eu nan saltei nada, nan senhora» — protestou a Carolina, sempre em guarda contra um desforço mechanico da sr.ª Benta. E soletrava: «O ma... lan... dro pa... çou as Palhe... palhetas honte ha tarde...»

Agora é que o assombro da sr.ª Benta era assombro. N'uma tal confusão de idéas não atinava com o mais simples raciocinio.

— «O' rapariga, isso nem o diabo o intende... Ahi por força põe outra coisa. Nan sei mas é o qu'ensinam n'essas escolas... Ora a minha vida!»

A pequena, defendendo-se, metteu-se a explicadora: «Vomecê nan diz que o gato que é Malandro? Pois nan tem mais qu'intender... Põe-lhe aqui que o gato que fugiu...»

—«E eu que tenho co'isso, nan me dirás? Quero cá saber!... Anda, acaba tu de ler... Parece que im lugar de ires p'ra diente vaes mas é p'ra trás... Pois p'ra isso nan vale a pena faltares ó teu serviço de casa...»

A pequena, que estava mergulhada na deletreação mental, leu por fim quasi sem interrupção: «Foice a um man...da...do, mandado... e lá ficou... Di...a...bos, diabos o levem!... Cuando pu...der, puder .. apare...sa a ver si se dá par...te... parte... há po...li...cia, policia... ó u que se fás.»

A sr.ª Benta agora, vermelha como lagosta, parecia prestes a cair redonda acomettida de apoplexia. Não articulava palavra; não podia.

A pequena houve por bem continuar a leitura. Depois de concentrar-se uns segundos, leu seguido: «Alembranças do mano Matheus i da mana Placida. D'este ceu criado que a vida le dezeja.

Domingos Gonçalves.

—D'este seu criado que a vida lhe deseja!

Que bonito! Que harmonioso!

Aquellas palavras ficaram tilintando docemente no ouvido da sr.ª Benta, causando-lhe uma especie de embriaguez. Mas que pouco ellas diziam a final, para quem tanto esperava!

Ainda não era chegado o momento definitivo. Era preciso recomeçar a esperar, a esperar com paciencia.

O mano Domingos era acanhado, era bisonho, era mettido comsigo. A sr.ª Benta lamentava que um certo pudor ou temor, que ainda não pudera vencer, a impedisse a ella de declarar-se e propôr casamento.

Uma voz intima aconselhava-lhe muita cautela. Bem sabia que, se o apanhasse de mau humor, elle era bem capaz de responder-lhe «Pfe! lampanas!» e estava tudo acabado, para sempre perdida a esperança.

N'estas cousas cavilava agora, absorta, a sr.ª Benta, sem dar tento de que a pequena se puzera outra vez a comer.

Ella, ao caso do sobrinho, não dava importancia. Lembrava-lhe o que lhe tinha succedido na azinhaga de Valle de Pereiro.

Estava certa de que, quando chegasse á rua dos Fanqueiros, já elle lá estaria.

Aquillo tinha-se perdido. Bastava ter encontrado um rebanho de cabras.

Puzera-se a andar com ellas e depois não soubera voltar para trás.

Que o rapaz aparecia, isso não tinha duvida. Agora ella é que não estava para aquelle desassocego. Nada! Ia recambial-o á mãe. Não tinha obrigação nenhuma de aturar malucos.

E resumia as impressões n'esta imprecação realista, sem se guardar da Carolina:

«Quem o pariu que o ature!»

*

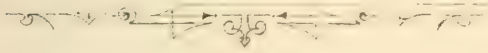
* *

Quando a Benta Fornalha se emcaminhou, pressurosa, á rua dos Fanqueiros, tilintava-lhe ainda no ouvido, como um repicar alegre de sinos, aquella doce phrase «D'este seu criado que a vida lhe deseja.»

Seu criado, elle! que melhor estava para amo e senhor.

E, ao mesmo tempo, ia tomando alento para as duas grandes bofetadas que tencionava pespegar nas bochechas do sobrinho, logo á entrada, sem dispendio de palavras.

Chegou e, com grande assombro e não me-

por contrariedade, teve de recolher as bofetadas, guardando-as intactas para a Carolina.

O Serrano não tinha apparecido.

A fantasia do leitor engendra de certo os commentarios que tão estupendo caso suscitou em *Matheus Gonçalves & Irmão.* Magna chuva de improperios contra as condições humanas em geral, e contra as d'aquelle especial patife em particular!

Eu não tornei a ter mais noticia do Serrano. Mas tenho para mim que, em quanto aquelle douto e severo tribunal votava platonicamente ás feras o rapazinho, elle devia ir cruzando o Atlantico, em companhia do João Honorato, a bordo do *Vigilante.* O leitor não é do mesmo parecer?

MARIA DE LOURDES

Tinha vinte e tres annos. Vivia com a sr.ª Marcolina ás Amoreiras.

Era colleteira e trabalhava para um alfaiate. O trabalho revoluteava-lhe nas mãos com afincô e esmero.

A sr.ª Marcolina lamentava que ella não tivesse antes *ido* para modista. Achava mais bonito o officio, mais *decente*.

Mas a Maria de Lourdes melhor se queria colleteira. Outra independencia. Depois, o trabalhar em casa, de portas a dentro, encantava-a. E tambem economia. As da modista tinham que *puxar-se*. Velludos de algodão, pó de arroz, *chaspellinho*... uma risota! Ella era lá para aquillo!

Maria de Lourdes! Preclaro nome em pessoa tão baixa! O nome vinha-lhe de uma senhora madrinha.

Ella não era grosseira nem analphabeta. Na

sacristia de uma igreja que cheirava a incenso, aprendera maneiras finas e soletrara o livro de missa. A' força de o repetir ficára-lhe de cór.

De leitura, depois de mulher feita, tinha tambem o *Seculo*. Comprava-o ao domingo. Aos outros dias não podia com o gasto. Nem tinha tempo. Fascinavam-na os folhetins — ás vezes tres — e a narração dos crimes.

Os romances andavam-lhe baralhados, truncados. Durante seis dias perdia completamente de vista os seus personagens. Mas afinal que importava? Ao domingo vinham outra vez. Transformados? Paciencia! Com um grande esforço de imaginação preenchia lacunas.

Nas situações mais dramaticas, ficava sempre a ruminar: Seria aquillo verdade? E dava-lhe um grande dó pelas mulheres, quasi sempre victimas, quasi sempre opprimidas. Vinham-lhe então sempre á idea as ultimas palavras da pobre mãe.

Em certos lances patheticos lamentava muito não poder comprar o *Seculo* ás quintas feiras tambem. Não podia; era muita despeza. Incriminava o Antonio que não lhe promovia esse regalo. Melhor isso que infundil-o todo em zurrapa na taverna!

O Antonio era aos dezenove annos um ebrio convicto e confesso. Era sobrinho e unico parente da sr.ª Marcolina. Dizia elle, em ar de chalaça, que era pedreiro—livre. E explicava: um pedreiro que só trabalhava quando lhe faltava dinheiro para a pinga. Maior liberdade!

A tia dava-lhe bofetadas inuteis que elle recebia com submissão notavel quando estava sem vinho. Na ausencia ella explicava aquillo ás visinhas com seus visos de intuição scientifica. Era mal de raiz. Vinha do pae, que nunca por nunca estava em seu juizo, até que acabara em doido varrido.—Deus tivesse a sua alma em descanço.

A Maria de Lourdes tinha um grande dó do rapaz. Maior miseria! Uma criança e já n'aquillo! Demais, se isso vinha lá do pae, pegado como doença, que culpa tinha elle? Era para ter dó.

Mas na cara não lh'as perdoava. Se lhe respeitava o vinho, era só por medo e repugnancia. Cosida a bebedeira, vinha logo a catadupa dos ralhos. Dizia-lhe as ultimas.—Se não se emendava acabaria na cadeia, no degredo.

Elle ia ás nuvens, destemperava, armava escandalo.

—A ella que lhe importava? que tinha com isso?

E ella, soberba — Que sim... Que lhe importava como lhe importavam os cães da rua. Se visse algum a comer um bolo de strichnina, saltava logo para lh'o ir tirar da boca.

Disputavam muito. Por fim elle accommodava-se. Punha-se a assobiar mansinho, sem má intenção, ou ia para a janella entreter-se com o canario.

O Bento sabia d'aquellas intimidades, conjecturava outras, e levava-se da fortuna. Aquelle *arranjinho* das Amoreiras não lhe quadrava. Queria as cousas tiradas a limpo.

Encontrava-se com a Maria ao lusco fusco, quando ella ia ao alfaiate entregar obra e receber trabalho.

Era todo o caminho a mesma sega-rega. — Que entre ella e o malandro do Antonio havia historia. Que aquillo não podia continuar.

Ella protestava; em geral timida mas firme. A's vezes, farta d'aquella tutela, tinha um assomo de revolta. Censurava-lhe que tambem elle andasse atrás de outras. Já lh'o tinham dito a ella.

Elle bufava. Boa comparação! — Com os homens era outra cousa. Um homem queria divertir-se, reinar. Tolas eram ellas. Agora lá ella entendesse bem que o filho do seu pae

não estava para *suterfugios*. Aquella tramoia do Antonio tinha que acabar por uma vez. Já lhe tinha dito mil vezes: era preciso que ella saisse de casa da Marcolina.

E ella resistindo sempre.—Que isso que não. Não podia; não tinha mais ninguem. A marcolina fôra amiga da mãe. As duas trabalhavam a dias e tinham-se ajudado como irmãs. Agora que a outra era velha...

Então, se não queria juntar-se com elle assim, que casassem. Havia maneiras de fazer isso sem gastar; até recebendo dinheiro ainda por cima. Uma sociedade de senhoras estava á frente d'essa leria. Ambos tinham ganho certo; nunca a miseria seria tanta. A elle não lhe fazia affronta que a sua mulher ganhasse pela agulha — e o Bento assumia uma atitude digna, solemne.

Aquella proposta deixava-a sempre a tremer. Pensar no casamento era pensar no pae, o unico homem que conhecera nas intimidades da familia. Ia-lhe então a idea para aquelles tempos longinquos em que a triste mãe morrera, já viuva e crucificada. E ouvia-lhe sempre as palavras terriveis da agonia: «Filha, nunca te cases; os homens são muito ruins» — palavras que a pobre martellara incessantemente no de-

lirio final, até que lentamente se lhe apagara a voz.

Por isso ás solicitações do Bento ella respondia sempre com evasivas, tremendo nervosa por baixo do chale.

— Que mais adiante... Ainda era novos... Podiam esperar... Ir juntando alguma cousa...

— E elle sempre na sua—Que os pobres não necessitavam enxoval. Os dois ganhavam jornal. Tinham o pão seguro.

Vinha ella então com o thema perigoso.— Custava-lhe muito deixar a pobre da Marcolina, velha, achacada.

O Bento chegava a concessões extremas: — Pois que ficassem a viver com a Marcolina, que, pouco ou muito, tambem ganhava alguma cousa. Não era nenhuma entrevada. Mas, claro, pondo na rua o malandro do sobrinho de uma vez para sempre.

A Maria protestava com calor: — A Marcolina queria lá! Se o desgraçado não tinha mais ninguem! Aonde iria parar?

— Bem lhe importava ao Bento aonde elle iria parar. Que fosse para os infernos! Boa espiga aquella!

Separavam-se sem se olharem; elle de fera catadura, ella confrangida, ás vezes chorosa.

Chegava a arrepender-se de ter dado attenção ao Bento. Para quê, se não para casar? Boa maneira de passar tempo!

Elle a final tinha razão, coitado! E a verdade era que ella lhe queria de dentro. Nunca tinha falado a outro homem!

Mas o triste quadro da infancia não se desvanecia nunca. Que vida a da pobre mãe, a linda Ignacinha do Roque! Assim lhe chamavam de solteira quando, filha unica do Roque ferrador, era celebre n'aquelle mesmo bairro das Amoreiras, por uns lindos olhos negros, que enfeitiçavam.

Triste Ignacinha! Nos annos de casada o seu maior empenho fôra abafar gritos na surra diaria por causa da sua menina. Vinho e ciumes — ahi rodara o seu destino!

Rememorando aquellas scenas a Maria de Lourdes sentia-se presa de um terror invencivel. A verilidade era para ella uma especie de ferocidade selvagem.

Certas noutes sonhava com os crimes do *Seculo:* homens que esfaqueavam mulheres a quem queriam de amor. A Marcolina tinha que vir á cama sacudil-a. «Credo, mulher! Como berras! E' de estares de barriga para o ar. Volta-te de lado».— E ella, submissa, vol-

ta-se. Mas já não tornava a pregar olho em toda a noute. Um pesadêlo assim! Ficava-lhe o coração aos pulos.

Entrou a não comer, amirrar-se. A Marcolina já tudo era que se casasse. Não engraçava com o Bento, isso não. Mas para aquillo, só lhe dava um conselho: banhos corridos quanto antes.

E ella a matutar! Banhos corridos! E o verdugo do pae sem lhe sair do sentido! dia por dia injuriando a pobre Ignacia! esmurraçando-a até vel-a cair no sobrado, misero fardo gemebundo! Com que dôr intensa ia ella depois beijar e confortar aquelle inerte feixe de penas, quando o bruto roncava estatelado pela bebedeira!

E a recordação mais terrivel era sempre a do transe final: o rosto transfigurado, cadaverico, os olhos infundidos nas orbitas, e a voz estertorosa e embrulhada, nas longas horas da agonia: «Filha, não te cases... cases... ca... ses... Os homens... são... mui... to... ru... ru... ins... muito ru...»

*
* *

Era domingo. A sr.ª Marcolina tinha ido á

missa. A Maria, alfinetes na boca, estendia na corda soalheira a sua roupa da semana. Mal o viu, arrimado á parede, do outro lado da rua, expediu um grito. Surpresa, alegria ou medo? Talvez um pouco de tudo isso.

Os alfinetes cairam no parapeito e d'ali á rua, transformados em centelhas de sol que faiscavam.

O Bento nunca vinha áquella hora. Ao domingo rondava-lhe a porta e falava-lhe uns momentos á janella; mas só de tarde, em quanto a Marcolina dormia a sesta, ou andava pelas novenas. A manhã era para a *pandega* com os amigos. A espairecer — dizia.

— «Olá!» — saudára a Maria para defronte. E as mãos tremiam-lhe a apanhar canhestramente algum alfinete que ficara em cima.

Elle veiu de lá sornamente, olhar obliquo, ponta de cigarro apagada ao canto da boca. E sem rodeios explicou ao que vinha. Queria duas palavras claras como agua. — Estava farto e cançado de *suterfugios*. — Quando saia a lume briosamente a palavra *suterfugio*, o caso era sempre serio. — Que o deixasse entrar. Falariam mais á vontade, mais corrente.

Mas ella — Que não; não se atrevia. Estavam *bispando* tudo as visinhas.

Com as costas da mão o Bento atirou vivamente o chapeu para trás e passou na testa o lenço domingueiro de barra encarnada. E bufou:

— Com o Antonio, com esse podia lá estar mettida. Para isso não se recatavam da visinhança! Boa intrujice!

Ella, offendida, não replicou.

Então o Bento, com o olhar incendido, explodiu.

— Que não estava mais para aquella tramoia. Dentro de tres dias, o mais tardar, ella havia de sair de casa da Marcolina. Tomava-lhe quarto em casa de uns conhecidos, gente capaz, gente de confiança.

— «Ficamos n'isto, entendes?» — e a mão dura do Bento caiu pesada sobre o braço da Maria».

O contacto tinha pouco de amoroso.

Ella estremeceu. Mas levantou firme a cabeça; e o olhar que lhe atirou não era o seu timido olhar de sempre.

— «Espera» — disse — «Eu volto já» — e correu para a alcôva.

Tinha á cabeceira, n'um quadrito com fita de côres, a imagem da Senhora de Lourdes. Dera-lh'o a madrinha no dia da primeira communhão.

Atirou-se á cama. Beijou a Senhora com fervor. Tambem a pobre mãe tivera sempre aquella fé! Pedia-lhe agora que a não abandonasse, que lhe conservasse aquella força que lhe vinha assim de repente. Parecia-lhe que até ali fôra criança; que só agora era mulher. Vinha-lhe até como um aborrecimento d'elle, ao ouvir-lhe agora a voz assobiando ali na rua o *Pirolito que bate que bate*. Havia de deixar-se governar rudemente? Porquê? Não podia uma mulher ser independente e senhora da sua vontade? ganhar com honra o seu pão, sem estar sugeita a um homem?

Beijou a imagem com renovado fervor e saiu da alcova mais forte do que entrara.

Foi direita á janella e, sem pestanejar, olhos fitos no canario que trinava loucamente ao sol: «Olha tu,» — disse com voz firme — «o melhor é a gente acabar com isto por uma vez... Nem tu perdes nem eu... P'ra estar sempre a ralhar...»

O Bento teve um uivo de fera. Descarregou no parapeito um murro formidavel que fez tilintar os caixilhos. O canario, interrompido o canto, esvoaçava espavorido.

— «E crês tu que isto fica assim?» — bramiu elle sarcasticamente deitando chispas pelos

olhos. — «Boa lição foste aprender lá dentro. Parabens ao mestre. Com quê, tudo acabado? — e a voz tremia-lhe, como a de certos actores nos momentos tragicos em que engalfinham os dedos por entre o cabello revolto.

A Maria olhou-o com os olhos muito abertos. Que horror de expressão! Havia de prender-se para sempre áquella tyrannia! E passou-lhe na vista como uma onda de sangue onde se confundiam, em estranho e penoso enlace, as maiores impressões da sua vida — leituras do *Seculo,* pesadêlos das suas noutes de sobresalto, ultimas palavras estertorosas da pobre mãe...

— «E' o melhor» — tornou, com voz decidida, onde apenas se distinguia um leve tremor — «Tu pensa-lo bem... P'ra isto, vale mais... A gente não faz mais que é ralhar...»

N'um movimento inesperado do braço esquerdo elle cingiu-a pela cintura. E logo da algibeira saiu a mão direita armada de luzente navalha que entrou tres vezes com sanha feroz no peito da Maria de Lourdes.

— «Ai Antonio, que me mataram!» — foi o grito com que ella deu logo em terra, em quanto o Bento corria com destreza de gamo rua abaixo.

Acudiram em espantoso alarido as visinhas. Dentro, na cozinha, o sobrinho da sr.ª Marcolina roncava desapoderadamente.

*

* *

Faltava muito para a hora da visita. Mas a sr.ª Marcolina não despregava da porta da enfermaria os olhos vermelhos, inchados. Ao lado, o Antonio soluçava com algum escandalo, retorcendo nos dedos angulosos, um lenço escuro de ramagens.

Empregados de olhar inflexivel entravam e saiam, sem reparar na multidão mesta dos que esperavam.

Só a face do Antonio, a sua face congestionada de alcoolico, agora avivada pelo pranto, chamava um tanto a attenção.

Por fim abriu-se amplamente a porta.

Foram os primeiros a entrar. Talvez se retrahisse a concorrencia ante manifestações de tamanha dôr. Foram direitos á cama n.º 13, numero aziago no entender maduro da sr.ª Marcolina.

Estava livida. Parecia ter perdido todo o sangue. Não podia mover-se. Os doutores ti-

nham-lh'o prohibido. Mas a expressão era serena. A luz do olhar era intelligente e doce como nos dias da saude.

Uma enfermeira olheirosa, fatigada, de expressão fria e indifferente, preveniu logo a sr.ª Marcolina: — Era dar-lhe pouca trela, que estava muito grave. — E não se precatava, para que a não ouvisse a enferma.

A sr.ª Marcolina escutou o aviso de má catadura; e abeirando-se da cama disse consternadamente: «Em bom estado te prantaram, filha!»

«Então!» — foi a debil resposta. E soava aquillo como um suspiro de bestifica resignação.

O Antonio chorava mais alto, mais de dentro; e não dava palavra.

A Maria fechou os olhos e guardou silencio. Duas vezes abriu-os. O olhar adejava-lhe como no anceio penoso de uma pergunta. E logo caiam as palpebras languidamente. Por fim, quasi num murmurio imperceptivel: «E elle?»

O olhar da sr.ª Marcolina fuzilou.

— «Filado, filha... filado... está descançadinha. O peor é que elles sempre as arranjam para sair bem d'estas façanhas. Os juizes

homens são! N'este ponto tanto discorre o Bento como a alta magistrança. Uma mulher é um esfregão, um trapo, uma rodilha... Inda por cima lhe handem dar rezão... Maldito! Mil forcas!... Qu'inda estou p'ra saber como isto foi... Este que estava em casa não deu rezão de nada!...»

—«Má raios!»—exclamou subitamente o Antonio, dando-se dois valentes murros, com as mãos juntas, no peito.

A sr.ª Marcolina, com os olhos cravados no rosto livido da Maria, esperou a explicação do successo com uma especie de tyrannia infantil.

Por fim a outra, n'um esforço, explicou debilmente: «Elles lá entendem que uma mulher não tem querer...» — e fechou os olhos.

A sr.ª Marcolina não podia vel-a assim. Parecia-lhe morta. Tossiu com força. Depois, aquellas palavras demasiadamente syntheticas tinham-lhe bolido muito com a curiosidade.

—«Não lhe darão grande castigo, deixa... Maldito! Antão se tu escapas, está aqui está na rua.»

A Maria de Lourdes abriu muitos os olhos, admirada. Depois, fazendo um gesto de cabeça para que a outra se approximasse, disse-lhe, como em segredo: «Eu morro.» — e

uma expressão de triumpho alagava-lhe a physionomia.

Alegria do castigo d'elle, ou antegoso da tranquillidade da morte? Fossem lá adivinhar! O Antonio arrancou o lenço com que se amordaçava e, sacudindo violentamente os dois braços, berrou com subido escandalo: «Pois deixa que se morreres, ha-des ir de caixão á cova, inda que cá o Antonio Perdigão»—e batia no peito para maior affirmativa—«ande arrastado uma porção de semanas!»

A enfermeira veiu seccamente recommendar menos barulho, e voltou logo, talvez para encobrir o riso de mofa com que se afastou.

Entretanto no rosto livido da Maria de Lourdes pairava um sorriso longo, ineffavel. Veria n'aquelle momento a cadeia de mysteriosa sympathia que enlaça superiormente os seres que soffrem? Tambem a línda e desgraçada Ignacinha do Roque tivera caixão á cova que ella pagara com a sua agulha. Olhou demoradamente o Antonio que soluçava diante d'ella sem consolação, e tornou a cerrar docemente as palpebras.

Novo susto da sr.ª Marcolina.

—«Ai, filha... abre-me esses olhos... Não

te posso ver assim... Escuta... Tu queres que te traga alguma coisa de casa?»

—«Eu, de casa?... Não, nada... Olhe, as minhas coisas são para si... Vocemecê trata-me do canario?... Coitadinho!»

—«Inda não tornou a cantar.»—e a sr.ª Marcolina rompeu em novo accesso de soluços que a afogavam.

Depois, recobrando-se repentinamente, curvou-se para a Maria com ar mysterioso: «Queres tu que t'eu traga a tua Senhora? Pega-te com ella, filha. E' uma Senhora de tanto milagre! A mãesinha, até á ultima, nunca perdeu aquella devoção.»

Tardou a resposta. Emfim: «Não... deixe... não traga... A Senhora a mim não me ouve... Nem á mãe, coitada!... nunca lhe valeu... Deixe lá!»

—«Cala-te, filha... cala-te... Essas coisas não se dizem»—e a sr.ª Marcolina, unindo as mãos começou, apprehensiva, a meia voz, uma Ave-Maria.

A Maria de Lourdes tinha fechado os olhos. Parecia dormitar. Acalentavam-na talvez o cochichar devoto da Marcolina e o chôro do Antonio, monotono, insistente como chuva de primavera.

Quando deu a hora não ousaram acordal-a. Entre o ruido geral, os dois sairam cautamente, pé ante pé, pondo instinctivamente na lugubre sala hospitalar como um reflexo d'aquelles cuidados que cercam os soffrimentos e os suavisam no tepido ambiente familiar.

. . . .

Chegado a casa, o Antonio mudou. Não chorava. Levou a tarde estendido de costas no sobrado, passeando a vista entre a gaiola do canario, encolhido e mudo no poleiro, e o canto da parede, junto á janella, ainda salpicado de sangue.

Ralava-o uma grande paixão: não ter nunca sido capaz de ganhar aquelle collete, feito pelas suas mãos de santa, que ella lhe promettera se elle levasse todos os dias de uma semana, a eito, sem se embebedar.

Quando ao outro dia voltou ao hospital soube que ella tinha morrido de madrugada.

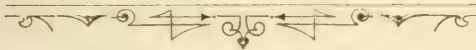
Teve uma explosão formidavel, e foi logo correndo á secretaria, n'um descommunal alarido de expressões incoherentes. Por fim logrou fazer-se entender: queria que a Maria de Lourdes fosse de caixão á cova.

E foi.

Elle, muito grave, dentro do seu fato sujo

de ebrio, tambem se encorporou ao cortejo em companhia das visinhas e da sr.ª Marcolina, todos com grandes ramos de flores, apertadas como vassouras, artefactos estranhos comprados de manhã cedo na Praça da Figueira.

A' volta separou-se da tia para entrar na taverna. Foi uma borracheira monumental a d'aquella tarde. Para esquecer — dizia.

Antoninho philosopho

Vinha de longe aquella quisilia que toma a ao primo Jayme. Talvez só por ser tão differente d'elle.

O Antoninho era o modelo dos meninos portuguezes da sua idade. Começara a sommar *distincções* desde o exame de Instrucção Primaria. Por esse tempo já elle sabia na ponta da lingua o rosario dos reis portuguezes com os seus cognomes pintorescos; e tinha de cór as datas das batalhas gloriosas. Por inspiração do mestre professava rancor patriotico a mouros, hespanhoes e francezes. Conjugava verbos torrencialmente, em digna competencia com o papagaio que o tio Antonio, o padrinho, mandara do Brasil. «Papagaio real! Quem passa? E' o rei que vae á caça.» E o outro: «Eu me desnacionalisarei, tu te desnacionalisarás, elle se desnacionalisará, etc.» Os dois no seu respectivo genero uma maravilha.

Em cousas de memoria e de lingua sempre o Antoninho foi portentoso. Assim tambem no collegio era um dos primeiros. O seu nome todo occupava chronicamente o quadro de ouro, collocado conspicuamente no vestibulo — *Antonio Fernandes de Figueiredo, vinte valores.*

Só ouvil-o, no tempo do primeiro exame, recitar em tom prophetico as enfiadas de povoaçõesinhas banhadas pelos rios portuguezes! Um vexame para as gentes crescidas e educadas, que não tem sequer a menor idéa de que taes povoaçõesinhas existam. Como não havia de ficar distincto o menino, ainda para mais fazendo parte do jury de examinadores um padre gordo! Os padres gordos tem quasi sempre uma grande benevolencia para estes prodigios de memoria infantil.

O Antoninho então, que levava a doutrina na ponta da lingua! Era pergunta feita, resposta dada, sem pestanejar.

Fôra preparado pela mamã desde a idade mais tenra. Ainda era um tatibitati e já, na sua caminha de guardas de ferro, engrolava Padre-Nossos pelos que andavam sobre as aguas do mar ou soffriam as penas do Purgatorio. Já então nas trovoadas resava a *Magnifica* em côro devoto com a mamã e as criadas.

N'aquella epoca memoravel do exame de Instrucção Primaria já sabia ajudar á missa e possuia uma capinha encarnada para acompanhar Nosso Pae.

Andava sempre com a mamã. A's sextas feiras iam ao Senhor dos Passos da Graça, a quem o Antoninho ia offerecendo uma vela, em cumprimento de promessa, por cada distincção que lograva nos exames. Em maio levava de fio a pavio o mez de Maria em S. Luiz. Estava muito acostumado á atmosphera das igrejas e ao seu ceremonial. Só lhe não lembrava o acto do baptismo quando dizia a ama palurdia que elle tinha chiado como um bacorinho no momento de levar o sal na boca. Mas recordava-se perfeitamente do dia da chrisma e do dia da primeira confissão, com muito catecismo e um escrupuloso exame de consciencia ajudado pela mamã. E tinha sobretudo presentes as impressões da primeira communhão, recentemente, ao completar doze annos, com o seu fatinho de homem, negro, severo, o seu lacinho no braço, e o olhar da mamã, enternecido, sempre fito n'elle. Nunca esqueceria aquelle grande pavor que lhe tirara um pouco o somno na ultima noute, pavor de morder a sagrada particula sacrilegamente. Na occasião, ao sen-

tir nos labios os dedos quentes do reverendo, todo o seu corpinho desatara a tremer. E, dentro, o coração parecia um desatinado badalo de sino. Afinal tudo correra normalmente sem accidente.

Era um assiduo frequentador de septenarios e novenas, sempre pela mão da mamã, ou com o seu mettido no braço d'ella. Na quinta feira santa visitavam juntos sete igrejas, e elle ajoelhava a resar em cada uma sua Estação. Não entendia pouco nem muito os *latins;* mas pelo costume já lhe saiam tão expeditos como se os entendesse. Na sexta feira assistia a todos os dolorosos accidentes da Paixão. Compungido vagamente, via então a mamã chorar copiosamente, a conselho do pregador que pedia lagrimas á christandade prostrada. Aquillo opprimia-lhe o coração. Mas vinha logo o sabado, o grande sabado de Alleluia, radiante de luz, oloroso de flôres, alegre de pombas que esvoaçavam pela igreja, buscando aloucadamente o ar livre, a liberdade azul, no meio do repicar festivo dos sinos. E depois em casa a grande cesta de amendoas do Ferrari, compradas pelo papá...

O papá fôra sempre, n'estas cousas da igreja, uma das grandes confusões do seu cerebrosi-

nho. Logo que despertara a curiosidade, fizera muitas perguntas. Sempre tinham sido infructuosas taes indagações. Nunca conseguira apurar porque era que o papá não ia á missa. Nunca uma d'essas perguntas encontrara a mamã de bom humor. Rispidamente a mamã dizia-lhe que as crianças não estavam sempre fazendo perguntas que enfadavam os grandes; ou ordenava-lhe que se fosse deitar porque era tarde; ou saia ella apressadamente do quarto a qualquer pretexto. Um dia respondera-lhe: «O papá vae logo, mais tarde.» Mas o Antoninho notara que a mamã se fizera muito encarnada ao pronunciar entre dentes aquellas palavras. E ficou apprehensivo.

Pela fonte directa não fôra melhor succedido. O papá sempre lhe respondia de brincadeira, sem tomar-lhe o caso a sério. — Porque não ia á missa? Porque lhe doia uma perna. Porque lhe ardia a ponta do nariz... O Antoninho voltava costas e punha cara de amuado. Por fim pareceu conformar-se com aquella ignorancia. Não tornou a fazer perguntas.

Assim foi andando, fazendo os seus exames de portuguez, de francez e de geographia, sempre com a classificação de distincto. A memoria estava-lhe cada vez mais aguçada. Foi-se

acostumando cedo a ver o seu nome nos jornaes, escoltado pelos mesmos adjectivos — distinctissimo, selecto, talentoso — que em Portugal se applicam com profusão aos homens feitos, na politica, nas letras, na sciencia, em todos os ramos onde a vacuidade nacional viceja prosperrimamente. Quando foi do exame de francez, um jornal progressista como o papá chegou a chamar-lhe *illustre academico* Nada o tinha captivado tanto. Por aquelles dias a mamã fez com elle muitas visitas. E era de ver o gracioso enleio com que elle córava até ás orelhas quando a mamã perguntava ás amigas se tinham visto aquelle interessante numero da folha progressista.

A sua antipathia ao primo Jayme era antiga. Não o podia soffrer, como a mamã não podia soffrer o cunhado, o tio Miguel, viuvo, unico irmão do papá. Lamentava a boa senhora a triste sorte d'aquelle sobrinho, orphanado de mãe em tenros annos, educado por um pae obtuso, sem finura e — peior que tudo — sem fé.

O Jayme era mais velho um anno. Esta superioridade, só por si, já fazia encavacar o Antoninho. Nunca tivera para o primo mais que olhares de soslaio, desconfiados. Era a expres-

são de um gato que, sem nós sabermos porquê, se pôe a olhar para outro gato, todo inflado de um odio enorme, mysterioso, inexplicavel.

Quasi se não falavam. Falar de quê? Nas suas vidas não havia o menor ponto commum.

O Jayme não fazia exames. Não tinha no seu passado datas gloriosas. Vivia sem galardão e sem honrarias. O pae queria simplesmente — dizia — mandal-o *fóra* a fazer-se *um homem*, unica cousa que tambem tinha ambicionado ser na sua vida. Como preparação dava-lhe muito campo, grandes passeios a pé, amando a natureza, e algumas lições verdadeiras com professores tambem verdadeiros. De ensino official portuguez não queria que lhe falassem. Discutir isso punha-o fóra de si.

Tão desvairado desiquilibrio contristava profundamente a cunhada, modelo de composta symetria, de equilibrado conservantismo. Lamentava até que elle fosse rico. Pobre, trataria de levar depressa o pequeno a uma carreira lucrativa, fazendo como toda a gente sem pretenções a uma originalidade irritante. E era lastima! — pensava — O pequeno era applicadito e docil. A falta irreparavel das mães!

Um dia o Antoninho, com o indicador pro-

fundamente mettido pelo nariz — acto de predilecto desenfado na sua vida monotona — perguntou com certo arzinho mordaz ao primo: «Se tu não tens que fazer exame, para que estudas?»

Ao outro veiu-lhe, impetuosa, uma gargalhada de bom humor. Mas logo, já sério, laconicamente: «Ora essa! Para saber.» — e voltou depressa aos *Filhos de D. João 1.º*, obra de Oliveira Martins, que devorava com ancia na livraria do tio.

O Antoninho, sempre de dedo no nariz, ficou a ruminar n'aquillo, cheio de desprezos. — Para saber! Farçola! Boas cousas havia elle de saber sem nunca fazer um exame! — E aquelle dia ficou memoravel na evolução constante do seu odio. — Se o asno do Jayme até aprendia a tocar piano como qualquer menina!

Correram mezes e o Jayme partiu para uma escola de Zurich.

No primeiro verão não veiu passar as ferias a Portugal. Foi lá o pae, e gastaram os dois o tempo de sueto em excursões pela Suissa e uma fugida a Paris.

No segundo anno é que constou ao Antoninho que o primo vinha a Lisboa.

Esta noticia, caída em casa como um raio,

crispou-lhe os nervos molestissimamente. Elle, a completar trese annos, ia levando a sua vida muito direitinha, sempre com as mesmas distincções nos exames, a mesma entranhada aversão aos livros, as mesmas profundas excavações do fura-bôlos no nariz, as mesmas ladainhas, as mesmas novenas...

Aquelles dois annos tinham sido muito tranquillos. A mamã louvara a Deus pelo providencial afastamento do primo Jayme. Temia-se d'aquella influencia nefasta para o ingenuo Antoninho. Realmente lhe parecia que, depois da separação, o seu filho era mais seu; mais seu, e tambem mais espontaneamente da igreja. Agora já elle não tratava de indagar porque o papá não punha pé na igreja. Guardava sobre o assumpto um discreto e significativo silencio.

Assim se fôra arraigando á piedosa senhora a doce convicção de estar modelando, entre as suas mãos devotas, um verdadeiro, um puro e fervente catholico, d'esses que, no conceito do seu confessor, tanto beneficio deviam trazer ás energias da nação e aos prestigios da christandade.

Estavam á mesa quando o papá disse que o Jayme chegaria a Lisboa no dia seguinte. O Antoninho teve como um afrontamento. Corou

até á raiz dos bandós que a mamã penteava com esmero e primor. Voltavam com mais energia as impressões negras do passado. O coração outra vez batia com força pancadas de odio. Represado tanto tempo, vinha agora em borbotões que afogavam.

Havia de estar bom o Jayme com mais o condimento das viagens! Seria de vulto a bazofia das suas idéas novas! E detestou o mais do que nunca, entranhadamente.

Chegou emfim o transe temido. Tremulo por dentro, pallido nas feições, dentes cerrados, o Antoninho tratou de encastellar-se na sua odienta reserva.

O Jayme entrou ruidosamente, expansivo, como quem se comprazia de matar saudades largas. Abraçou e beijou a tia; depois o Antoninho, muito hirto, talvez a esquadrinhar no seu bestunto os fundamentos de tanta ousadia.

Vinha muito mais loquaz o Jayme. Declarou que estava muito contente por ter vindo. Já tinha muitas saudades da sua terra e da gente de cá. Depois contou singelamente, sem pretenções, o encanto dos largos passeios pelos montes da Suissa, as lindas excursões alpinas que já alguma vez fizera.

O Antoninho sentia-se estupido. Os seus pro-

positos de odio feneciam diante d'aquella expansiva alegria do primo, que parecia esbracejar, querer alcançar e colher a todos.

Depois elle falou da sua bicycleta. Pensava dar com ella grandes passeios nos arredores de Lisboa. Queria que o Antoninho aprendesse a andar em bicycleta. Emprestava-lhe a sua e alugava outra. Achava que nada convinha ao Antoninho como o exercicio physico; parecia-lhe delgadito, falho de musculo. Nos arredores de Lisboa havia passeios lindos. Sair de manhã cedo era um encanto. Levariam o almoço. Comeriam ao ar livre, como na Suissa. Nada como a alegria do campo, o vigor adquirido no convivio intimo com a natureza.

No domingo immediato projectava dar um grande passeio a pé. Gostaria de levar o Antoninho, se os tios dessem licença. E tambem no sabado poderia dar-lhe no Campo Grande a primeira lição de bicycleta.

Nos hombros magros do Antoninho notava-se como um tremor de ave implume que anceia pelos primeiros vôos sob instigações da mãe zelosa.

O Jayme olhava-o com sympathia e certo ar protector. Mas a mamã interveiu logo, com uma opposição firme, cerrada, irreductivel. Não po-

dia ser; não podia. No sabbado tinha muito que estudar; uma infinidade de cousas para decorar. No domingo tinham missa de festa em S. Domingos e isso acabaria tarde. Não podia; não podia ser.

O Jayme ia talvez a oppôr uma observação. O olhar frio da tia gelaria a palavra ao mais ousado; e elle não o era.

O Antoninho tinha os olhos pasmados no primo. Aquillo era extase. Devia estar vendo um mundo novo, ignorado até então. Com ar timido, voz incerta, atreveu-se emfim a murmurar: «Se fosse o papá, deixava-me.»

Que feio, terrivel sobrolho carregou a mamã! Accentuaram-se-lhe as olheiras. Carminaram-se-lhe vivamente as maçãs do rosto. A voz tremia ante o insolito acontecimento.

— «O menino vae onde eu quizer que vá.»

Seguiu-se um silencio oppressivo. Não havia ali reatar conversação.

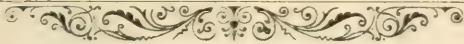
O Jayme levantou-se; despediu-se da tia friamente, um tanto compromettido. Ella estendeu-lhe para a solemnidade do beija-mão dois dedos hirtos onde scintillava profusão de anneis.

O Antoninho — caso insolito, nunca ainda observado — saíu adiante do Jayme, corredor

fóra. Ia abrir-lhe a porta. Nos olhos brilhavam-lhe lagrimas—«Adeus!»—disse. E o labio tremia-lhe, n'um movimento ingenuo de commoção infantil, que foi direita ás melhores fibras do Jayme. Este não pôde conter-se. N'um impulso franco e indiscreto, perguntou confiadamente, em voz apagada, em tom de profunda incredulidade: «E' verdade que vaes á missa de festa em S. Domingos?»

O outro olhou para elle de frente, olhos muito abertos, illuminados por franca expressão de confiança. E, de repente, córado, travando-lhe do braço para leval-o ao patamar, disse-lhe ao ouvido, n'um tom de energia extremada, empertigando-se com muita importancia: «Quando fôr homem, não vou. E' agora... por causa da mamã.»

Sellaram este segredo apertando-se as mãos com vehemencia. Era calor que vinha de dentro, fluido de sinceridade circulando pela primeira vez nas relações naturaes de duas crianças.

BAFORADA DE ARTE

Duas horas bem dadas e o José Miguel sem apparecer! Bufando irada, a Francisca revolvia no tacho o bacalhau com batatas.

— Uma assim! A comida a estragar-se toda! Os rapazes damnadinhos com fome! Se não fosse por aquella do José Miguel que, á viva força, ao domingo, haviam de comer todos juntos!... já tinha mas era dado seu prataz a cada um!.. Mafarrico do inglez! Que dianho quereria elle aos operarios? Forte descôco!

A pequenada, descendo mais uma vez a rua das Padarias, espalhava-se na Praça que um lindo sol de Cintra alagava, festejado pelo hymno da Carta que a guarda do Palacio martelava a retalhos.

E *escapuliam-se* até ao palacete Ficalho, e ainda alem, a espreitar se o pae aparecia para

o lado dos Pisões. Elle sempre trazia de casa do inglez um ramo de medronhos.

N'isto a Francisca, á porta, berrava, côr de açafrão: «Eh! Artemisa! Loureano! Amilcar! Guadalberto!» — Não fosse algum *pirar-se* e ficar por lá sem jantar! — dizia ás visinhas.

A boas horas! Laureano montava com ferocidade um burro do Carôna que esperava freguez e pancada á porta da *Lawrence.* Amilcar implorava cinco reis a um inglez vermelho, esguio, vestido de branco, que apontava ás torres de Mafra um oculo esguio como elle. Os outros dois pasmavam diante de um taboleiro de especiones, porque a velhota, n'um arranco generoso, cedera na vespera quatro tremoços em favor da irmandade.

Emfim o José Miguel apontou alem, a beber um trago na fonte dos Pisões E logo saltaram n'elle os quatro:

—«O' pae, hoje nan taz med'onhos?»

—«O' pae, dá-me agua a mim tam'em?»

—«O' pae, o jantar já 'tá ponto.»

—«O' pae, qu'é isso?»

E elle a tratar logo de livrar de semelhantes galfarros um papel que trazia na mão. Infundiu-o no bolso interno do casaco, levantou em braços a Artemisa, e, entre risos: «A modos

que ha por cá muita larica...»—E ella, atirando-lhe os bracitos ao pescoço, mordia-lhe uma orelha, chiando muito.

Passavam pelo correio.

Um de galão: Vens da festa, José Miguel?»

—«Ná... Venho de casa do inglez».

—«Boa pachorra!»

—«Qualquer dia ha-des tu ir comigo».

—«Se lá nan fôr otro, o filho de mê pae...»

Defronte da cadeia pararam. Passava el-rei a cavallo.

O José Miguel tirou o chapeu sôrnamente. Os pequenos escancararam olhos e bocas.

—«O' pae, aquelle lad'ão tam'em ti'ou o chapeu!»

A observação era do Amilcar, o segundo. E apontava a janella lobrega da prisão com o dedito muito espetado.

—«Quem lhe disse a você que aquelle é ladrão, seu traste?»

—«'Tá ali...»

—«Isso nan tira. Os mais ladrões andam cá por fóra á solta».

—«E antão os policias? Porque é que os policias nan nos prendem?»

Iam outra vez andando.

—«O' pae, vo'mecê gostava de ser rei?»—

O interrogante, Laureano, morgado na familia, era seu tanto philosopho, já com o peso de oito annos ás costas.

—«Eu sei cá de que gostava, rapaz! Gostava de ter dinheiro para os tirar da rua a vocês».

—«Eu cá qu'ia mas era ser cavallo»—affirmou, no seu tatibitate, Guadalberto, o dos cinco annos. Em quanto trepam a calçada, escutemos na Praça um dialogo. Interlocutores: um caixeiro do Lino e um servente do café ao lado.

—«Aquelle vem da escola...»—ar de mofa.

—«De casa do inglez, hein?»

—«Grande typo!... Já hoje aqui passou, de trem... ainda bem não tinha saido o sol».

—«Parece que tem, os dois, bicho carpinteiro A mulher a vi eu já hoje passar na Sabuga a cavallo».

—«O que elles têm é que avezam muito bago... Isso a casa diz que está!... P'ros modos, só de pinturas, n'isto de quadros, tem enterrado um rôr de dinheiro».

—«Vê-se que tomaram gosto cá á terra... Pelo tempo que ahi estão! Tam'em, belleza com'á de Cintra acho que nan na ha em todo o mundo».

— «Isso agora... lá me parece muito... Olhe você que o mundo é muita terra... A mim o que mais me dá que entender é esta do José Miguel... Que farão os gajos de volta co'elle aos domingos?»

— «Vae elle e vão muitos... E' a modo obra de uns discursos... Como se a gente cá nan estivessemos tam'em fartos de cantilenas!...»

— «Se o gajo fosse portuguez, estavam as inscripções tiradas: queria ser diputado... Agora sendo inglez... e riquissimo!»

— «Serão coisas de padres, rapaz?»

— «De padres? Não digo nada...»

— «E d'ahi, será areia tamem... Ha muita areia por esse mundo».

O José Miguel, subindo a ingreme rua das Padarias, acenava entre tanto aos visinhos, aos dois lados.

—Que entrasse — pediam.

— Nada, nada. Ia com pressa por causa da patrôa. Devia estar como a polvora.

Chegaram.

— «Ora, bemdito seja Deus!» — Estas palavras piedosas, pronunciadas com mais indignação que piedade, revelavam muito do vulcão

que chispava nos olhos da Francisca. —«Julgava já que tinhas morrido, home!»

E elle, de bom humor: «Ná! Vaso ruim nan quebra».

A chalaça operou de folle soprando brasas. —«E o cravão aqui a gastar-se!»—O vapor do bacalhau não parecia senão exhalação da propria ira que tressuava no nariz abatatado da Francisca.

Logo que apanhou os pequenos todos a mastigar com ancia, explodiu: «Tu nan me vens agora de casa do inglez... Aqui anda marosca, olá se anda! Já nasci ha munto anno. Faço-me parva mas nan no sou. Sequer ó menos manda arranjar o jantar p'r'ás tres. Que mais nan seja, por via das crienças... E escusa de se estar a gastar um rôr de cravão!... Saber uma pessoa com que hade contar... De casa do inglez a esta hora! Quem te nan conhecer que te compre... Pae Paulino...» — e o indicador a esgasear expressivamente o olho direito. — «A mim nan m'ingrolas tu... Deixa-te ir assim que vaes bem!» — e movida por um subito palpite: «Aposto que já nan tens nem cinco reis da feria!...»

Elle, muito sereno, levou a mão á algibeira do collete e tirou dinheiro que espalhou sono-

ramente na mesa. Em tom risonho, de muita pachorra: «A ver quanto vem a faltar... Bota-lhe as contas».

Ella, n'um relance, fez o calculo. E amainou instantaneamente.

—«Os dez reis que faltam dei-os a um cego, ali ó cabo de cima da Penha Verde... Isso da cegueira é um tal diacho!»—e o José Miguel, satisfeito de consciencia, escancarava benevolamente a boca a uma poderosa garfada.

A Francisca, apaziguada, serviu-se tambem. Mas erguendo no ar a colhér com uma energica intimativa que salpicou a mesa: «Que me melem se tu vens de casa do inglez dereito!»

O José Miguel assoou-se e limpou methodicamente o nariz. Depois, como para si, de olho revirado para dentro: «Se a gente nan sabemos nada! se a gente semos uns brutos chapados!... uns animaes!...»

A Francisca largou o garfo, inscrevendo-lhe os dentes na toalha pintalgada de nodoas. Ia a dizer uma cousa. Mas conteve-se, a observar rigorosamente o marido. Seria outra a cara do seu homem, se lh'a tivesse pregado — reconhecia. E poz-se outra vez a comer, já muito embrandecida.

—«Nada... E' que nan sabemos mesmo

nada. . Somos uns animaes... umas bestas.

Ella conformou-se sem protestar. Havia na cara do seu homem um não sei quê que lhe tolhia os impetos. Quando o via assim todo mettido em si, olhos revirados, falas profundas, acobardava-se. Fossem lá espicaçar a criatura quando inté parecia que lhe tinham dado olhado ruim!

A pequenada comia sôfrega e calada. O José Miguel saboreou um trago de Collares. Depois, limpando o bigode á mão callejada pelo carpinteirar de muitos annos, decretou, solemne: «Domingo tam'em tu hades ir».

A Francisca largou o canto de pão saloio que já ia a meio caminho da boca. «Adonde? Nan querem lá ver?!»

—«Olha o espanto!... A casa do inglez... a casa do sr. Morton.»

—«Home, deixa-me cá! A casa do inglez! Ora, ora! Que vou eu lá fazer?»

—«E' boa! O mesmo que eu»—E mais auctoritario—«Vaes... E' porque ha-des ir.»

A Francisca já oscilava entre o acanhamento e a curiosidade:

—«Mas a final... que vaes tu.. que vão os outros lá fazer?»

—«E' o rapaz, o sr. Morton filho... que explica á gente uma data de quadros que elles lá tem...»

—«Quadros de quê?»

—«Isto de paineis...»

—«E elle o que diz, entende-se?»

—«E' portuguez a modo atrapalhado, mas percebe-se... Tem dinheiro como milho aquella gente... Vão-se aos quadros mais catitas dos museus por esse mundo fóra, e toca a mandal-os copiar...»

—«Copiar?»

—«Sim, mulher... Copiar, copiar... Este casaco nan m'o fez ahi um official por outro do Marcos, feito em Lisboa? Pois ahi está a coisa. Nunca fica obra de tanto preceito... mas pode-se vestir. Pois é o mesmo caso. Percebeste agora?»

Ella evadiu a resposta.

—«No museu já a gente estivemos quando foi do centanairo... ahi p'r'as Janellas Verdes... Nunca me ha de esquecer aquelle ladrão... mais mal encarado!... que ia p'ra matar a pobre senhora na cama.»

—«Esse museu de Lisboa nan presta p'ra nada. Despois, a gente põe-se a olhar p'r'aquillo e fiquemos na mesma... Se a gente nan sa-

bemos nada!... Cá no Palacio é outra coisa... Ali dá-se rezão de tudo... Tudo na vida quer a sua explicação.»

—«O' rapaz! tu nan me comas c'os dedos... Limpe-me já essas mãos, seu grandecissimo porco» — e a Francisca acudiu com o avental a praticar a operação citada — «E este nariz dos meus peccados! nem um chafariz!» — e mais avental acudindo ao fluxo nasal da Artemisa.

—«Pois aquillo, mulher, por gosto se pode óvir o dianho do rapaz! Até parece que tem mandinga... Que aquillo é elle a falar, a falar, e a gente ali, como uns palermas, de boca aberta... Aquelle p'ros modos tem visto mais mundo que o Vasco da Gama... E lá fóra é outra fazenda... nan é com'áqui... Aqui somos uns brutos... O povo antão está como os animaes... Por isso o querem levar a chicote... Elle tamem, quando calha, é coice que ferve.»

—«Agora é que tu acertastes. Nan vás mais longe... Inda hoje o Joaquim ferrador assentou um murro na mulher que, se aquillo nan valia um par de coices... Excommungado!»

—«Se a gente aqui nan aprendemos nada!...

nan gosamos nada!... Estamos como as bestas, amarrados á mongidoira.»

A matilha, saciado o appetite, levantara-se em tumulto.

—«O' pae, dê cá um vintem p'ra um bolo da Ilha.»

—«Estão muito caros os vintens.

Outra voz.

—«O' pae... mas hoje é domingo.»

—«E amanhã é segunda feira.»

Terceira voz: «O' pae, vo'mecê prometteu.»

—«Essa agora é peior!»

Voz melindrosa da Artemisa: «O pae, olhe qu'eu chóo.»

—«E a mim que me importa que vocemecê chore? Quanto mais chora menos...»—não concluiu porque ella lhe mettia os dedos pela boca.

Coro de quatro vozes:
«O' pae, sim.»
«O' pae, dê.»
«O' pae, ande.»
«O' pae, vá.»

O José Miguel tinha as mãos coladas aos ouvidos, atordoado.

A Francisca commentava em tom colerico, que o olhar desmentia: «Nem que tivessem

fome! Os pratos bem lembidos ficaram!.... E' lamborice, é o que é!»

—«Pois 'stá visto!»—e o José Miguel poz trinta réis sobre a mesa com solemnidade: «Ahi vae... Os dez réis que sobram são para pevides... Agora, muito cuidado... Vejam lá o que fazem... O bolo é para partirem em quatro, ouviram?»

Sairam de escantilhão, atropelando-se, porta fóra. E nem pio. A alegria emudecera-os. Só o migalho de gente da Artemisa ia gritando em tom descommunal: «O maior é p'a mim que sou mais piquena.»

Passava o Joaquim ferrador.

—«O' seu Zé Miguel, venha d'ahi decilitrar um bocado.»

—«Ná. Estou jantando.»

—«Tarde é o jantar hoje!»

—«Demorei-me mais... Se quer uma pinga...»

O ferrador não se fez rogar.

—«Pois vá lá isso.»—e entrou, sem a menor attenção para a cara de palmo e meio que lhe poz a Francisca. Este ferrador tinha um soberbo desprezo antigo pelo ser inferior, a mulher.

O José Miguel, tambem, deitou-lhe vinho e não fez mais caso d'elle.

—«Pois, mulher, o que te digo é que o inglez a falar mette-se pela alma á gente... Fica-se assim a modo... eu sei lá como!... fica-se inté consolado por dentro.»

—«Consolado!... Deixa que inda elles acabam por te dar volta ao juizo...»

—«Sim, mulher, sim... E' que ali não é só explicar os quadros... é explicar a iarte...»

—«A iarte!»

—«Sim a iarte... Olha a grande admiração!... A iarte!» —e elevava muito a voz.

—«Sim, bem te oiço... Eu nan sou mouca... Mas antão isso de arte que vem a ser?»

O José Miguel sorriu complacentemente.

—«Se elle é o que eu digo!... Se a gente vivemos com os olhos tapados!... A iarte, mulher...» —e coçava a cabeça, preoccupado— «Nan cuides tu agora que eu os nan entendo... Uma coisa é ouvil-os a gente lá, e outra é puxar pela lingua para dizer as coisas e pôr o nome ós bois... A iarte é uma coisa que mette assim a modo uma alegria dentro de uma pessoa...»

—«Pois home, antão, mais precisada qu'eu estou de lá ir! A ver se ó menos um dia me

chega a vontade de rir... Leva a gente aqui a vida mais ralada!»

—«Nan se trata d'isso, mulher... Nan vae de risota... Valha-me Deus e os santos meus! A ver se me entendes...»

Rugas profundas indicavam na testa do José Miguel um grave conflicto cerebral. Com um suspiro largo e alto resfolegar das narinas, accommetteu de novo o thema: «Tu escuta com attenção... A gente põe-se a olhar muito seria para um quadro... Co'a breca!... parece que já d'ali se nan podem arredar os olhos... E põe-se o typo a dizer p'ra dentro: *Sempre o gajo que fez isto tinha mais aquella! Anda que p'ra pôr tudo ahi como vivo, só com pegar n'uns pinceis e n'uma pouca de tinta!*... E é que nan vae dos dez dedos, que mãos todos as temos» — e o José Miguel mostrava emphaticamente as suas, muito escarrapachadas — «Vai de outra coisa que está aqui e aqui» — e acceso de enthusiasmo, pespegava duas valentes palmadas na testa e na parte esquerda do peito — «E é que sae uma pessoa d'ali a matutar n'aquillo. Ficam-lhe aquellas coisas a modo gravadas no miolo. Chega um hóme a casa e só com pôr-se a magicar, parece que se lhe representa tudo outra vez tal qual... E aqui temos um hóme

divertido, sin puxar cinco réis da alzebêra p'ra fóra, sin murmurar da vida alheia, sin pôr pé na taverna... Pois ahi tens tu... Ahi tens o que lá elles chamam a iarte... Percebestes agora?»

— «Sim, home... bem percebo... Sim... vens tu a dizer na tua...» — e a Francisca, atando e desatando inconcientemente o lenço do pescoço, buscava em vão palavras que não chegavam.

O José Miguel, como ensimesmado, não dava por aquelle conflicto.

A Francisca notou de relance a atitude do ferrador. Estava o bom do sr. Joaquim fazendo ali o que pensara fazer na taverna. A garrafa de Collares ia em muito menos de meia.

Economicamente indignada, a Francisca poz-se n'uma grande ancia de signaes cabalisticos para o marido. Mas elle não deu o menor indicio de comprehensão. Devia estar todo em casa do inglez.

Subito, inundando-lhe o rosto uma expressão de goso inefavel: «Sempre hoje nos explicaram um quadro! Caramba, mulher! que maravilha! Chamam-lhe *As meninas*... Os quadros tem nome como as pessoas... Aquillo que elles lá tem é copia. O verdadeiro está em Hespanha... em Madrid que é lá p'r'ós hespanhoes como

aqui Lisboa p'r'a'gente. Quem o pintou... o verdadeiro... foi um tal Velazquez já ha um rôr de annos. Coisa ahi por 1656 ou 1657... Já vês!... E p'r'os modos aquillo tinha umas mãos o tal excommungado!... Aquillo ali está tudo vivo... E mais a gente aqui nan vê mais que é a copia... A mim, o que mais me dá que fazer é como o gajo teve arte de se retratar a si mesmo... Pois ahi o tens que só le falta falar... Elle figura que está a pintar o retrato do rei e mais da rainha — já nan m'alembra que reis são... uns reis d'aquelle tempo, que in todo o tempo hovéram reis... A gente sabe d'isto do retrato porque os vê representados ambos e dois n'um espelho que está defronte. Mas o melhor da festa inda nan é isto... A' frente do quadro sae uma petiza de seus cinco ou seis annos, vestida de branco, com um grande balão que era a moda n'aquelles tempos .. Coisa mais linda! Chamava-se a princeza Margarida. E logo ahi á roda duas mocinhas, tambem de balão, assim a modo de companheiras ó aias... mas o melhor de tudo... verás... O melhor de tudo inda é o cão... Um pedaço de cão!... um canzanas ali todo repinpado que parece que todo o mundo é seu! Com uma grande papada, para ali meio

a dormir como um abbade farto... Bem se le dá qu'o raio do anão le ponha o pé em cima!... Coisa mais natural! Nan le falta mais qu'é falar... digo, nan parece senão que está vivo... Sempre te digo, mulher, que o tal senhor Velazquez que tinha dedo!»

A Francisca estava como hypnotisada. Fechava e abria lentamente os olhos. O calor da comida e a arenga marital tinham-na mergulhado n'uma especie de modôrra, saccudindo a qual, ella perguntou por entre um longo e sonoro bocejo: «E a final, tudo isso dos quadros para o que é que serve?»

O José Miguel, olhos revirados para o tecto, não é certo que a ouvisse. Em tom de crescente enthusiasmo: «Queres tu ver!» — e mettia a mão ao bolso interno do casaco — «Isto não é mais que um bilhete postal... mas por'qui já se faz muita idéa do quadro das *meninas*» — Era aquelle objecto que na fonte dos Pisões o José Miguel subtrahira escrupulosamente á avidez damninha da sua prole. — «Isto dão elles lá á gente... Olha-me tu aqui a petiza... Vê-la?... Olha-me aqui d'esta banda o canzanas... Vê-lo?... Este bilhete vou-lhe fazer um caixilho, e pranto-o mas é ali na parede.»

A Francisca esfregava os olhos com a pretenção vã de desterrar o somno.

— «Estas crienças nan parecem senão abortos, hóme» — notou por fim com gesto de aversão.

— «Q'aes crienças nin qual carapuça! São mas é anões... Era lá gosto dos reis d'aquelle tempo... terem aquella tropa em casa para se divertirem...»

— «Agora me rio eu!... Nan querem lá ver!.. Pois p'ra uma pessoa s'advertir co'elles!... maiores estafermos!...»

— «Antão, mulher!... Quem nan tem que fazer faz colheres; nunca óvistes?... Tu nan no amarrotes que o quero prantar na parede» — e o José Miguel mirava circumspectamente as paredes nuas da sua casa. Por fim, apontando com resolução para um lado, o do seu banco de carpinteiro, decretou:

— «Vae p'r'ali... Mas escapula e saco, tudo isso ha-de rodar d'ali para fóra...»

— Oh hóme, o saco do pão!... P'r'amor de Deus... Ora que mal fará ahi o pão?!»

— «Busca-lhe outro sitio...»

— Oh! hóme... Adonde queres tu que se prante o pão? na minha cabeça?»

E elle, intransigente, com certa pontinha de

ironia: «Em ultimo caso, não havendo onde o pôr, vae-se buscar ahi ao padeiro cada vez que fôr preciso... Para alguma coisa ha-de servir estar a gente na rua das Padarias..» N'essa parede cabe muito bem a collecção de bilhetes postaes que elles nos vão dar... Tudo quadros dos melhores que ha por esses paizes fóra... As copias, bem entendido... Verás tu que lindeza!»

E a Francisca, já mais desempoeirada do somno, entre apprehensiva e prazenteira: «Nan querem lá ver! Dão-me c'o home in maluco!»

A pequenada entrou de roldão.

CORO

«O' pae... diga... escute lá»
«O' pae, o Laureano é mas é um maland'o»
«O' pae, o Amilcar diz que m ha de dar uma cacholeta»
«O' pae, eu é que sou mais piquena ná é vedade?»

— «Safa! Que ingresia!... Que diabo querem vocês? Fale cada um por sua vez, senão vae aqui tudo raso, c'um chinelo.»

O Laureano assumiu ares de interprete.

— «O' pae... veja lá... Sobejam estas tres pevides. A quem se dão?»

— «P'a mim, que sou mais piquena» — sus-

tentava a Artemisa, invariavelmente appoiada na força d'aquelle argumento.

Voz do Guadalberto: «Eu é que fiquei c'o bocado mais piqueno do bolo.»

Solução do Amilcar: «S'a tia Maria desse mais uma pevide, já estava tudo arranjado.»

O Laureano, com brios de generosidade filial:

—«Se o pae quer, aqui está... são p'r'ó pae... Agora para esses... chó rôla!»

— «Sim senhor... Pois muito obrigado» — e o José Miguel, apropriando-se das tres pevides, destribuiu-as pelos tres mais pequenos. — «E lá você, como mais velho, tenha vergonha n'essa cara e seja home de ordem... Ná, nan me ponha essa carantonha... E' rodar d'aqui p'ra fóra se nan quer um estalo p'las ventas.»

Laureano, de viseira caida, foi encostar-se á hombreira da porta a coçar uma orelha.

Os dois do meio sairam disparados para a rua. Amilcar passou pelo inimigo derrotado, fazendo surriada á socapa.

— «Deixa estar!» — grunhiu Laureano, agitando ameaçadoramente a mão espalmada.

Entretanto o José Miguel sentara a Artemisa nos joelhos. O cabellito d'ella, anelado e louro, estava arrochado n'uma trancinha muita dura.

O pae, nas pontas dos dedos, desfez aquillo com geito. Soltando-lhe os caracoes á volta do rostinho, tão mimoso como o da infanta Margarida, disse regosijado: «Ah! agora, sim!»

— «Nan parece senão um cão d'agua» — apreciou, despeitada, a Francisca, que não levara pouco tempo architectando aquelle penteado dominical, tão apreciado das visinhas.

— «Se tu nan me queres crer, mulher!... O bonito é a natureza... Qual vale mais: ali os lagos da Pena ou o mar que bate na Praia da Adraga?»

— «O bonito vae ser mas é amanhã desembaraçar-lhe essa grenha...»

— «Isso agora já é outra questã...»

Soou um ronco espesso e profundo. Era o Joaquim Ferrador, adormecido na beatitude alcoolica.

O José Miguel, com um gesto de repugnancia, levou a filha em braços ate á porta. Com dois acoites fingidos, expediu-a em busca dos irmãos.

Depois, voltando, poz-se a olhar com investigação curiosa para o visinho. Decorrido um momento, fechou a mão esquerda, formando oculo. Applicou o instrumento ao olho correspondente e ferrou-o no Joaquim.

— «Sempre te digo, mulher, que o tal Velazquez era um gajo!... Pintou um quadro chamado *Os borrachos*, como quem vem a dizer *Os piteireiros*... Pois o figurão mais p'r'a esquerda é essa besta por uma penna... Elle, a dizermos a verdade nan ha coisa mais safada nem mais suja qu'é a borrachice!...»

E a Francisca, mais sensivel á economia que á esthetica: «E é que a virou toda!» — e agitava no ar, com indignado protesto, a garrafa vasia. — «Deixa que, inda por cima pagar a gente quatro vintens p'ra ter esse estupôr ahi a roncar como um porco!» — e fez um profundo gesto de asco, cuspindo no chão e limpando a boca ao avental.

FIM

INDICE

OBRAS DA AUTORA

A's mães e ás filhas. *Contos.* Lisboa. A. M. Pereira, 1886 2.ª edição, 1888 — 3.ª edição, 1900.

Primeiras Leituras. Lisboa, A. M. Pereira, 1890 — 2.ª edição, 1899.

A filha do João do Outeiro. *Romance.* Lisboa, A. M. Pereira, 1894.

Amor á antiga. *Romance.* 2 volumes. Lisboa, A. M. Pereira, 1894.

Madame Renan. *Romance.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

Genoveva Montanha. *Romance.* Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1897.

O Tio Victorino. Novella dedicada ás creanças portuguezas em commemoração da festa nacional do quarto centenario da India, 1898. (Obra baseada n'um estudo expressamente feito sobre *Os Lusiadas).*

Revista Branca. Dedicada aos pequenos e aos novos, 1899-1900.

Testamento de mãe. Novella para a infancia. (Narrativa de viagem por Hespanha, França, Suissa e Italia). A. M. Pereira, 1900.

Primeira Agonia. Episodio dramatico em 1 acto, representado pela primeira vez no Theatro de D. Maria II em 13 de janeiro de 1900.

Genoveva Montaña. Version española por *Un Lusofilo.* Madrid, 1901. Libreria de Fernando Fé.

Commentarios á vida. Collecção de artigos sobre questões sociaes publicados em jornaes portuguezes. Lisboa, A. M. Pereira, 1900.

De Longe, contos illustrados com 110 gravuras. Lisboa, A. M. Pereira, 1904

Dolorosa, por Francisco Acebal (traducção). *Romance.* Lisboa, A. M. Pereira, 1905.

Relatorio da viagem de estudo a estabelecimentos de instrucção secundaria do sexo feminino na Inglaterra, Suissa e França. (Publicado no *Diario do Governo.* Appendice ao n.º 17, 25 de janeiro de 1889.

O que deve ser a instrucção secundaria da mulher? Memoria apresentada ao Congresso Pedagogico Hispano-Portuguez-Americano. 1892.

Relatorio de uma visita de estudo a estabelecimentos de ensino profissional do sexo feminino no estrangeiro. Lisboa, Imprensa Nacional, 1893.

La Femme et la Paix. Appel aux mères portugaises. (Quarto centenario do Descobrimento da India. Contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa. Imprensa Nacional, 1898.

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.